

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Daniela Caroline Dornellas

Juliano Moreira nas páginas dos jornais: entre notícias, diagnósticos e memória (1910-1919)

Uberlândia-MG
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Daniela Caroline Dornellas

Juliano Moreira nas páginas dos jornais: entre notícias, diagnósticos e memória (1910-1919)

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Daniela Magalhães da Silveira

Uberlândia-MG
2025

Dedico este trabalho à minha mãe, sem ela nada disso seria possível. E ao meu pai (*in memorian*), que sempre acreditou em mim e que, hoje, me olha de longe.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecer à minha mãe, que sempre me incentivou a ler e desde criança cultivou meu amor pela docência. Sem você eu não estaria aqui, obrigada por ser essa mulher tão forte que me ensinou a lutar pelos meus sonhos e sempre levantar depois de cair. Obrigada por ser minha inspiração, por ler cada capítulo deste trabalho tão especial para mim, me apoiar em cada etapa e me ensinar sobre as coisas mais importantes da vida. Deus me fez porque sabia que eu ia te amar hoje e sempre.

Agradeço também as minhas outras mães, Kátia e Luciana, que me apoiaram quando ninguém acreditava nas minhas escolhas e me receberam com tanto amor e carinho, e em momentos tão difíceis! Tenho muito orgulho de chamá-las de mãe e obrigada por me acolherem como filha. Um agradecimento especial a vó Olguinha, que mesmo sem ter conhecido, foi uma inspiração na minha trajetória como historiadora.

Também sou grata a minha outra família, a família que construí todos os dias na faculdade, aos meus amigos, Emília, João Caixeta, Anamaria, Heitor, Jhonatan, João Mateus, Maria Júlia, Samuel e Ana Marília! que estiveram comigo a cada crise de riso ou de choro, que me encheram de amor quando mais precisei e fizeram deste momento um dos mais especiais da minha vida. Minha formação só foi possível pelo apoio de vocês. Obrigada por terem deixado a vida acadêmica sempre mais leve.

Ao Jão, meu irmão de outra mãe, minha alma gêmea que pude encontrar aqui na UFU, a pessoa que me faz ter vontade de conhecer São Paulo. Sou especialmente grata a você irmão, que me ajuda e encoraja todos os dias com palavras tão doces e carinhosas. Obrigada por estar comigo em meus momentos mais difíceis, conseguindo me fazer rir e deixando o peso da realidade mais divertido. Eu tenho muito orgulho de você e de ser sua amiga! Você é luz por onde caminha, obrigada por tanta sintonia e domínio, amo você!

Também agradeço ao meu amor, Vinícius. Obrigada por me lembrar cotidianamente o sentido da palavra amor, por ler e reler esta pesquisa várias vezes, por me ajudar em todos os momentos, me ensinando o que é cumplicidade e me encorajando a cada passo deste trabalho. Obrigada por ter acreditado em mim e por encher meus dias com amor, obrigada por ser minha

casa! Eu amo você meu bem (um obrigada especial a todas as indicações que tornaram meus dias mais tranquilos).

Agradeço especialmente à minha orientadora e xará Daniela. Obrigada por me orientar e auxiliar ao longo de toda formação. Serei uma historiadora e carregarei todos os seus ensinamentos comigo ao longo da minha trajetória como profissional. Obrigada por confiar no meu trabalho e no meu potencial quando, às vezes, nem eu confiava! Obrigada pelo carinho, pela ajuda e por me formar como a pesquisadora que sou hoje. Te admiro muito como mulher, professora e pesquisadora! Obrigada por compartilhar seus conhecimentos comigo e me encantar pela pesquisa.

Igualmente, agradeço a todos os professores que passaram pela minha graduação e me auxiliaram em tantos momentos. Agradeço especialmente à minha banca, por aceitarem ler este trabalho, avaliá-lo e participar deste momento tão especial para mim. Ao Professor Jean obrigada pelos diálogos que construímos durante sua disciplina, que me possibilitaram questionar e entender a pesquisa em História e trabalho com a fonte e as relações com a educação. À Thamiris, obrigada por me auxiliar desde o começo da graduação, com as mais diversas questões acadêmicas (que não foram poucas!) e pelo apoio sempre que necessário. É através da ajuda de todos vocês que será possível concluir esta etapa da minha vida acadêmica.

Por fim, agradeço ao meu pai, que por mais que não esteja mais aqui comigo, me olha todos os dias de longe. Obrigada por ter me ensinado a ser quem eu sou e por me ensinar a ser forte e resiliente. Espero que você esteja orgulhoso desta pesquisa e dos caminhos que estou percorrendo. Eu amo você da onde você estiver papai, estou com muita saudade do seu abraço. Obrigada pelas tartarugas!

Resumo

Esta monografia tem como principal objetivo analisar a presença de Juliano Moreira, um psiquiatra negro que ocupou a direção do Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, a partir da imprensa carioca entre os anos de 1910 e 1919, momento de grande volume nas notícias encontradas com o nome do médico nos jornais e período de consolidação de seu cargo como diretor da instituição de alienados. Procurei investigar em quais espaços dos jornais este psiquiatra apareceu e quais foram os objetivos daqueles redatores ao citá-lo. Neste processo, foi identificado que Moreira desempenhou diversos papéis sociais ao longo de sua trajetória. Sendo reconhecido não apenas como psiquiatra, mas também como político e importante voz nas decisões legais acerca da sanidade mental. A partir desta investigação foi possível observar a articulação entre medicina e política, capaz de interferir na construção de um país que se construía naqueles primeiros anos pós-Proclamação da República. Ademais, propõe-se também relacionar esta temática ao Ensino de História, buscando uma abordagem decolonial e antirracista.

Palavras-chave: Juliano Moreira; Medicina; Política; Alienação; Ensino de História; Memória.

Lista de Figuras

Figura 1 - Coluna “Noticiário”	45
Figura 2 - Coluna “Echos e Factos”	46
Figura 3 - Notícia “A Morte de Pinheiro Machado”	68
Figura 4 - Anúncio sobre o caso do assassinato de Pinheiro Machado	69
Figura 5 - Julgamento do Manso de Paiva como novidade em anúncios	69
Figura 6 - Juliano Moreira	81
Figura 7 - Juliano Moreira e Albert Einstein	82

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Juliano Moreira na “Echos e Factos”	48
--	----

SUMÁRIO

Introdução	11
 Capítulo 1 - Juliano Moreira pela perspectiva da imprensa carioca: um diálogo que ultrapassa a medicina e chega à política	34
1.1 Introdução	34
1.2 Relações entre imprensa e ciência: um lugar de debate e divulgação	36
1.3 Juliano Moreira na coluna “Echos e Factos” no Jornal <i>O Paiz</i> (1910-1919)	44
 Capítulo 2 - A atuação de Juliano Moreira na medicina legal e a repercussão na imprensa	56
1.1 Introdução	56
1.2 Imprensa e alienação mental	59
1.3 A sanidade questionada	62
1.4 Um diálogo entre medicina, política e sociedade	73
 Capítulo 3 - Articulação entre o Juliano Moreira e o Ensino de História na contemporaneidade	76
1.1 Imprensa como fonte no ensino de História	76
1.2 Possibilidades para trabalhar o Juliano Moreira na sala de aula	80
1.3 Plano de Aula	86
1.4 Resultados obtidos com a aplicação da regência	100
 Considerações Finais	103
 Fontes	106
 Referências Bibliográficas	106

Eu vivi mil vidas e amei mil amores. Andei por mundos distantes e vi o fim dos tempos. Porque eu li.

George R. R. Martin

Introdução

“O Brasil perde um dos seus mais illustres cientistas.”¹ Foi dessa maneira noticiado o falecimento de Juliano Moreira no jornal *A Noite*. A publicação incluiu uma foto do médico, descrevendo-o como um psiquiatra renomado, com influência internacional, uma vez que ele representou o país em várias conferências científicas no exterior. A reportagem também mencionou dados biográficos do médico, como a data em que nasceu, sua trajetória acadêmica e o destacou como um dos fundadores dos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* e os *Arquivos Brasileiros de Medicina*. Nesse contexto, os editores ainda destacam suas extensas publicações na área da medicina.

Além disso, é enfatizada sua função como diretor do Hospital Nacional de Alienados (HNA). Segundo a notícia, os estudos de Moreira chamaram a atenção de pessoas influentes, como Joaquim J. Seabra e Rodrigues Alves, que o convidaram para assumir o cargo de diretor dessa instituição. Durante sua gestão, o psiquiatra promoveu várias reformas, com o objetivo de modernizar as clínicas existentes e alinhá-las a um conceito de "modernidade". Os editores da matéria apontaram que ele permaneceu no cargo até ser afastado após as mudanças impostas pelo Governo Vargas. No encerramento da reportagem, são citados o horário de seu falecimento e o momento programado para seu sepultamento.

Há uma farta bibliografia sobre Juliano Moreira. Cada trabalho possui diferentes recortes, fontes e diálogos. No entanto, algo que aproxima muitas das pesquisas em torno desta figura é uma breve biografia sobre o médico. Assim, a fim de iniciar um trabalho que coloque em discussão as pesquisas em torno de Moreira, decido começar trazendo alguns trabalhos curtos que reconstroem a história deste psiquiatra.

Desse modo, o trabalho de Gomes, em conjunto com outros autores, intitulado *A tribute to Juliano Moreira on his birth sesquicentennial*², destaca a figura do psiquiatra como diretor do Hospital Nacional de Alienados, membro frequente em congressos e sociedades médico-científicas e fundador de periódicos na área médica. Ressalto que este é um breve artigo, que se preocupa, principalmente, em apresentar a vida e trajetória de Moreira, sem problematizar e relacionar outras questões tangentes a sua vivência e debates por ele propostos. Para desenvolver o estudo, os autores utilizaram-se de outras bibliografias que discutem sobre esse médico, como, por exemplo, o trabalho *The remarkable Juliano Moreira (1872-1933): an Afro*

¹ Jornal *A Noite*, 02 de maio de 1933, p. 02.

² GOMES, Marleide da Mota *et al.* A tribute to Juliano Moreira on his birth sesquicentennial. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, p. 273-275, 1 nov. 2022.

*Brazilian psychiatrist, scientist, and humanist in an environment of slavery and racism*³, escrito por Nardi e outros autores, que será apresentado em seguida.

Tal texto, que conta com um dos mesmos autores do artigo anterior, também relata a trajetória de Juliano Moreira, destacando sua relevância e contribuição. Ambas as pesquisas convergem os dados sobre sua data de nascimento (6 de janeiro de 1872), sua descendência de escravizados, formação acadêmica, trabalhos e reformas na área psiquiátrica, refutando teses racistas e propondo novas formas de enxergar a loucura e o tratamento daqueles considerados alienados, além de ressaltarem seus esforços para contribuir com a produção científica nacional, relacionando-o com nomes como Afrânio Peixoto e Antônio Austregésilo. No entanto, o artigo de Nardi em parceria com outros autores, é mais específico ao tratar das reformas promovidas por Moreira no HNA, aprofundando na sua luta antirracista e combatendo visões preconceituosas de seus contemporâneos, que relacionavam clima e raça à alienação mental. Para a construção do trabalho, os autores escoraram sua pesquisa no trabalho de Ana Maria Galdini Raimundo Oda e Paulo Dalgalarondo.

O trabalho *Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico*⁴, de Oda e Dalgalarondo, assim como os outros textos já discutidos aqui, também enxergam o médico como uma figura notável, além de narrar praticamente os mesmos detalhes sobre sua vida, formação, publicação e trabalho. Identifico que este é um ponto negativo nestes trabalhos curtos que objetivam apresentar esse psiquiatra, pois os trabalhos são muito semelhantes entre si, não possuindo muitos pontos de divergência e, raramente pontuando problematizações acerca desta figura. No entanto, ressalto que particularmente no texto de Oda e Dalgalarondo, embora sejam mais gerais ao apontar a trajetória de Moreira, consultam diversos trabalhos publicados pelo próprio Juliano Moreira. Assim, ao aprofundarem a análise da fonte nos escritos do psiquiatra, os autores conseguem destacar nuances próprias do pensamento do médico, alcançando uma profundidade nas discussões sobre os argumentos científicos de Moreira.

Ainda recorro ao estudo intitulado *Homenagem a Juliano Moreira: sinônimo de representatividade e vanguardismo*⁵, publicado em 2024. Por ser um trabalho mais recente, ele se beneficia dos estudos anteriores que discutem sobre a história de Moreira, recorrendo,

³ NARDI, Antonio Egidio; CARTA, Mauro Giovanni; SHORTER, Edward. The remarkable Juliano Moreira (1872-1933): an Afro-Brazilian psychiatrist, scientist, and humanist in an environment of slavery and racism. *Brazilian Journal of Psychiatry*. vol. 43, n. 3, pp. 237-239. May/June 2021.

⁴ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 22, n. 4, p. 178-179. 2000.

⁵ SOUSA, Eduardo Morales; FISCHER, Audrey Ribeiro. Homenagem a Juliano Moreira: sinônimo de representatividade e vanguardismo. *Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro. 2024; 14:1-13. <https://doi.org/10.25118/2763.9037.2024.v14.1329>.

inclusive, aos trabalhos já postos nesta discussão. Nesse sentido, é evidente que o trabalho se aproxima em diversos aspectos das obras já referenciadas, enfatizando sobre a origem humilde de Moreira, seus desafios encontrados devido ao racismo presente na sociedade, sua formação, as reformas e mudanças promovidas por ele no âmbito psiquiátrico, suas publicações científicas, além de atestar o reconhecimento nacional e internacional ao médico. No entanto, alguns pontos trazidos por Sousa e Fischer com mais afinco são as discussões em torno do racismo enfrentado pelo médico, a ênfase em aspectos da sua personalidade, a relação do psiquiatra com a psicanálise⁶, o detalhamento das interações deste com outros sujeitos, como, por exemplo, Lima Barreto e Santos Dumont e, ainda revelam o papel ativo de Moreira na criação das Casas de Custódias, pensando inclusive no legado dessas instituições no presente.

Sousa e Fischer na construção de seu estudo revisitaram diversos trabalhos que discutem sobre a figura em torno de Juliano Moreira. Uma dessas obras é o memorial organizado pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, intitulado *Juliano Moreira: o mestre / a instituição*⁷, que se propõe analisar o Hospital Juliano Moreira na Bahia (anteriormente conhecido como Asylo São João de Deus) e a entender os pormenores da história de Moreira, indo além dos conhecimentos básicos que se repetem na maioria das obras aqui já vistas. Dessa forma, são detalhados aspectos sobre sua personalidade e seus interesses pessoais, como, por exemplo, seu gosto por espetáculos teatrais e circenses, sendo um grande admirador do palhaço Benjamin de Oliveira. Além de evidenciar sua vivência como um médico negro em um Brasil que havia recém abolido a escravização. Acredito que alguns diferenciais deste estudo são as diversidades de imagens trazidas pelos organizadores, a construção de uma cronologia da saúde mental no Brasil (de 1841 a 2006), além da confecção de uma bibliocronografia das obras de Juliano Moreira. Por fim, ainda ressalto que esse memorial contou com a utilização de diversos tipos de fontes para sua elaboração, indo além de textos de autores que se debruçaram sobre Juliano Moreira, recorrendo às obras próprias deste médico, registros em jornais e trabalhos de sujeitos contemporâneos ao Moreira.

O último trabalho que apresentarei para entender as obras que discutem aspectos biográficos desse médico é o livro de Ynaê Lopes dos Santos, intitulado *Juliano Moreira: um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*⁸. Nesse sentido, acredito que finalizo esta

⁶ A fim de compreender melhor a relação entre Juliano Moreira e a psicanálise, conferir trabalho: TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da psicanálise no Brasil: Enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. *Revista de teoria da história*, v. 14, n. 2, p. 47-77, 2015.

⁷ Memorial Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: EGBA: Secretaria de Saúde do Estado da Bahia; 2007.

⁸ DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7.

parte da discussão trazendo uma das obras que, a meu ver, foi mais completa ao realizar um estudo biográfico acerca deste personagem⁹. Pois, além de apresentar informações já discutidas por outros estudiosos, Santos desenvolve sua pesquisa utilizando jornais e revistas, o que nos permite explorar não apenas a biografia desse médico, mas também mergulhar nas complexidades de seu tempo. Em resumo, o estudo reconta a trajetória do médico com base em publicações que o mencionam em sua época, algo que estabelece um forte vínculo entre o meu trabalho e o dela, pois também recorro a jornais como fonte para investigar a trajetória de Moreira. Analisar a forma como ela utiliza os periódicos, narrando os eventos a partir das reportagens apresentadas, é um exercício valioso tanto para meu crescimento como pesquisadora, quanto para a organização do meu próprio trabalho. Portanto, vejo este livro não apenas como uma de minhas principais referências para entender a vida de Juliano Moreira, mas também como um guia sobre como utilizar a imprensa em investigações na área da história.

Ademais, ao contrário dos outros pesquisadores que já abordei, Santos, além de admitir o racismo e as dificuldades enfrentadas por Moreira, consegue explorar mais profundamente os obstáculos que esse homem encontrou, já que um de seus principais propósitos é relembrar a história de figuras negras no período pós-abolição, que frequentemente são esquecidas e silenciadas. Assim, a obra de Santos consegue superar outros livros que tratam da trajetória de Moreira, investigando e problematizando várias questões. No entanto, ainda acredito que esse trabalho se propõe a realizar uma pesquisa mais voltada para discutir as questões biográficas de Juliano Moreira, pensando na trajetória de um médico negro em um país pós-abolição, assim, por mais que nossas pesquisas possam se aproximar nas fontes utilizadas, nossos objetivos são distintos, uma vez que meu interesse se concentra em entender diferentes papéis sociais e atuações deste médico que foram constantemente apresentadas nos jornais, além de articular sua figura com o ensino de História. Desse modo, apesar de reconhecer lacunas e a falta de discussões em torno de Moreira em algumas obras, ainda acredito que elas são valiosas nas pesquisas sobre o médico, pois possibilitam um entendimento amplo de sua jornada, utilizando diversas fontes como base.

Pensando em uma das lacunas encontradas nestes trabalhos, que é sobre o contexto social e político que Juliano Moreira estava inserido, seleciono, dentre diversas bibliografias que trabalham sobre esta figura, aquelas que mais se debruçaram, ao meu entendimento, a compreender e analisar a conjuntura social na qual este médico estava inserido. É válido

⁹ Para analisar outros trabalhos que também realizam uma breve biografia do médico, conferir: ODA, Ana Maria G. Raimundo; PICCININI, Walmor; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira (1873–1933): founder of scientific psychiatry in Brazil. *American Journal of Psychiatry*, v. 162, n. 4, p. 666, 2005.

ressaltar que, apesar destes trabalhos se aprofundarem nessa questão eles ainda, muitas vezes, realizam uma breve biografia do médico. Assim, decidi consultar também outros autores que estudam a relação entre esse tema e a sociedade.

Vera Portocarrero, em sua tese de doutorado intitulada *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*¹⁰, destaca que no século XIX, o tratamento das pessoas com doenças mentais era baseado em uma abordagem moral, ou seja, a loucura era baseada no comportamento do indivíduo. Deste modo, os hospitais psiquiátricos surgiram como instituições capazes de isolar os indivíduos, excluindo-os do convívio social, e disciplinarizando seus corpos, de acordo com um padrão esperado. A partir do século XX, com a influência dos pensamentos de Juliano Moreira e das ideias do médico alemão Emil Kraepelin¹¹, começou-se gradativamente a ocorrer mudanças nesse cenário, integrando a psiquiatria com a medicina. Dessa forma, uma variedade de comportamentos considerados desviantes, como o alcoolismo, a epilepsia, a sífilis e a criminalidade, também passaram a ser considerados "anormais".

Na prática, essa mudança com relação à psiquiatria tradicional propõe novas maneiras de cuidado. Conforme a autora, o cuidado deixou de ser exclusivo dos hospitais e passou a abarcar reformatórios, colônias agrícolas e programas de apoio familiar, visando um atendimento mais humano e menos punitivo. Isso não implica que os pacientes não fossem monitorados, mas sim que a maneira de abordar a situação foi alterada. Com essa nova perspectiva, a psiquiatria começou a exercer um papel mais atuante na sociedade, auxiliando o governo a controlar comportamentos que eram vistos como desviantes, utilizando critérios científicos. Assim, a problemática da saúde mental passou a ser uma questão social. É relevante destacar o papel ocupado por Moreira nesse cenário, uma vez que segundo Portocarrero, o médico introduz um novo modelo psiquiátrico, que integra os objetivos do Estado no controle da população. No entanto, apesar de sua declarada abordagem foucaultiana, a autora perpassa uma certa ênfase no papel de Juliano Moreira como principal agente das transformações na seara psiquiátrica brasileira do século XX. Acredito que esse é um ponto negativo na tese de Portocarrero que, a meu ver, poderia integrar de forma mais clara como as ações deste psiquiatra

¹⁰ PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 152 p. Loucura & Civilização Collection, v.4. ISBN 85-7541-019-9.

¹¹ Para compreender as ideias de Kraepelin e sua relação com Moreira, conferir o trabalho: FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.239-262.

foram moldadas por uma sociedade que já exigia transformações, fortalecendo, assim, uma agência coletiva de outros atores sociais.

Teixeira, ao desenvolver sua dissertação de mestrado em História, denominada *O Discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*¹², debate com Portocarrero justamente na questão sobre o papel de Juliano Moreira nas transformações e reformas manicomiais, posicionando-se também contrário às tendências da autora em individualizar o médico, defendendo, portanto, enxergar Juliano Moreira com as lentes de seu próprio tempo e como um indivíduo que deve ser contextualizado dentro das redes de saberes, poderes e práticas que definem a psiquiatria brasileira no início do século XX. Segundo o autor:

A crítica que buscarei aqui, tende a dissociar em parte a atuação de Juliano Moreira da noção apresentada por Vera Portocarrero em sua obra de referência “Arquivos da Loucura”, quando aponta uma descontinuidade histórica da psiquiatria a partir do surgimento deste expoente no cenário científico brasileiro. Como será demonstrado, as perspectivas organicistas de Juliano Moreira, embora buscassem novas matrizes de inspiração alemã, assumiam perspectivas continuístas no que diz respeito ao organicismo apresentado por Morel.¹³

Para além das discussões com Portocarrero, uma das partes mais importantes da dissertação de Teixeira é seu terceiro capítulo, quando o autor analisa a circunstância da produção de Juliano Moreira, evidenciando a similaridade entre as narrativas políticas e científicas no Brasil. O autor inicia esse capítulo abordando as transformações brasileiras na passagem do sistema imperial para o republicano, em que são descritas as condições insalubres, a precariedade de moradia, as políticas de embranquecimento populacional, através da imigração europeia e as epidemias que afetavam a cidade¹⁴. Em suma, o pesquisador enfatiza como a higiene não se limitava a limpeza física, mas se tornava um instrumento de imposição cultural e comportamental, visando estabelecer um padrão populacional disciplinado.

O historiador também discute a atuação de Moreira, tanto na reforma dos HNA quanto no seu empenho em compartilhar novos saberes científicos, com o objetivo de alinhar o Brasil

¹² TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

¹³ *Ibid.*, p. 41.

¹⁴ Para analisar o Brasil no início do sistema republicano e as reformas urbanas acontecidas na capital neste período, consultar os trabalhos: SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify. 2010; TEIXEIRA, Suellem Demuner. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a grande reforma urbana nos jornais do país (1903-1906)*. Orientador: Prof. Dra. Moema de Rezende Vergara. 2020. 240 p. Dissertação (Mestre em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020.

aos países mais avançados. Essa seção de seu estudo ressalta a conexão entre o Estado e a Ciência, conferindo à ciência uma base para o processo de higienização. De maneira geral, o autor observa que Moreira não desempenhava apenas as funções de um representante do Estado, nem se restringia ao papel de médico, mas sim agia integrando ambas as funções. Acredito que isso converge em parte com a minha própria pesquisa, uma vez que também tenho como um dos meus objetivos, pensar os diferentes papéis sociais ocupados por Juliano Moreira, a partir das páginas do jornal, entre os anos de 1910 e 1919. Assim, embora consideremos Moreira além do profissional de saúde e demos enfoque à sua dimensão política, ainda conseguimos identificar objetivos distintos entre minha pesquisa e a de Teixeira. Começando pela diferença em nossos períodos de interesse, pois enquanto ele se preocupa com a transição de um regime imperial para a formação da República, eu analiso Moreira já inserido em um cenário republicano e pós-reformas sanitárias no Rio de Janeiro. Além disso, nossas fontes de pesquisa se diferem, e a maneira como percebemos a relação deste médico com a política também apresentam nuances distintas, pois, enquanto ele vê Moreira quase como um instrumento para que políticos exerçam controle sobre os corpos, eu o percebo plenamente imerso na política carioca, assim, não o enxergo apenas como uma ferramenta do Estado, mas como um homem político por si só¹⁵.

É claro que tanto a investigação de Portocarrero quanto a de Teixeira nos ajudam a refletir sobre a conjuntura social que Juliano Moreira viveu. No entanto, além dessas investigações, podemos nos apoiar na monografia de Meireles, intitulada *Direito e Loucura: um roteiro Noir - Uma breve análise do entrelace entre o racismo, a dependência química e as instituições jurídicas*¹⁶, que reforça a ideia de que a psiquiatria adquiriu a habilidade de interferir na existência dos indivíduos e na estrutura social. A autora, assim como Portocarrero, utiliza uma perspectiva foucaultiana para considerar a psiquiatria como um instrumento do Estado para uniformizar a sociedade. Entretanto, sendo a pesquisa de Meireles situada na área do Direito, a autora examina como as normas jurídicas também atuaram no controle social das pessoas, tomando como exemplo o caso da alienada Janaína Quirino, evidenciando a permanência de questões históricas, como capacitismo, racismo e controle dos corpos.

¹⁵ Para compreender a relação entre médicos e política no início do século XX, conferir: GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

¹⁶ MEIRELES, Ana Carolina Barros. *Direito e Loucura: um roteiro Noir - Uma breve análise do entrelace entre o racismo, a dependência química e as instituições jurídicas*. Orientador: Philippe Oliveira de Almeida. 2021. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Recorrer a casos de alienados para entender o contexto pretendido é uma prática usada mais vezes durante a pesquisa de Meireles, por exemplo, para compreender Juliano Moreira nesse ambiente de interações entre psiquiatria e controle, ela recorre à obra de Lima Barreto¹⁷. Assim, ao examinar o psiquiatra através da vivência pessoal de um paciente, a autora percebe que o médico é elogiado diversas vezes, o que lhe proporciona uma visão interna da instituição, algo que não é abordado da mesma forma por Portocarrero e Teixeira. Desta maneira, além de distinguir suas fontes para elaborar suas investigações, a pesquisadora também apresenta Moreira como uma base para a humanização do atendimento psiquiátrico no Brasil, prevendo, de certa forma, lutas por uma saúde mental mais respeitosa. Neste ponto, mesmo com interpretações próprias sobre como ver e considerar Moreira, Meireles converge com a perspectiva de Portocarrero, ao ressaltar a importância do médico como um agente único nas iniciativas para transformar e humanizar o hospital, algo que Teixeira critica arduamente em seus trabalhos.

Para aprofundar ainda mais a pesquisa sobre Juliano Moreira e a sociedade na qual ele estava, recorro também ao trabalho *Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil*¹⁸, escrito por Ana Maria Galdini Raimundo Oda. Neste artigo, a autora analisa o psiquiatra através do trabalho *Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil*, de autoria do próprio médico. Oda reconhece que a narrativa do psiquiatra está profundamente relacionada ao seu tempo presente, defendendo inclusive uma visão progressista da ciência de sua época. Portanto, segundo a pesquisadora, Moreira se insere como um participante ativo de um processo histórico em desenvolvimento. Outro aspecto explorado nesse artigo é o engajamento político do psiquiatra e seus esforços junto ao governo federal em relação à primeira Lei de Assistência aos Alienados, que foi publicada em 1903 (Decreto nº 1.132, de 22 de dezembro de 1903). De acordo com a autora, tal lei integra um projeto de modernização da psiquiatria nacional, no qual Moreira estava inserido, com o intuito de alcançar a consolidação institucional dessa área médica.

Com o objetivo de conectar Juliano Moreira à psiquiatria enquanto um instrumento do Estado para a homogeneização dos corpos, especialmente no começo da república brasileira, recorro à monografia de Carolina Valente dos Santos Blanco, intitulada *Controle Social e o*

¹⁷ Para compreender a importância de se considerar as vozes e as narrativas dos alienados como fontes históricas, que podem revelar as complexidades da vida manicomial, mostrando que, apesar da violência institucional, os indivíduos encontravam formas de subjetivação e agência dentro desses espaços, conferir o trabalho: WADI, Yonissa Marmitt. "Entre Muros": Os loucos contam o hospício. *Topoi. Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 250-269, jan-jun. 2011.

¹⁸ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 721-727, dez 2011.

*aval da psiquiatria: as históricas do Hospital Nacional de Alienados (1900-1904)*¹⁹. Neste trabalho monográfico, a autora selecionou diversas fontes, como decretos, registros médicos, observações clínicas, anotações de pacientes (admitidos e liberados), além dos relatórios do Hospital Nacional de Alienados. Considerando a psiquiatria não apenas como um meio de disciplinar os corpos²⁰, mas, analisando esses projetos tendo como ponto central o gênero feminino. A pesquisadora analisa como essa especialidade, mesmo com as mudanças promovidas por Moreira, atuou como um mecanismo de controle sobre os corpos das mulheres, disciplinando-os, conforme as normas sociais e patriarcais da Primeira República, reforçando papéis sociais, patologizando comportamentos considerados desviantes e mantendo a histeria feminina como uma das principais razões para o internamento de mulheres no HNA²¹.

É relevante ressaltar a conversa que Blanco estabelece com Maria Clementina Pereira Cunha, ao reconhecer que essas instituições psiquiátricas funcionam como um “espelho do mundo”, ecoando preconceitos e estereótipos enquanto servem a um projeto político²². Nesse contexto, também é pertinente incluir neste diálogo o estudo de Sanglard e Claper, intitulado *Pretos e pardos nas instituições de assistência à saúde no Rio de Janeiro (1850-1919): um estudo sobre o louco-pobre*²³. Nesse artigo, as autoras orientam suas investigações analisando a presença de indivíduos racializados nas instituições de assistência, sustentando como principal argumento que o perfil sociocultural e racial dos pacientes nessas diversas instituições está ligado às particularidades da sociedade onde se encontram. Assim, ao considerar os primeiros anos da República e os objetivos das reformas urbanas em criar uma sociedade considerada higiênica e moderna, as pesquisadoras também percebem os hospitais como um pequeno reflexo da sociedade em si, onde as mudanças na assistência refletiam igualmente as transformações desejadas para as cidades. Sanglard e Claper acentuam que, além das mudanças estruturais na própria cidade do Rio e nos perfis dos pacientes, também há a entrada do médico

¹⁹ BLANCO, Carolina Valente dos Santos. *Controle social e o aval da psiquiatria: As históricas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1904)*. Orientador: Marcos Bretas. 2020. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

²⁰ Sobre a relação de Moreira com o controle dos corpos, verificar o artigo: VENANCIO, Ana Teresa A.; CARVALHAL, Lázara. Juliano Moreira: a psiquiatria científica e o processo civilizador brasileiro. In: VENANCIO, Ana Teresa A.; DUARTE, Dias; Russo, Jane. *Psicologização no Brasil: autores e autoras*. Editora Mauad, Rio de Janeiro. 2005.

²¹ A fim de aprofundar as questões entre Juliano Moreira e gênero, consultar também o artigo: VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. Doença Mental, Raça e Sexualidade nas Teorias Psiquiátricas de Juliano Moreira. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 283-305, 2004.

²² Cf. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. 3. ed. Campinas: [s. n.], 2022. 338 p. ISBN 978-65-87198-19-4.

²³ SANGLARD, Gisele; CLAPER, Jeanine Ribeiro. Pretos e pardos nas instituições de assistência à saúde no Rio de Janeiro (1850-1919): um estudo sobre o louco-pobre. *Tempo*. Niterói, Vol. 27, n. 2, pp. 446 - 466, maio/ago. 2021.

Juliano Moreira na direção do Hospital Nacional de Alienados (HNA), ressaltando as mudanças promovidas por ele como parte das transformações sociais que ocorreram no Rio de Janeiro após a Proclamação da República.

Após examinar parte dos estudos sobre esse médico, começo a investigar autores que enfatizam as reformas implementadas por Moreira e os possíveis diálogos com as questões raciais. Ressalto que a maioria das pesquisas já vistas até aqui realizaram menções às reformas propostas por Juliano, no entanto, meu intuito neste momento, é selecionar pesquisadores que tenham como questão principal o debate das transformações psiquiátricas promovidas por Moreira e sua influência com questões raciais.

Começo essa discussão com a obra de Venancio *As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações*²⁴, buscando a construção de um saber acerca de Moreira e de seu papel ativo na transformação da psiquiatria brasileira. Desta maneira, a autora foca em investigar a figura do médico através do acervo pessoal do psiquiatra. Venancio identifica um grande obstáculo na busca por essas fontes, revelando a degradação severa dos periódicos científicos que continham os estudos de Moreira, além da total falta de dados sobre o paradeiro de seu acervo em grande parte das instituições que a autora analisou. Apesar dessas dificuldades, a pesquisadora elaborou uma sólida pesquisa, demonstrando a influência desse médico na sociedade e ressaltando seu papel em adaptar a psiquiatria kraepeliniana à realidade brasileira, discutindo ainda a teoria de Moreira e Peixoto, contra a existência de doenças mentais ligadas ao clima e à raça, em que afirmavam que a degeneração resultava de elementos como alcoolismo, sífilis e condições de educação e saúde. Assim, a proposta defendida pelos médicos era uma sociedade igualitária, em que os integrantes pudessem, por meio da educação e de um ambiente social saudável, atingir um grau de moralidade equitativa, influenciados por uma ética civilizada.

Além disso, Venancio destaca que Moreira foi responsável por promover uma psiquiatria científica brasileira, tanto em níveis nacionais quanto internacionais, através da criação de vários periódicos e sociedades científicas, era um defensor da ideia de colônias agrícolas e do suporte familiar como soluções para o problema da superlotação nos asilos. Adicionalmente, Moreira enfatizava o valor do trabalho como uma abordagem terapêutica (praxiterapia)²⁵, estabeleceu o manicômio judicial, além de se empenhar na obtenção de

²⁴ VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. *As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, ed. 36, p. 59-73, jul-dez 2005.

²⁵ Para compreender a ideia de Juliano Moreira sobre hospitais colônias e a praxiterapia, verificar: VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. *Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no*

terrenos para a criação de novas colônias psiquiátricas. Suas sugestões também incluem medidas legais e punitivas para sífilíticos que se casavam, fundação de laboratórios em instituições para doentes mentais, colônias para pessoas com epilepsia e reformatórios para dependentes de álcool.

Creio que o estudo elaborado por Venancio, funciona como uma breve introdução sobre a posição de Juliano Moreira nas mudanças psiquiátricas do Brasil. Entretanto, ao buscar uma conexão mais profunda entre saúde mental, raça e ambiente climático, recorro ao trabalho dos autores Ana Maria G. R. Oda e Walmor Piccinini, intitulado: *Dos males que acompanham o progresso do Brasil: a psiquiatria comparada de Juliano Moreira e colaboradores*²⁶. Neste artigo, são examinados alguns escritos de Moreira em parceria com outros profissionais da ciência de sua época acerca da psiquiatria comparativa, em que questionavam as crenças predominantes a respeito da psicopatologia nas regiões tropicais, especialmente entre negros e mestiços, reconheciam o avanço da civilização e acreditavam que a vida nas cidades poderia elevar os índices de transtornos mentais. Em suas investigações, tais médicos analisaram uma variedade de casos de pacientes do HNA para contestar teorias racistas e deterministas. Em suma, tanto o trabalho de Venancio como o de Oda e Piccinini, apresentam semelhanças e diferenças, assim, enquanto Venancio disponibiliza mais informações biográficas e pessoais sobre Juliano Moreira, Oda e Piccinini tratam a questão racial e climática de maneira mais objetiva, examinando a crença de Moreira de que a condição racial não estava ligada à insanidade, argumentando que a inferioridade intelectual dos negros não era inata e que não existiam doenças mentais exclusivas dos climas tropicais.

Em geral, penso que ao analisarmos uma variedade de textos que abordam tópicos semelhantes, conseguimos explorar melhor os pormenores das discussões. Portanto, além das obras mencionadas aqui, também utilizo a tese de doutorado de Ana Maria G. R. Oda, intitulada, *Alienação Mental e Raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*²⁷. Neste trabalho, uma das autoras mais citadas em pesquisas sobre o psiquiatra que estamos estudando, investiga a alienação mental e as

Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.35-52.

²⁶ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo *et al.* Dos males que acompanham o progresso do Brasil: a psiquiatria comparada de Juliano Moreira e colaboradores. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 788-793, dez 2005.

²⁷ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação Mental e Raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Orientador: Paulo Dalgalarondo. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

perspectivas de Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira²⁸. De forma distinta das outras pesquisas que discutimos, Oda apresenta um dos estudos mais abrangentes, a meu ver, sobre a questão da alienação mental no Brasil, considerando o conceito de raça através de diferentes pensadores e cientistas, desde a origem humana até o sistema escravista na modernidade. Além de se dedicar à análise da teoria da degenerescência, alienação mental e racismo científico, utilizando uma ampla gama de referências bibliográficas.

Acredito que o quarto capítulo de sua tese seja fundamental para o progresso da minha pesquisa, pois é nesse ponto que a autora fornece uma breve biografia de Nina Rodrigues e Juliano Moreira, destacando que ambos estavam cientes e tinham acesso aos estudos sobre alienação e psiquiatria, conseguindo avaliar essas pesquisas e distinguir suas próprias ideias e argumentos. Além disso, ela também menciona o cenário higienista em que Moreira estava situado, e como os médicos daquele período investigavam seus próprios pacientes para desenvolver teses, uma ideia que também é abordada na monografia de Meireles²⁹. No entanto, a ênfase de Oda está principalmente nos debates científicos relacionados a Rodrigues e Moreira. Creio que, de maneira geral, existe uma significativa afinidade entre Oda e Venancio em seus trabalhos, na qual uma pesquisa não contradiz a outra, mas se apoiam mutuamente, proporcionando um entendimento cada vez mais profundo sobre a figura proposta e suas concepções.

Em resumo, Oda relata sobre as reformas psiquiátricas realizadas por Juliano, conectando essas informações com o que foi apresentado por Venancio e pela pesquisa com Piccinini. Um aspecto relevante da tese de Oda é seu destaque sobre como esses médicos fundamentam suas investigações em estudos prévios, destacando que não existe uma única fonte de transformação, mas uma colaboração coletiva de vários indivíduos que pensam e constroem conjuntamente as mudanças na psiquiatria, algo que também é defendido por Teixeira em sua dissertação de mestrado³⁰.

²⁸ Para compreender a trajetória e as ideias defendidas por Nina Rodrigues, verificar o trabalho: JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nina Rodrigues, Psiquiatra: Contribuições de Nina Rodrigues nos campos da Psiquiatria Clínica, Forense e Social. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 76, n. 2, 2008.

²⁹ Cf. MEIRELES, Ana Carolina Barros. *Direito e Loucura: um roteiro Noir - Uma breve análise do entrelace entre o racismo, a dependência química e as instituições jurídicas*. Orientador: Philippe Oliveira de Almeida. 2021. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

³⁰ Cf. TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Assim, além de algumas bibliografias o retratarem como um agente único na luta contra ideias deterministas de que clima e raça afetariam nas degenerações mentais³¹, alguns autores atribuem o sucesso de um personagem negro como algo único e excepcional. Sobre isso, encontramos o artigo, *Exceptional racism at the dawn of scientific psychiatry in Brazil: the curious case of Juliano Moreira*³², escrito por Naomar Almeida-Filho, Lilia Schwarcz e Jair Mari. O conceito de “Racismo Excepcional”, o que é definido por eles, como a estratégia de elogiar social e institucionalmente pessoas notáveis de grupos oprimidos como forma de negar ou encobrir o racismo em bases ideológicas e políticas. Tal estratégia implica uma supervalorização aberta, muitas vezes desproporcional, de talentos como exceções. Os estudiosos propõem que Juliano Moreira pode ter sido um caso desse tipo de racismo, uma vez que as bibliografias que discutem sobre sua figura, destacam sua trajetória como um caso de sucesso excepcional.

Esse artigo também aponta que em uma sociedade pro-liberal e racista como a nossa, a celebração de personagens considerados parte de grupos minoritários, pode ser visto como uma estratégia para minimizar ou negar a profundidade do racismo sistêmico, sugerindo que o sucesso é meramente uma questão de talento e esforço individual, mesmo que ele próprio tenha continuado a enfrentar discriminação. Apesar de sua notável carreira, Moreira certamente enfrentou discriminação aberta e segregação racial, encontrou resistência e preconceito racial ao tentar modernizar o treinamento médico na Bahia e sua mudança para o Rio de Janeiro pode ter sido, plausivelmente, para fugir de um ambiente racista. Sua jornada reflete tanto os triunfos quanto as lutas de indivíduos negros em um ambiente médico predominantemente branco e racista³³.

Além de compreender tais questões, também encontrei autores que examinaram aspectos específicos da vida de Moreira, que não são tão enfatizados nas bibliografias gerais

³¹ Para conhecer obras que combatem esse tipo de visão e relacionam Juliano Moreira e outros nomes de sua contemporaneidade, verificar: SILVEIRA, Renato Diniz. A correspondência entre Juliano Moreira e Hermelino Lopes Rodrigues: as relações de um mestre e seu discípulo na constituição do campo psiquiátrico em Minas Gerais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, ed. 2, p. 315-328, jun 2008; SANTOS, Raquel Pinheiro dos. *Manoel Bomfim e Juliano Moreira: aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República*. 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

³² ALMEIDA-FILHO, Naomar; SCHWARCZ, Lilia; MARI, Jair. Exceptional racism at the dawn of scientific psychiatry in Brazil: the curious case of Juliano Moreira. *British Journal of Psychiatry*, v.225, n.5, p. 469-470, 2024.

³³ Para conhecer e compreender as trajetórias de outros sujeitos racializados no campo da psiquiatria conferir artigo: PRESTES, Célia Rosane dos Santos. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e de outras figuras negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Curitiba, v. 12, n. Ed. Especial: Caderno Temático: “III ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogos/os Negras/os e Pesquisadoras/es”. p. 52-77. 2020.

sobre esse médico. Entre as questões levantadas por esses pesquisadores, está a relação do psiquiatra com a imigração, neurologia, sífilis e com a nosografia. Nesse sentido, planejo apresentar as principais discussões relacionadas a cada tema, as fontes mais utilizadas pelos autores e os possíveis diálogos que eles construíram. O objetivo é tornar essa discussão mais completa, compreendendo os diversos pormenores já abordados pelos estudiosos de Juliano Moreira.

Iniciando esse diálogo com o tema da imigração, utilizei o trabalho de Ana Teresa A. Venancio e Cristiana Facchinetti, intitulado “*Gentes provindas de outras terras*”: ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira³⁴. Neste artigo, as autoras analisam a imigração através da lente do psiquiatra, utilizando as próprias obras de Moreira como fontes para seu estudo. Elas ressaltam a preocupação do psiquiatra com a imigração descontrolada, que segundo ele, poderia levar a uma deterioração mental. Segundo as autoras, na visão de Moreira, o Brasil estava se tornando um destino para os “piores imigrantes”, o que agravaria os problemas de alienação e criminalidade no país. É fundamental entender que para o psiquiatra, não havia uma apreensão em relação à raça ou nacionalidade dos imigrantes, sendo mais importante, analisar os casos individuais sob uma perspectiva mental, em vez de impor limitações a um grupo específico ou etnia. Desse modo, segundo as autoras, Moreira se alinha à noção de eugenia higienista, ressaltando que, ao aliar às ações de higiene, educação e saneamento para os brasileiros e candidatos a imigrantes, seria possível recuperar os casos individuais de alienação, prevenir doenças e criar as condições necessárias para o surgimento de uma verdadeira higienização profilática.

Dessa forma, Venancio e Facchinetti elaboram um estudo que examina, de maneira mais ampla, o tema da imigração na obra de Juliano Moreira. Isso contrasta com a abordagem de Filipe dos Santos Portugal e Bruno Rodrigues Pimentel em seu artigo que se intitula *Juliano Moreira e a viabilidade da migração dos japoneses para o Brasil*³⁵. Embora os autores consultem os trabalhos do médico como fonte de pesquisa, eles enfatizam a visão positiva de Moreira sobre a chegada de japoneses ao Brasil. Os estudiosos notam que nem todos no Brasil viam a imigração japonesa com bons olhos, pois estavam preocupados com a adaptação dos imigrantes à nossa cultura e com o receio do “perigo amarelo”, um temor de que os japoneses

³⁴ VENANCIO, Ana Teresa A.; FACCHINETTI, Cristiana. Gentes provindas de outras terras – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 8, n. 2, p. 356-363, jun. 2005.

³⁵ PORTUGAL, Filipe dos Santos; PIMENTEL, Bruno Rodrigues. Juliano Moreira e a viabilidade da migração dos japoneses para o Brasil. *Simbiótica*, Vitória, v. 9, ed. 2, p. 73-98, 9 jul. 2022.

quisessem ocupar terras sul-americanas, o que poderia prejudicar a eugenia racial brasileira e dificultar o objetivo de tornar a população mais branca.

Entretanto, entre os favoráveis da imigração japonesa, encontrava-se Juliano Moreira, que viajou para o Japão com sua companheira, onde foram muito bem recebidos pelas autoridades locais. De acordo com os autores, Moreira apresentou informações sobre a biblioteca Morrison-Iwasaki, destacando a intelectualidade japonesa, além de argumentar que existia uma semelhança entre os japoneses e os indígenas brasileiros. Ele acreditava que essa conexão facilitaria a promoção da migração japonesa, já que compartilharíamos uma origem comum. Moreira retrata o Brasil como um lugar ideal e pacífico, omitindo a escravidão e minimizando a colonização portuguesa, sem fazer referência à população de origem africana no país. Os autores afirmam que a defesa da migração japonesa por Moreira deve ser entendida não apenas como uma simpatia do autor em relação ao Japão, mas também como uma teoria científica, especificamente eugênica e higienista, que poderia ser favorecida pela composição racial desses dois países, com a crença de que a integração desse grupo ao Brasil contribuiria significativamente para seu desenvolvimento e modernização.

Como vimos, o ocultamento da realidade brasileira por Moreira é uma questão debatida, principalmente, por Portugal e Pimental. Penso que isso enriquece enormemente o trabalho dos autores para outros investigadores interessados na vida deste psiquiatra, pois essa característica é extremamente relevante e, considerando sua importância e seu papel na contestação de ideias racistas na psiquiatria, deve ser levada em consideração. Mesmo um indivíduo ativo na luta contra o racismo científico é influenciado por seu contexto, e ao promover a imigração japonesa, ele faz uma divulgação de um Brasil idealizado, silenciando as lutas e os embates raciais históricos em nosso país. Assim, acredito que tanto o texto de Venâncio e Fachinetti, que proporciona uma perspectiva mais abrangente sobre os cenários de imigração de acordo com Moreira, quanto o de Pimental e Portugal, que se concentram exclusivamente na análise da migração japonesa pela ótica do psiquiatra, são fundamentais para compreendermos os diferentes aspectos, funções, ideias e realidades que o médico apresenta, possibilitando, assim, a execução de uma pesquisa consolidada sobre esse sujeito.

Para além da imigração, alguns autores que discutem sobre este médico, também ressaltam sua participação na neurologia brasileira. A fim de compreender esta relação, recorro ao trabalho *Juliano Moreira: the black Brazilian who greatly influenced the modern school of Neurology in Brazil*³⁶, produzido por Rosso em colaboração com outros pesquisadores. Neste

³⁶ ROSSO, Laura Motter et al. Juliano Moreira: the black Brazilian who greatly influenced the modern school of Neurology in Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 79, n. 07, p. 650-653, 2021.

trabalho, os autores consideram a influência de Juliano Moreira para além do campo psiquiátrico, reconhecendo a atuação do médico na neurologia e na neuropsiquiatria brasileira.

A atuação do médico na esfera neurológica, segundo os estudiosos, pode ser entendida por meio de vários aspectos, em especial através de suas obras que, frequentemente, em alguns abordavam sintomas neurológicos. Como já sabemos por outros autores, Moreira ocupou o cargo de diretor no Hospital Nacional de Alienados, instituição reconhecida pelos pesquisadores como o berço da neurologia no Brasil, inaugurou novos pavilhões e contratou Antônio Austregésilo, médico respeitado como um dos pilares da neurologia moderna no país, para liderar um desses pavilhões. Ademais, Juliano Moreira fundou diversos periódicos e sociedades científicas que, embora já tenham sido mencionadas por outros autores, como por exemplo, Cristiana Facchinetti e Ana Maria G. R. Oda, a maioria não explora a relevância dessas publicações para além do campo psiquiátrico.

Outrossim, sua atuação frente a discussão sobre a sífilis também é algo pouco trabalhado entre seus pesquisadores, mas que também deve ser compreendida acerca de sua figura. Para isso, utilizo o texto de Ronaldo Ribeiro Jacobina, intitulado *Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce*³⁷. Neste artigo, o autor analisa o trabalho que garantiu o título de Doutor em Ciências Médicas ao Juliano Moreira. Assim, utilizando os próprios trabalhos deste médico como fonte, algo comum entre seus pesquisadores, Jacobina realiza uma análise da sífilis, abordando diferentes teorias sobre sua origem, denominação e gravidade. O autor ainda ressalta como alguns estudiosos do século XIX e XX relacionaram esta doença com fatores raciais e climáticos, em que uma política eugenista para combater esse “mal” não demorou a ser implementada.

Segundo o autor, a tese de Moreira investiga a gravidade da doença, sua causa e evolução, além de ressaltar sua importância frente às lacunas existentes sobre tais temáticas, Moreira também revisa os autores que já trataram do tema e propõe que a sífilis maligna precoce ocorre quando o agente causador encontra o que ele chama de “terreno propício”, chegando a abordar a multicausalidade das doenças. Moreira inicia uma análise das condições que, segundo ele, tornam o corpo do indivíduo mais suscetível ao desenvolvimento da sífilis como, por exemplo, alcoolismo, malária, escrófulo-tuberculose, escorbuto, diabetes, gotas, nefrites, herpetismo, idades extremas, gravidez, puerpério, abuso e insuficiência das funções.

Ademais, durante sua pesquisa, o psiquiatra observou a forma de tratamento para essa doença, destacando as diferenças entre os pacientes que buscavam atendimento em hospitais

³⁷ JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce*. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 38, n. 2, p. 432-465. abr./jun. 2014.

particulares e aqueles que frequentavam clínicas filantrópicas. Essa comparação revelou uma questão social existente nesse contexto, uma vez que a gravidade da doença era maior entre os grupos mais pobres. Além disso, Jacobina destaca que Moreira realizou uma análise sobre a relação da sífilis com diferentes climas, construindo uma espécie de medicina geográfica. Ao final, Moreira conclui, segundo o autor, que a sífilis é uma questão de saúde pública e não depende do clima ou da raça. Aqui, é válido retomar a conclusão de Ana Maria G. R. Oda e Walmor Piccinini, no qual afirmam que: “A tal visão estereotipada dos habitantes dos trópicos, os alienistas locais pareciam responder: somos todos igualmente humanos; portanto, enlouquecemos todos por motivos humanos, e não climáticos ou raciais.”³⁸

No entanto, Jacobina, assim como Portugal e Pimental, também aponta algumas críticas aos discursos de Moreira, como por exemplo, o tom moralista utilizado pelo médico para abordar sobre o alcoolismo. Esse moralismo, embasado por um discurso científico, seguia uma tendência da medicina da época e se consolidou com sua adesão ao movimento da higiene mental. Além disso, o autor também destaca o eurocentrismo presente nas ideias do médico, pois ele idealizava modelos europeus e via a Europa como um modelo de civilização em que deveríamos nos basear. Algo importante que devemos mencionar são as diferentes fontes que são conduzidas nos estudos sobre esta figura. A maior parte dos escritores se baseia nas obras do próprio médico, ao contrário da minha pesquisa, que utiliza como fonte principal a imprensa³⁹. Assim, acredito que ao desenvolver meu trabalho, desfrutando das pesquisas existentes, consigo identificar diferentes aspectos do psiquiatra.

Outro aspecto salientado por alguns autores sobre o Juliano Moreira é seu papel na nosografia⁴⁰. Para isso, analiso outro artigo de Ana Maria G. R. Oda, dessa vez, intitulado *Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia*

³⁸ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo *et al.* Dos males que acompanham o progresso do Brasil: a psiquiatria comparada de Juliano Moreira e colaboradores. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 8, n. 4, dez 2005, p. 6.

³⁹ Para utilizar a imprensa como principal fonte da minha pesquisa recorro aos trabalhos: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501 p. ISBN 85-85756-88-8; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 83-102. ISBN 978-85-7244-402-6; DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas* –2. ed. –São Paulo: Contexto, 2006; CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. In: Projeto História: *Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 35(2), 2009.

⁴⁰ Nosografia, segundo o Dicionário, é a descrição metódica das doenças. Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p. ISBN 85-209-1010-6.

de Kraepelin (Brasil, 1905)⁴¹. A partir da investigação do trabalho publicado por Moreira e Peixoto, chamado *A paranoia e as síndromes paranoides* e através das obras de Emil Kraepelin, a autora tem como objetivo estudar as classificações diagnósticas que Moreira e Peixoto empregaram no HNA, examinando os significados associados à paranoia e sua utilização como uma categoria nosográfica. A pesquisadora enfatiza a relevância de Moreira ao definir os limites diagnósticos da paranoia, esclarecendo suas fundamentações teóricas e alinhando sua perspectiva com a de Kraepelin. Assim, fica explícito a posição dos médicos em defender às causas psicossociais da paranoia, como dificuldades na educação, treinamento ou cultura, em vez de focar na degeneração.

Oda também destaca a responsabilização de Juliano Moreira e Afrânio Peixoto em traduzir e divulgar nos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* trechos fundamentais da obra de Kraepelin. Além disso, os médicos brasileiros consideraram que a abordagem científica alemã era crucial para a modernização da psiquiatria no Brasil. A autora ressalta que Moreira e Peixoto expressavam preocupações quanto à imprecisão do termo paranoia e, por isso, eles propõem conceituar e categorizar as confusões em torno desses conceitos. Desse modo, Moreira teve um importante papel na aplicação prática dos conceitos diagnósticos de Kraepelin, especialmente na diferenciação entre paranoia e demência precoce. No entanto, devemos mencionar que, segundo o próprio médico, tais classificações são arranjos provisórios e as doenças não são permanentes.

Para enriquecer essa reflexão, também faço referência ao artigo coautorado por Oda e Paulo Dalgallarrondo, intitulado: *A paranóia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto*⁴². Neste trabalho, os autores revisitam a pesquisa realizada por Moreira e Peixoto, continuando a apoiar a relação entre os escritos de Moreira e Peixoto com as ideias de Emil Kraepelin, ressaltam a relevância da diferença entre paranoia e demência precoce, destacam o papel dos profissionais na modernização da psiquiatria nacional, mencionam a criação dos *Arquivos de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* e revelam a visão crítica do médicos em relação ao atavismo mental e às teorias deterministas.

Contudo, podemos identificar algumas diferenças entre o trabalho *Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin*

⁴¹ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 495-514, dez. 2010.

⁴² ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALLARRONDO, Paulo. A paranoia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 4, ed. 2. p. 125-133. 2001.

(Brasil, 1905) e *A paranóia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto*. Por exemplo, enquanto o trabalho de Oda e Dalgalarrrondo propõe uma análise introdutória e descritiva das contribuições de Moreira e Peixoto, contextualizando suas principais ideias; o texto elaborado apenas por Oda se caracteriza como um estudo mais aprofundado, no qual investiga os significados da paranoia e sua utilização como um conceito nosográfico. Portanto, em minha perspectiva, o texto exclusivo de Oda é uma investigação muito mais detalhada sobre o trabalho desses médicos, analisando suas bases conceituais científicas, suas implicações metodológicas nas suas realidades e suas posições em debates mais amplos na história da psiquiatria.

Tendo investigado os autores que trabalharam com aspectos biográficos de Juliano Moreira, seu contexto, as mudanças implementadas por ele, sua relação com os movimentos migratórios, neurologia, sífilis e a nosografia, é válido, neste momento, explorar pesquisadores que, em seus estudos, aprofundam também uma visão de Moreira como um intelectual de sua época. Assim, a imprensa começa a ser utilizada como um pano de fundo para essas questões, o que converge com a minha própria pesquisa. Por outro lado, destaco a diferença entre os jornais que analisamos, pois, enquanto os periódicos citados na bibliografia são científicos, utilizo para o meu trabalho jornais voltados para o público geral da sociedade carioca daquela época, como, por exemplo, o jornal *O Paiz*⁴³.

O artigo *Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro (1903-1933)*⁴⁴, escrito por Cristiana Facchinetti e Pedro Felipe Neves de Muñoz, explora a recepção das ideias de Emil Kraepelin por Juliano Moreira, como visto, algo já trabalhado por Ana Maria G. R. Oda e por Paulo Dalgalarrrondo, e a internacionalização da psiquiatria por Moreira. De acordo com os autores, esses processos são de natureza política, visto que as influências alemãs chegaram ao Brasil ao mesmo tempo em que ocorriam as reformas sanitárias no Rio de Janeiro. Isso implica que os representantes da ciência brasileira adotaram as noções de “modernização” na psiquiatria ao lado do próprio movimento de “modernização” da sociedade, e isso não acontece por acaso; trata-se de um processo político deliberado. Um ponto significativo na investigação desses autores é a internacionalização do conhecimento em medicina mental, algo que se torna evidente nas viagens e associações realizadas por médicos brasileiros, como, por

⁴³ Para aprofundar o estudo sobre o Jornal O Paiz, conferir o trabalho: PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição*. Orientador: Humberto Fernandes Machado. 2006. 212 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

⁴⁴ FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.239-262.

exemplo, o próprio Juliano Moreira, fato que é comumente registrado nas reportagens da época. Segundos os autores:

Juliano Moreira buscou utilizar seu prestígio internacional para aproximar a medicina brasileira e a dos países da Europa central, levando para o exterior os principais temas e resultados de trabalhos aqui produzidos. Nesse sentido, representou o Brasil em congressos médicos internacionais e realizou visitas internacionais.⁴⁵

Portanto, a figura desse médico é colocada pelos autores como responsável por internacionalizar a psiquiatria brasileira, o que acaba diferenciando tal pesquisa, assim, utilizo esse artigo para compreender a esfera intelectual de Moreira. Ainda pensando na intelectualidade e influência desse psiquiatra, utilizo o artigo *Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia*⁴⁶, produzido por Ronaldo Ribeiro Jacobina e Ester Aida Gelman. Neste texto, os autores apresentam a figura do médico moldada pela sua participação na *Gazeta Médica da Bahia*, em que além de ser colaborador, também desempenhou a função de editor-chefe. Os artigos que ele publicou neste meio vão além da psiquiatria e destacam outras funções que ele exerceu no campo médico, como tropicalista, sífilógrafo, neurologista, sanitarista e historiador da medicina. Essa diversidade de interesses evidencia a ampla capacidade intelectual de Juliano Moreira. Isso se conecta diretamente com as obras que abordam as diferentes facetas desse médico, as quais acabamos de analisar.

Jacobina e Gelman ainda reconhecem as descobertas de Moreira acerca de síndromes como leishmaniose e sífilis, e apresentam as críticas do médico em relação à tese sobre a influência do clima e da raça na sífilis e nas doenças mentais. Além de enaltecer a importância do médico na neuropsiquiatria, algo também mencionado por Rosso⁴⁷, e sublinhar as transformações nos modelos de assistência promovidas por Moreira e suas propostas relacionadas à legislação sobre alienação no país, um ponto que Ana Maria G. R. Oda também enfatiza. Entretanto, considero que um dos aspectos mais significativos desse artigo é a ênfase na contribuição de Juliano Moreira para a *Gazeta Médica da Bahia*, em especial como redator chefe. Nesse papel, ele implementou algumas mudanças no periódico, priorizando artigos

⁴⁵ *Ibid.*, p. 253.

⁴⁶ JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1077-1097.

⁴⁷ ROSSO, Laura Motter et al. Juliano Moreira: the black Brazilian who greatly influenced the modern school of Neurology in Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 79, n. 07, p. 650-653, 2021.

originais sobre a nosologia brasileira e adicionando seções sobre educação, higiene e saúde pública, demonstrando seu compromisso com o progresso da ciência nacional⁴⁸.

Considero que esse artigo é relevante para o desenvolvimento da minha investigação, uma vez que examina Juliano Moreira como um nome significativo em periódicos acadêmicos, facilitando nossa compreensão sobre sua participação ativa nos impressos. Isso nos auxilia a perceber que o médico estava familiarizado com as publicações do seu tempo. Dessa forma, conseguimos compreender Juliano Moreira como um sujeito integrado ao contexto jornalístico no início do século XX e a seu próprio período⁴⁹. Assim, me posiciono, acreditando que esse psiquiatra estava inserido em sua própria época e não à frente dela. Desse modo, ele não foi o único responsável pelas mudanças na psiquiatria brasileira, uma vez que estava constantemente em diálogo com outros especialistas da ciência, que também contribuíam para os periódicos em que Moreira estava envolvido, trocando ideias, discutindo e promovendo transformações na medicina de seu tempo.

A revisão feita até aqui teve o intuito de destacar os autores que se dedicam à biografia do médico, ao contexto social e político em que esteve inserido, às mudanças que promoveu, à sua relação com a imigração, à neurologia e à sífilis, bem como aqueles que o vinculam à intelectualidade e o analisam como instrumento político de disciplinarização dos corpos por meio do discurso científico. Acredito que a partir da análise do material bibliográfico já produzido acerca de Juliano Moreira, encontrei convergências e divergências entre minha pesquisa e a produção já existente. Assim, a partir dessa discussão, poderei desenvolver novas perspectivas acerca dessa figura, construindo um estudo bem fundamentado e integrado com um amplo repertório teórico.

Nesse sentido, divido este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, pretendo explorar a articulação entre a imprensa e a medicina, pensando também na interação dos médicos com os jornais, em especial do próprio Juliano Moreira com *O Paiz*, uma vez que esse jornal é uma das minhas principais fontes na investigação acerca das repercussões da vida social e política de Juliano Moreira. Assim, objetivo analisar meticulosamente as páginas dos impressos, olhando para diversas colunas, as formas de linguagem e os espaços ocupados pelas notícias, examinando o que é silenciado e o que é exaltado sobre a vida desse médico. Dessa

⁴⁸ Para compreender as conexões de médicos com a imprensa, pensando, principalmente, como os jornais e revistas não eram apenas espaços para divulgar o trabalho desses profissionais, mas também locais de conflito entre eles. Consultar o trabalho: SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

⁴⁹ Sobre isso retomar o trabalho: DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7.

forma, mais do que apenas estudar o Juliano Moreira, esta investigação busca compreender de que maneira um jornal tratou esse profissional em suas notícias. Além disso, pretende-se analisar como as relações entre os médicos e a imprensa são transversais, plurais e marcadas por estruturas de poder.

Já no segundo capítulo, programo analisar a atuação de Juliano Moreira como médico legal e a forma com que isso foi noticiado pelos jornais. Investiga-se possíveis marcas de preconceito de gênero, principalmente em uma sociedade pós-período de reformas higienistas, quando diversas teses sobre a loucura surgiam e se modificavam. Além disso, busco também refletir sobre como a voz desse médico foi percebida entre seus iguais, qual sua importância nas consultas sobre determinação das alienações mentais e como a imprensa abordou esse recorte profissional de Juliano Moreira. Assim, considero que examinar esses casos e a atuação de Moreira nessa perspectiva é importante para entender sobre as ideias e valores de uma época, principalmente acerca da loucura, nos possibilitando obter uma visão aprofundada de casos de sujeitos que tiveram sua sanidade contestada.

Por fim, no meu terceiro capítulo, projeto articular de forma geral as discussões obtidas com esta pesquisa com o Ensino de História. Utilizando a imprensa como um recurso pedagógico e, valorizando um ensino decolonial e antirracista, que evidencia a memória de personagens negros, como, por exemplo, a de Juliano Moreira. Para isto, irei propor algumas possibilidades para trabalhar esta questão em sala de aula, confeccionando um plano de ensino e refletindo possíveis abordagens para uma regência. Considerando uma aplicação prática da pretendida aula, que será exposta e trabalhada durante este último capítulo, intenciono concluí-lo discutindo os resultados obtidos com a minha regência e a importância deste momento na minha formação.

Capítulo 1 - Juliano Moreira pela perspectiva da imprensa carioca: um diálogo que ultrapassa a medicina e chega à política

1.1 Introdução

“Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia, fundada em 18 de novembro de 1894, sendo eleitos para seus diretores os Srs. Drs.: Pacheco Mendes, presidente; Alfredo Brito e Alexandre Cerqueira, 1º e 2º vice-presidentes; Braz do Amaral, 1º secretário; Cerqueira Lima 2º; Aurélio Vianna, tesoureiro; Juliano Moreira, diretor dos Anais [...]”⁵⁰ Possivelmente foi desta forma a primeira menção ao nome do psiquiatra Juliano Moreira no jornal *O Paiz*, marcando o início de diversas notícias relacionadas à atuação dele na vida social, política e científica do começo do século XX no Brasil. Assim, ao longo deste capítulo, examinarei a presença do referido médico na imprensa brasileira, especificamente no jornal supracitado, durante os anos de 1910 a 1919, buscando compreender a forma com que Juliano Moreira era visto neste importante meio de comunicação.

Para investigar a complexidade da figura de Juliano Moreira e buscar compreender suas diferentes camadas, é necessário analisar concomitantemente as obras e trabalhos de autores que discutem sobre este profissional e a imprensa contemporânea à Moreira, analisando as diversas notícias que falam sobre a vida deste médico, pensando na perspectiva dos próprios sujeitos que estiveram no Rio de Janeiro durante a década de 1910. A pesquisa com o jornal *O Paiz* abrangeu várias seções do periódico, incluindo desde colunas diárias que registravam os acontecimentos políticos do dia a dia até aquelas que abordavam temas sociais da cidade ou continham anúncios médicos. Mesmo de maneira indireta, esses registros ajudam a entender as experiências vividas por um médico negro no início do século XX, que, além de ocupar uma posição importante no Hospital Nacional de Alienados (HNA), também participou ativamente das discussões sobre as modernizações científicas da época, participando de congressos e dirigindo periódicos científicos. Portanto, através deste psiquiatra, temos a oportunidade de introduzir novos aspectos para entender a dinâmica da interação entre a imprensa e a ciência, assim como a relação dos médicos com os veículos de comunicação.

Diante de diversos jornais e revistas ilustradas que mencionaram em suas páginas o nome do Juliano Moreira, como *A Noite*, *A Careta* e *Fon-Fon*, em que cada uma tinha suas

⁵⁰ Jornal *O Paiz*, 17 de julho de 1895, p. 02.

próprias escolhas do que exaltar acerca deste médico, o jornal diário *O Paiz* foi o escolhido para ser aprofundado durante este capítulo da pesquisa. Esta escolha pode ser atribuída por uma série de razões, a principal delas é o grande número de aparições do nome do psiquiatra neste periódico, o que facilita o estudo com esta fonte. Além disso, tal periódico ressalta o nome de Juliano Moreira não apenas como um médico, mas um integrante político daquela sociedade. O que despertou grande interesse, pois essa característica nem sempre foi tão explorada em outros periódicos ou bibliografias que tratam sobre ele.

Notei que o período entre 1910 e 1919 tinha um grande volume de menções ao nome de Juliano Moreira, por isso, decidi me aprofundar neste intervalo, uma vez que ele poderia me fornecer mais esclarecimentos para as questões que foram investigadas durante a pesquisa, além de também ser um período de consolidação de seu cargo como diretor do HNA. Para o acesso ao jornal, utilizei o site da Biblioteca Nacional Digital, recorrendo a aba da Hemeroteca Digital, a qual disponibiliza de forma online diversos acervos de jornais e revistas gratuitamente⁵¹. Após acessar o periódico, o método utilizado para analisá-lo foi por meio de construção de tabelas, na qual descrevia a coluna, a edição, a página e as minhas percepções sobre a matéria onde o nome do psiquiatra foi mencionado.

Assim, após os estudos iniciais com essa fonte, os objetivos deste capítulo vão além de explorar a interação entre a imprensa e a medicina; incluem também a interação dos médicos com os meios impressos e a relação do próprio Juliano Moreira com *O Paiz*, pensando o que é silenciado e o que é explorado sobre sua vida. Dessa forma, mais do que apenas estudar a figura de um médico, esta investigação busca compreender de que maneira um jornal, que opera sob estruturas de poder que influenciam a percepção de seus leitores e pode ser influenciado por eles, tratou esse profissional. Além disso, pretende-se analisar como as relações entre os médicos e a imprensa são transversais, multifacetadas e plurais.

⁵¹ O site da Biblioteca Nacional Digital e a aba da Hemeroteca Digital Brasileira, a qual disponibiliza os acervos de variados jornais para consulta, entre eles está o acervo completo do jornal carioca *O Paiz* (1894-1934) está disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 10 dez 2024.

1.2 Relações entre imprensa e ciência: um lugar de debate e divulgação

Para investigar a dinâmica entre a imprensa e o período em questão, além da interação dos cientistas com este veículo de comunicação, utilizo o livro *História da Imprensa no Brasil*⁵², do historiador Nelson Werneck Sodré. O autor analisa as interações da imprensa com vários momentos da história brasileira, mostrando como ela pode ser vista como ferramenta de poder e como suas características e transformações ao longo do tempo são influenciadas não apenas pelas mudanças sociopolíticas e tecnológicas, mas sobretudo pelo progresso do sistema capitalista de produção, que se intensifica cada vez mais, impactando a sociedade em todas as suas áreas, inclusive a mídia.

Sodré enfatiza que o começo do século XX no Brasil se distingue pela aglomeração de recursos financeiros nos periódicos e pela criação de grandes empresas de jornalismo. Esse acontecimento se intensificou com a expansão da imprensa popular, cujo propósito era tanto alcançar um maior público quanto obter ganhos financeiros. À medida que o capitalismo crescia, os princípios desse sistema começaram a se inserir no trabalho jornalístico, transformando a busca por lucros em algo fundamental nesse cenário. Essa situação é fortalecida pelos próprios progressos tecnológicos que afetam profundamente a mídia, permitindo uma produção em um ritmo nunca visto, acelerando a propagação de notícias e aumentando o alcance das publicações. Ademais, Sodré menciona que, para atrair um público maior, diversos meios de comunicação escolheram a neutralidade como tática; assim, o autor destaca que o poder dos jornais passa a se expressar de forma mais discreta.

Algumas questões trabalhadas por Sodré são reforçadas nos estudos da historiadora Maria de Lourdes Eleutério. A fim de analisar com mais profundidade a sociedade do início do século XX, marcada fortemente pela imprensa e suas transformações, utilizo também o capítulo desta autora, intitulado “Imprensa a Serviço do Progresso”, presente na obra *História da imprensa no Brasil*, organizado por Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins⁵³. Neste capítulo, Eleutério discute, como, ao decorrer da Primeira República (1889-1930), a imprensa se diversificou e buscou um ideal de progresso. A autora destaca a existência de diversos processos de inovação tecnológica, um fenômeno que já era mencionado por Sodré em suas

⁵² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501 p. ISBN 85-85756-88-8.

⁵³ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 83-102. ISBN 978-85-7244-402-6.

obras. Essa evolução resultou na melhoria da qualidade da impressão e na redução nos custos dos impressos. Contudo, um aspecto que se sobressai nesta pesquisa é a forma como Eleutério evidencia que essas inovações contribuíram também para a evolução das ilustrações, um elemento marcante nas revistas ilustradas do período, refletindo a importância desse meio de comunicação. Sobre isso, a autora destaca:

Naqueles impressos, os ilustradores foram fundamentais no quadro de uma população com alto índice de analfabetismo, para qual as imagens comunicavam mais do que os textos. Coube a fotografia fazer da cidade a matriz ideal para a percepção do propalado progresso, ilustrações que confirmavam graficamente a transformação da cidade.⁵⁴

Com o barateamento dos impressos, aliado com as transformações tecnológicas desse período, Eleutério destaca a criação de uma estrutura de mercado que visava à lucratividade, algo que como já anunciava Sodré, está intrínseco ao capitalismo. Nesse contexto, os anúncios passam a ser incorporados nas páginas dos jornais e revistas ilustradas, estimulando o consumo das classes médias e das elites, que estavam, segundo a autora, “ávidos por novos produtos trazidos pela industrialização e urbanização”⁵⁵. Naquele momento, surge uma preocupação maior com a opinião pública, uma vez que é a partir desta opinião que os anúncios respondem e, conseqüentemente, a máquina do capital é ativada, gerando mais lucratividade para os donos dos meios de produção.

Outrossim, pensando nessas mudanças da imprensa que são permeadas pela própria mudança da sociedade, é no decorrer desta nascente República brasileira que os jornais e revistas passam a ser um local de disputa de poder. Especialmente em meados da década de 1920, estes meios de comunicação passaram por períodos de censuras, que dificultavam os colaboradores dos impressos a manifestarem suas opiniões, principalmente quando tais opiniões eram contra o presidente da República vigente da época ou outros membros de alto escalão da política. Pensando nestas conjunturas, em 1923, foi assinada pelo então presidente, Arthur Bernardes, a Lei da Imprensa, que, em palavras gerais, garantia a censura legal no país⁵⁶. No entanto, é interessante pontuarmos que, enquanto alguns nomes da política temiam e censuravam os periódicos com certo medo da opinião pública, outros o mobilizavam para sua própria propaganda e serviços, como é o caso, segundo Eleutério, do ex-presidente Campos Salles.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 91.

⁵⁵ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-402-6. p. 94.

⁵⁶ Cf. Decreto Nº 4.743, de 31 de outubro de 1923.

O jornal *O Paiz* ocupa a pesquisa de Eleutério, principalmente no que tange aos esforços do jornalista Gustavo Lacerda com a criação da Associação da Imprensa⁵⁷, no intuito de garantir a assistência à classe jornalística e a defesa de seus direitos, algo com grande utilidade, visto o cenário das censuras que estava acontecendo naquele período. Além disso, Maria de Lourdes Eleutério destaca como:

Em termos de jornalismo de grande porte, ganhou destaque na capital federal o jornal *O Paiz*. Criado pouco antes do advento da República, em 1884, sob direção de Quintino Bocaiuva, figura eminente do periodismo republicano, e perdurando até o ano de 1893, obteve grande prestígio e tiragens elevadas. Nasceu republicano e durante toda a Primeira República conservou-se situacionista.⁵⁸

Assim, dirigimos nossa atenção para o jornal *O Paiz*, periódico de ampla circulação, especialmente no Rio de Janeiro. Com o lema: "O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina", podemos revisitar as discussões trazidas por Eleutério e Sodré sobre a imprensa. Pois, durante o início da República, com as inovações tecnológicas e a estrutura de mercado que atendia aos princípios do capitalismo, *O Paiz* se destacava por seu expressivo número de edições e distribuição. A historiadora Andrea Pessanha, em sua tese de doutorado,⁵⁹ aborda como os indivíduos que contribuíram para a formação deste jornal eram sujeitos que também integravam parte da esfera política e social daquele período e utilizavam o espaço da imprensa como um meio para divulgar seus ideais políticos. Ainda segundo a autora, as edições deste jornal estavam majoritariamente alinhadas com o discurso republicano e abolicionista como um caminho para o progresso do Brasil, algo que também já tinha sido pontuado por Eleutério. Assim, Pessanha enfatiza que o jornal:

O Paiz e a *Gazeta Nacional*, produzidos por uma intelectualidade da corte, por onde transitavam interesses de todo o império e uma visão mais cosmopolita, foram nomes indicativos dos dilemas, preocupações que envolviam os intelectuais/políticos que estavam à sua frente. O jornal tratava de temas que abrangiam interesses do "país", eram temas que envolviam a "questão nacional", próprios da preocupação dos liberais republicanos.⁶⁰

⁵⁷ Cf. LENE, Hérica. Memória e História da Comunicação: A participação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no processo de profissionalização do jornalista. *Revista Brasileira de História da Mídia*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 19-29, 2013.

⁵⁸ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-402-6. p. 87.

⁵⁹ PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição*. Orientador: Humberto Fernandes Machado. 2006. 212 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 79-80.

Pensando nas camadas da imprensa e suas transformações, que geralmente atendem ao princípio capitalista de produção, o também historiador Giovanni Codeça Silva ressalta como os jornais e revistas se tornaram também um espaço favorável à disseminação de ideais, que são capazes de auxiliar na formação da opinião dos leitores⁶¹. Assim, pensando além da bibliografia brevemente abordada, que busca compreender a inserção da imprensa na sociedade, destacando ainda este espaço como uma instituição capaz de influenciar a opinião pública de acordo com o interesse dos proprietários e colaboradores destes periódicos, considerando, em especial, o viés lucrativo, advindo, principalmente de um sistema capitalista já estabelecido no país. É importante ir além dessas indagações e questionar ao jornal estudado os locais que mencionam o nome de Juliano Moreira, investigando como esse médico é explorado em um importante veículo de comunicação carioca durante a década de 1910, analisando quais aspectos de sua vida são ressaltados e quais são silenciados pelos colaboradores do jornal *O Paiz*⁶².

Corroborando para as discussões sobre imprensa e como utilizá-la como fonte para pesquisas na área da História, recorro ao trabalho *Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa*, escrito por Heloisa F. Cruz e Maria R. C. Peixoto⁶³, que problematiza a utilização da imprensa como fonte de pesquisas para historiadores, criticando a abordagem que vê os periódicos apenas como repositório de informações e não como uma força social ativa. As autoras propõem uma metodologia de trabalho com a imprensa, buscando enxergá-la como parte atuante da sociedade e incentivando a crítica à memória estabelecida a partir desses periódicos. Para continuar compreendendo a imprensa como fonte de pesquisa histórica, exploro o texto *História dos, nos e por meio dos periódicos*, escrito por Tânia R. Luca⁶⁴, no qual a investigadora salienta a crescente popularidade dos jornais a partir de meados do século XIX e seu uso mais frequente em estudos históricos. A autora sugere ainda métodos essenciais para usar a imprensa como fonte, pois o historiador precisa ir além das páginas, apurando quem

⁶¹ SILVA, Giovanni Codeça. JORNAL O Paiz – intelectualidade e sociabilidade: formação de opinião, produção e circulação de ideias na constituição das elites brasileiras no oitocentos. *XXIX de História Nacional Simpósio: Contra os preconceitos: História e Democracia*, [s. l.], 201

⁶² A pesquisa com esta fonte é realizada a partir do site da Biblioteca Nacional Digital, através da aba Hemeroteca Digital Brasileira, que disponibiliza uma parte expressiva de seu acervo de periódicos para consulta, entre eles está o acervo completo do jornal carioca *O Paiz* (1894-1934). Disponível em:< <http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 dez 2024.

⁶³ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa*. In: Projeto História: *Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 35(2), 2009.

⁶⁴ DE LUCA, Tânia Regina. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas* –2. ed. –São Paulo: Contexto, 2006.

eram os editores dos jornais, sua orientação, a trajetória do título, suas ligações com a sociedade etc., a fim de termos uma visão crítica dessa fonte.

Ademais, também se faz relevante, examinarmos as interações entre os periódicos, em especial *O Paiz*, com a ciência. Dessa forma, ao refletir sobre a dinâmica entre médicos e a imprensa, recorro à obra *Nas Trincheiras da Cura*, escrita pela doutora em História, Gabriela dos Reis Sampaio⁶⁵. Neste livro, a autora investiga as diversas práticas médicas ocorridas no final do período imperial no Rio de Janeiro, concentrando especialmente na imprensa para analisar a interação entre médicos, curandeiros e pacientes. Sampaio estuda como os jornais, a autoridade e a população influenciaram a construção e a contestação do conhecimento científico da época. Além disso, a obra aborda as tensões existentes entre a medicina oficial e as práticas populares e demonstram que os periódicos desempenham um papel crucial na disseminação de informações para seus leitores. Verificamos, a partir da análise do trabalho de Sampaio, que os jornais não apenas expressam as opiniões de seus membros e jornalistas, mas também qualificam de maneiras positivas e negativas os diversos saberes científicos, sejam eles oficiais ou não, e ainda exerceram a influência de propagar determinadas ideologias, como, por exemplo, a proposta de higienização da sociedade, que era especialmente pertinente no Rio de Janeiro durante o período imperial e o início da República⁶⁶.

Através do trabalho de Sampaio, podemos observar que a imprensa servia como um pano de fundo para diversas questões vinculadas à medicina no início da República no Brasil. Além de divulgar ideias higienistas, seus colaboradores discutiam as tensões existentes na área científica, como, por exemplo, entre os próprios médicos ou entre os médicos e os curandeiros. Segundo a autora, a população estava atenta e consciente das disputas, em razão das matérias publicadas nos jornais que abordavam essas relações. Outro ponto destacado pela autora é a própria utilização dos jornais pelos médicos, como uma estratégia para desmerecer o trabalho de colegas, buscando se destacar para um público leitor que, futuramente, poderia se tornar seus pacientes e, conseqüentemente, financiar suas atividades. Dessa forma, a imprensa pode ser

⁶⁵ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. 167 p.

⁶⁶ A fim de compreender a relação da medicina, em especial da própria psiquiatria, com as propostas de higienização da sociedade brasileira no início do século XX, conferir os trabalhos: PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 152 p. Loucura & Civilização Collection, v.4. ISBN 85-7541-019-9; ENGEL, Magali Gouveia. A loucura na cidade do Rio de Janeiro: ideias e vivências, 1830-1930. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 133-136, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v6i7.8645535; MEIRELES, Ana Carolina Barros. *Direito e Loucura: um roteiro Noir - Uma breve análise do entrelace entre o racismo, a dependência química e as instituições jurídicas*. Orientador: Philippe Oliveira de Almeida. 2021. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

interpretada tanto como um meio de promoção de indivíduos quanto como um espaço de disputas ou meio de disseminação de ideologias políticas. É válido ressaltar, por fim, que Juliano Moreira não está alheio a essas práticas e conhece o funcionamento dos jornais, uma vez que ele próprio participou da fundação de alguns periódicos médicos e frequentemente publicava seus trabalhos nesses espaços⁶⁷.

“Doenças nervosas e sífilis: Dr. Juliano Moreira - Terças, quintas e sábados, das 4 às 6. rua Uruguayana n. 7.”⁶⁸ Esta notícia pertence à coluna intitulada “Avisos Especiais”, do jornal *O Paiz*. Ao longo da pesquisa, encontrei cerca de sessenta referências ao psiquiatra nesta coluna. A maior parte dessas citações concentra-se no ano de 1912, principalmente nas últimas páginas do periódico. Essa seção funcionava como um anúncio de serviços, permitindo que o público encontrasse dados sobre diversos profissionais, incluindo médicos, advogados, dentistas, e consultores imobiliários, entre outros. Juliano Moreira, como percebemos, é mencionado na área médica, especificamente na seara de doenças nervosas e sífilis, devido a sua formação e especialização nesta área⁶⁹. Ao analisarmos essa coluna, percebemos que Moreira não foi apenas o diretor geral do Hospital Nacional de Alienados ou somente um membro ativo da política carioca, aspecto este que foi destacado em outras colunas que discutiremos adiante; ele também clinicava e encontrou no jornal um meio de divulgar seu trabalho, algo que como vimos a partir do texto de Sampaio, era comum neste período, demonstrando que o psiquiatra e outros profissionais contemporâneos a ele, estavam familiarizados com *O Paiz*, uma vez que utilizavam esse espaço para propagar seus serviços ao público leitor.

⁶⁷ Sobre a participação de Juliano Moreira na publicação e edição de periódicos científicos, verificar os trabalhos: JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1077-1097; FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.527-535.

⁶⁸ Jornal *O Paiz*, 30 de janeiro de 1912, p. 08.

⁶⁹ Segundo Ynaê Lopes dos Santos, Juliano Moreira “Aos 19 anos, quando apresentou a tese que não só lhe garantiu o grau de médico, mas que também demonstrou parte de sua excepcionalidade como pesquisador, vivia num Brasil republicano e sem escravos, cuja elite política – parte dela contrária às transformações recentes – vociferava ainda mais os ideais de civilidade forjados na Europa. As mudanças recentes também recaíram sobre a estruturação escolar, que passou por uma série de reformas, mas que não retirou a obrigatoriedade da apresentação de uma tese para a obtenção do título de doutor em Medicina e Cirurgia. Sendo assim, no ano de 1891, Juliano Moreira apresentou a tese Etiologia da sífilis maligna precoce, trabalho que recebeu destaque internacional, graças à qualidade da pesquisa e às conclusões apresentadas pelo autor.” Cf. DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7. p. 31-32.

Relembrando novamente os estudos de Maria de Lourdes Eleutério, as propagandas veiculadas nos periódicos são elaboradas com base na análise do público⁷⁰. Assim, observamos que os leitores deste jornal provavelmente também se interessavam por medicina ou recorriam frequentemente aos médicos da cidade. O que levou a Moreira enxergar esse espaço como uma oportunidade para promover seu trabalho; não só ele, mas diversos outros profissionais da época que também aproveitavam esse mesmo local para divulgar seus trabalhos. A expectativa de tais sujeitos era de que, através do jornal, que já havia um grande público que imprimia esse periódico como um veículo de qualidade, ampliar sua “clientela” e o consequente lucro que isso gera ao profissional. Dessa forma, para esses indivíduos, propagar seus trabalhos nas páginas desse periódico era algo positivo, visto que tais divulgações, presentes nessa coluna perduram praticamente até a última edição publicada d’ *O Paiz*.

A partir das bibliografias abordadas neste trabalho, podemos afirmar que Juliano Moreira tinha conhecimento da influência da imprensa no Rio de Janeiro em meados de 1910. Pois ele estava inserido nessa sociedade e compreendia as dinâmicas sociais que a permeavam⁷¹. Ao promover seus serviços na seção “Avisos Especiais” do jornal *O Paiz*, é possível acreditar que o psiquiatra além de estar ciente do impacto da divulgação e da propaganda na imprensa, ele também deveria estar a par dos diálogos e tensões que poderiam ser encontradas nos jornais a respeito da área médica e científica, algo já apresentado pelo estudo de Sampaio. Outra coluna científica presente neste jornal, onde Juliano Moreira também é citado, é a seção “Arquivos Brasileiros de Medicina”. Durante o período investigado nesta pesquisa, o psiquiatra foi mencionado aproximadamente dez vezes nesse espaço. Para uma análise mais detalhada dessa coluna, apresento a seguir uma transcrição de uma das matérias que o menciona:

Acaba de aparecer mais um número dos “Arquivos Brasileiros de Medicina”, valiosa produção médica dessa capital, de que são diretores os professores Austregésilo e Juliano Moreira.⁷²

⁷⁰ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-402-6.

⁷¹ Sobre essa ideia, Teixeira afirma: “Mais uma vez Juliano Moreira será estudado a partir de suas próprias palavras, para que suas teorias transpareçam e seus objetivos quanto à prática da psiquiatria no Brasil sejam encarados como produtos de um indivíduo inserido em um contexto histórico e com ambições profissionais e intelectuais.” Cf. TEIXEIRA, Suelem Demuner. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a grande reforma urbana nos jornais do país (1903-1906)*. Orientador: Prof. Dra. Moema de Rezende Vergara. 2020. 240 p. Dissertação (Mestre em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020. P. 09.

⁷² Jornal *O Paiz*, 26 de dezembro de 1915, p. 06.

Dessa maneira, notamos que o jornal *O Paiz* destaca uma das realizações de Juliano Moreira. *Arquivos Brasileiros de Medicina* é um periódico científico criado para compartilhar estudos e pesquisas em diferentes campos da medicina. Moreira, em conjunto com Antônio Austregésilo, neurologista e colega no HNA, lidera essa iniciativa. Outra empreitada de Juliano Moreira, frequentemente citada no *Paiz*, é a criação dos *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*. Este foi o primeiro periódico médico a se concentrar nessa área específica, estabelecido em 1905 por Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. Tais publicações tinham como objetivo disseminar inovações científicas aos seus leitores e, sobre isso, Cristiana Facchinetti, Priscila Cupello e Danielle Ferreira Evangelista, afirmam:

O periódico [*Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*] traz as propostas para a psiquiatria brasileira lideradas por Juliano Moreira, diretor do Hospício Nacional e da Assistência a Alienados do Distrito Federal. Por veicular trabalhos de profissionais do Hospício Nacional, é fonte fundamental para a investigação dos processos diagnósticos e das práticas clínicas e terapêuticas do período.⁷³

Assim, ao promover a divulgação dos *Arquivos Brasileiros de Medicina*, *O Paiz* contribui para que seu público esteja a par das informações relacionadas a essa temática. Além disso, o envolvimento do Juliano Moreira em tais revistas científicas nos evidencia a relação entre imprensa, ciência e profissionais da saúde. No entanto, ressalto que apesar de o jornal *O Paiz* promover a divulgação das revistas científicas dirigidas pelo psiquiatra e este também enxergar o jornal como um meio de divulgação de seu trabalho, percebo que os colaboradores do jornal, durante as notícias analisadas, silenciam, muitas vezes, as características raciais do médico, apagando a própria luta enfrentada por este sujeito para alcançar o lugar de destaque social⁷⁴. Sabemos que em um Brasil recém-saído do sistema escravocrata, omitir as características raciais de uma pessoa é omitir sua história e sua luta. Infelizmente, tal problemática começou a ser cada vez mais percebida durante esta pesquisa e será abordada ao longo dos capítulos.

⁷³ FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, p. 527-535, 2010.

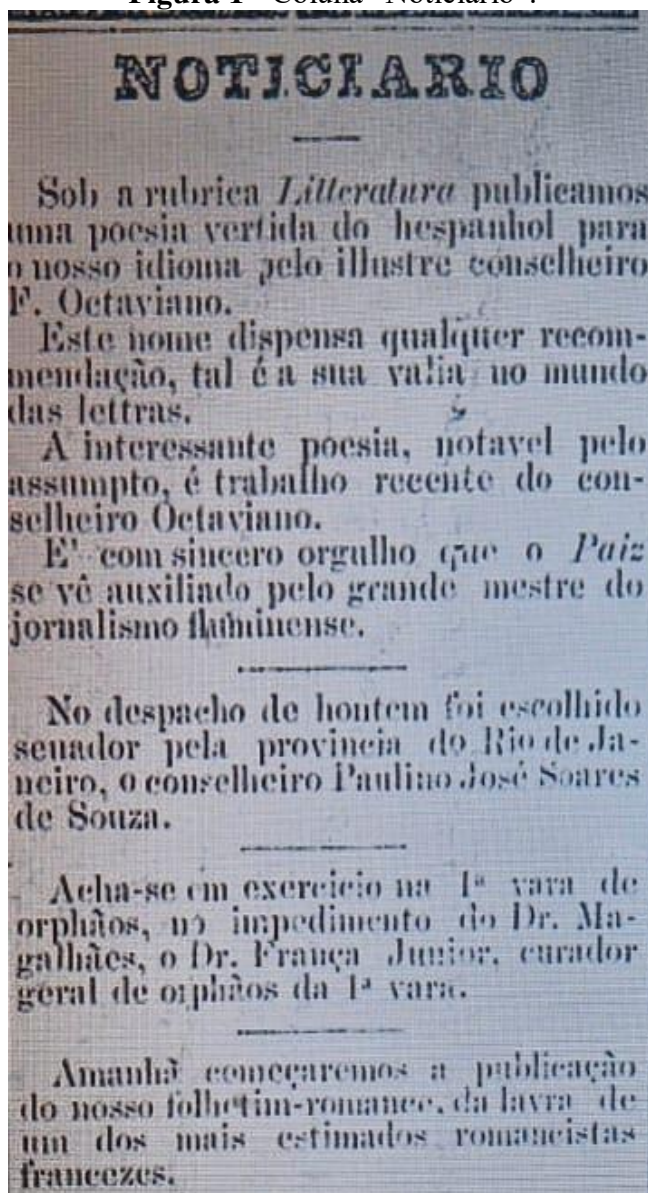
⁷⁴ Sobre os desafios enfrentados por Juliano Moreira em decorrência de suas características raciais, consultar novamente o livro: DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-581-016-7.

1.3 Juliano Moreira na coluna “Echos e Factos” no Jornal *O Paiz* (1910-1919)

Para além das colunas que evidenciam a esfera científica daquela sociedade, também é de interesse deste capítulo compreender o local que possui mais menções ao nome do psiquiatra. Dessa forma, chegamos à “Echos e Factos”. Mas, antes de analisar Juliano Moreira nesta seção do jornal, é necessário entendermos sua estrutura e construção. Assim, direcionamos nosso olhar para a primeira edição do jornal, datada de 1884, até a última edição do ano de 1899. Nesse período, havia uma seção diária denominada “Noticiário”, que majoritariamente ocupava a primeira página d’ *O Paiz*, reportando fatos e acontecimentos da vida política do Rio de Janeiro, incluindo encontros entre ministros e presidentes, comissões formadas pelos membros dos gabinetes e a assinatura de documentos ligados à própria política carioca, entre outros pontos. Este espaço trazia as notícias em parágrafos curtos, separando cada assunto com uma linha, talvez para organizar e evitar confusões durante a leitura dos assinantes do jornal. Trata-se de uma coluna significativa para os leitores, pois possibilitava um acompanhamento diário dos acontecimentos políticos da época.

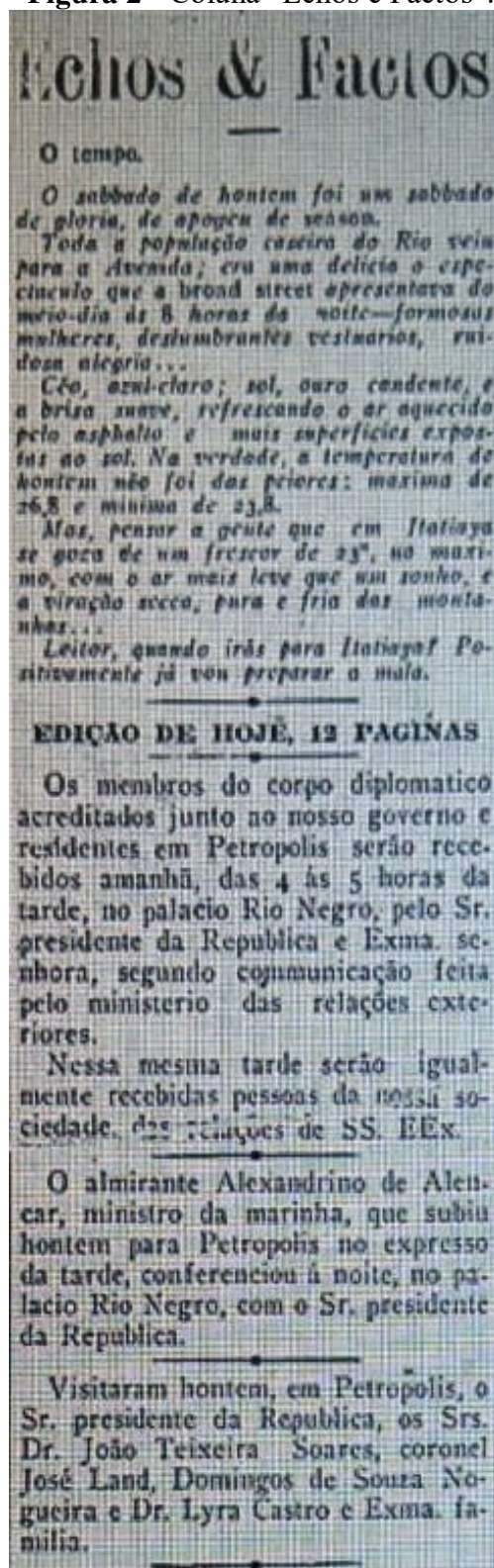
Durante a análise dessa fonte, identifiquei um intervalo nas publicações da coluna “Noticiário” entre a primeira edição do ano de 1900 até o dia 1º de julho de 1902. Posteriormente a esse período, a coluna é reintroduzida ao jornal até o dia 1º de junho de 1906, quando, após essa edição ela foi sucedida pela coluna “Echos e Factos”, que esteve presente no periódico até sua última edição, publicada no dia 18 de novembro de 1934. Essa “nova” coluna, além de surgir após a extinção da coluna anterior, também predomina nas páginas de abertura do periódico e ressalta os acontecimentos que influenciaram a política do período. Ademais, ela manteve um pequeno espaçamento para distinguir suas matérias, algo que pode ser visto nas seguintes ilustrações:

Figura 1 - Coluna "Noticiário".



Fonte: Jornal *O Paiz*, 01 de outubro de 1884, p. 01.

Figura 2 - Coluna “Echos e Factos”.



Fonte: Jornal *O Paiz*, 06 de março de 1910, p. 01.

Ao avaliarmos as várias transformações estruturais deste periódico, principalmente no que tange às colunas “Noticiário” e “Echos e Factos”, nos questionamos quais mudanças no corpo editorial poderiam ter intervindo para que tais transformações acontecessem. Dessa

forma, em diálogo com Bruno Brasil, em seu artigo para a Hemeroteca, podemos ressaltar que o jornal *O Paiz*, entre os anos de 1900 e 1910, passou por uma série de inovações tanto em seus membros organizadores quanto em sua sede⁷⁵. Em 1906, aconteceu a transferência para o edifício na Avenida Central, hoje conhecida como Avenida Rio Branco, algo que também já vinha acontecendo com outros periódicos⁷⁶. A respeito das mudanças nos membros e cargos do jornal, Nelson Werneck Sodré afirma:

Após chegar à Presidência do Rio de Janeiro em 1900, pelo Partido Republicano Conservador (PRC), Quintino Bocaiúva se desligou da direção d'*O Paiz* em 1901. Sua influência se fez presente no periódico por longo período após o seu período de atuação na direção, mas, de toda maneira, sua saída abriu caminho a João de Sousa Laje. Segundo Werneck Sodré, Laje havia subido ao posto de diretor aproveitando-se de uma crise financeira que havia atingido *O Paiz*, pois, “senhor da sua arte”, sabia “o caminho da salvação”. Na ocasião, o autor destaca ainda os nomes que compunham a redação do periódico, à época: “(...) o secretário é Jovino Aires; na redação, trabalham Gastão Bousquet, Oscar Guanabara, Eduardo Salomonde; na reportagem, Jarbas de Carvalho, Virgílio de Sá Pereira, Gustavo de Lacerda; entre os colaboradores, brilha Arthur Azevedo.”⁷⁷

Posto a análise sobre a estrutura e a construção da coluna “Echos e Factos” dentro d'*O Paiz*, voltarei a atenção para a forma pela qual Juliano Moreira aparece neste espaço. No decorrer dos estudos com o jornal *O Paiz* entre os anos de 1910 e 1919, a coluna “Echos e Factos” se destacou, como supracitado, como o espaço onde apareceram o maior número de referências ao psiquiatra. Portanto, para analisar aprofundadamente esta seção, construí uma tabela com os dados de quantas vezes o nome do médico foi mencionado nesta seção em cada ano da análise desse trabalho e em quais páginas, majoritariamente, essas notícias estavam

⁷⁵ Brasil, Bruno. *O Paiz*. BNDigital, 02 abr 2015. Hemeroteca. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>>. Acesso em 10 dez 2024.

⁷⁶ “A preocupação em adequar-se aos padrões de modernidade vigentes e a inspiração européia estiveram na base do intenso debate desencadeado através da imprensa em torno do Projeto de reforma urbana do Rio de Janeiro no início do século XX - o famoso “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos. Coincidindo com a campanha de erradicação da febre amarela, essa intervenção teria como impulso a necessidade de transformar a capital federal numa cidade moderna, civilizada e adequada aos padrões de modernidade aspirados. O ponto alto da reforma foi a construção da avenida Central, larga artéria no centro da capital, ladeada por edifícios rigorosamente clássicos e belos canteiros ajardinados [...] É visível o movimento de transferência do eixo intelectual da rua do Ouvidor - endereço dos mais importantes jornais da capital como o *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *O Século* e *O Paiz* entre outros para a “avenida”, em prédios suntuosos e capazes de acomodar os mais modernos equipamentos tipográfico” Cf. COHEN, Ilka Stern, Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: MARTINS, Ana Luíza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-402-6. P. 113-114.

⁷⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. ISBN 85-85756-88-8. p. 381.

localizadas. Dessa forma, apresento a tabela com os dados que podem facilitar na compreensão e no estudo com esta fonte impressa⁷⁸.

Tabela 1 - Juliano Moreira na “Echos e Factos”.

Ano	Quantidade de aparições na coluna “Echos e Factos”	Páginas das aparições
1910	4	Todas na p. 01
1911	34	Varia entre as págs. 01 e 02
1912	16	Todas na p. 01
1913	3	Todas na p. 01
1914	6	Varia entre as págs. 01 e 02
1915	13	Todas na p. 01
1916	7	Todas na p. 01
1917	6	Varia entre as págs. 01 e 09
1918	7	Varia entre as págs. 01, 03 e 04
1919	8	Todas da p. 03

Fonte: Elaborada pela autora como base no Jornal *O Paiz*.

Ao analisarmos essa tabela percebemos que Juliano Moreira foi mencionado diversas vezes ao longo dos anos estudados por esta pesquisa. Desse modo, podemos refletir através das notícias quais aspectos deste médico são mais valorizados e negligenciados nesta seção do jornal *O Paiz*. Pensando em um homem negro em uma sociedade pós-abolicionista, que ocupou o cargo de Diretor Geral do Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro e foi um pesquisador ativo, participando de congressos e presidindo associações científicas, percebo, através da análise da coluna “Echos e Factos”, que os colaboradores destas reportagens não exaltavam Juliano Moreira apenas como médico, mas também o destacavam como um participante ativo da política carioca daquela época⁷⁹. Além disso, ainda é importante destacar

⁷⁸ Todos os dados foram obtidos a partir da pesquisa com o site da Biblioteca Nacional Digital, através da aba Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em:< <http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 dez 2024.

⁷⁹ Essa particularidade na trajetória de Moreira também foi afirmada em outros trabalhos, no entanto, de maneiras distintas. Por exemplo, na dissertação de mestrado do historiador José Teixeira, ele também atribui o envolvimento político à Juliano Moreira, no entanto, como já discutido na introdução deste trabalho monográfico, há claras

que ao investigar essa seção do jornal, é possível notar o silenciamento das características raciais do médico, visto que as notícias que o mencionam, raramente destacam sua raça.

A imposição da cultura europeia branca como referência, juntamente com a desvalorização da cultura africana, um fenômeno conhecido como racismo epistêmico, exerceu uma influência significativa no silenciamento da identidade negra de diversos intelectuais no Brasil. Em sua obra, *O Genocídio do Negro Brasileiro*⁸⁰ Abdias do Nascimento apresenta análises relevantes sobre essa questão, enfatizando como as identidades culturais e intelectuais de indivíduos racializados foram abafadas pela imposição de normas brancas e pela rejeição de suas raízes africanas. A valorização da "estética da branquidão" em indivíduos negros aculturados indica que sua imagem e produção intelectual eram moldadas e avaliadas por critérios eurocêntricos. No entanto, o autor também ressalta a presença de figuras que resistiram a esse processo de assimilação e embranquecimento, como Luís Gama, Lima Barreto e Machado de Assis. Esses intelectuais são apresentados como exemplos de resistência à tentativa de apagar a identidade negra. Além desses sujeitos mencionados por Abdias do Nascimento, precisamos destacar a importância do próprio Juliano Moreira na luta contra ideias defendidas por diversos de seus contemporâneos de que a raça poderia interferir no desenvolvimento de degenerações mentais⁸¹.

Abdias do Nascimento, ao explicar a questão do racismo que permeia as estruturas do país, aponta:

Da exposição que estamos fazendo podemos resumir uma definição simples e irrefutável: sem exceção, tudo o que sobrevive ou persiste da cultura africana e do africano como pessoa no Brasil, é a despeito da cultura branco-européia dominante, do "branco" brasileiro, e da sociedade que, há quatro séculos, reina no país. Os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar a própria identidade pela pressão social, se transformando, cultural e fisicamente, em brancos.⁸²

Dessa maneira, apesar do ocultamento racial do psiquiatra, notícias que o mencionam em reuniões com presidentes, desembargadores e ministros são bastante comuns nessa parte do jornal, assim como notícias que destacam a participação de Juliano Moreira em conselhos

diferenças entre nossas perspectivas, tanto em nossos recortes temporais, como na forma de atuação política de Juliano Moreira.

⁸⁰ DO NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro*: Processo de um racismo mascarado. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 183 p.

⁸¹ Para compreender o envolvimento de Juliano Moreira na refutação dos determinismos raciais e climáticos, conferir: ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação Mental e Raça*: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues. Orientador: Paulo Dalgalarondo. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

⁸² *Ibid.*, P. 123.

administrativos. Para melhor elucidar tais questões, segue um trecho de uma reportagem que menciona o nome do psiquiatra, na seção “Echos e Factos”:

No salão de honra do palácio do catete realizou-se ontem a recepção anual do Sr. presidente da República comemorativa da data da fraternidade universal. Compareceu a solenidade [...] Drs. Juliano Moreira, diretor do Hospício Nacional de Alienados [...] ⁸³.

Assim, ao examinarmos a atuação de Juliano Moreira, nota-se que ele se destacou não somente como médico, mas também como um político, o que nos faz entender a multiplicidade de funções que ele exerceu. A clareza dessa diversidade de papéis se intensifica, quando alinhamos as bibliografias estudadas com as fontes utilizadas para esta pesquisa. Nos autores analisados, encontramos o nome de Moreira vinculado a várias temáticas, que vão desde estudos biográficos até a análise das interações entre a sociedade em que ele estava inserido e sua própria influência, assim como seu papel na divulgação científica. Isso inclui sua participação em congressos e a publicação de trabalhos que abordam diversas questões, especialmente na crítica de teses deterministas e preconceituosas. Além disso, as referências à Juliano Moreira também abrangem temas como imigração, neurologia, psiquiatria e até mesmo nosografia.

Portanto, o campo de investigação sobre este médico é muito amplo. Alguns autores, como José Teixeira ⁸⁴, chegaram a discutir a atuação política de Moreira. Contudo, ao utilizarmos para essa pesquisa o jornal *O Paiz*, uma fonte que ainda não tinha sido mobilizada ao retratar a questão do médico, conseguimos explorar melhor as lacunas referentes ao seu envolvimento político. Teixeira aponta o psiquiatra como um instrumento do Estado para assegurar o controle social dos corpos no início da República do Brasil. No entanto, é possível assegurar, a partir das pesquisas aqui realizadas, que Moreira não atuava apenas como um instrumento, mas sim como um membro ativo e com voz significativa na política carioca, levantando frequentemente questões relacionadas à saúde pública na capital brasileira.

Todavia, ao refletirmos sobre a relação deste médico como um homem também envolvido na política, podemos investigar a participação de outros médicos nesta seara. Para

⁸³ Jornal *O Paiz*, 01 de janeiro de 1910, p. 01.

⁸⁴ TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

isso, utilizei o livro *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*, do historiador Mauro Gaglietti⁸⁵, no qual o autor aponta que:

[...] Muitos médicos concebiam o seu engajamento partidário como uma atitude “natural” para um profissional da saúde, e seu investimento na carreira política como uma decorrência lógica de tal engajamento.⁸⁶

Diante disso, podemos investigar outros nomes, sobretudo médicos que também foram mencionados na coluna “Echos e Factos”, com o objetivo de compreender algumas questões, tais como: o ciclo em que Juliano Moreira esteve inserido, tanto entre médicos quanto políticos, bem como de observar outros nomes da medicina e da ciência, que estão envolvidos em tais questões, até mesmo porque Moreira não estava revolucionando os paradigmas psiquiátricos de forma individual, ele teve acesso a trabalhos produzidos nesta área e a possibilidade de dialogar com diversos profissionais da saúde que também o auxiliaram na implementação das reformas do HNA e em críticas às ideias de que clima e raça afetariam tanto na alienação mental como em doenças, por exemplo, a sífilis. Dessa forma, para iniciar a análise dessas questões, selecionei a seguinte notícia:

A colônia feminina de alienadas do Engenho de Dentro, criada pela recente reforma, recebeu, ontem, a visita do Dr. Juliano Moreira, diretor geral da assistência de alienados. A nova colônia, que ainda se acha em período de organização, contém já 197 alienadas e se acha sob a direção do hábil alienista Dr. Braule Pinto. O Dr. Juliano Moreira percorreu todas as dependências da colônia, retirando-se agradavelmente impressionado.⁸⁷

A notícia acima, retirada da coluna “Echos e Factos”, mostra a relação de Moreira com outros médicos da sua época, como, por exemplo, com o Dr. Braule Pinto, Diretor da colônia de alienados do Engenho de Dentro. Pensando nessa notícia, recorri ao artigo de Valentim em conjunto com outras autoras⁸⁸, quando elas ressaltam que especialmente após as mudanças modernizadoras na psiquiatria promovidas por Juliano Moreira, principalmente em sua defesa pela ampliação dos asilos-colônias, começaram a surgir novos locais como uma opção mais humana para tratar os alienados, na tentativa de aliviar a superlotação do HNA. Em 1911, a Colônia do Engenho de Dentro foi um desses locais, destinado especificamente para alocar as

⁸⁵ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

⁸⁶ *Ibid.*, P. 20.

⁸⁷ Jornal *O Paiz*, 23 de setembro de 1911, p. 01.

⁸⁸ DE VALENTIM, Renata Patricia Forain, et al. As mulheres da colônia de alienadas do engenho de dentro. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 13, n. 2, p. 42-60, 2019.

internas do HNA. Dessa forma, podemos inferir uma conexão clara do próprio Juliano Moreira na criação de novos espaços asilares, o que destaca sua importância política, uma vez que suas ideias foram implementadas e suas reformas foram integradas naquela sociedade. É possível notar além da própria importância do psiquiatra, sua conexão com os sujeitos contemporâneos a ele que, além de o auxiliarem na implementação de suas ideias, apareciam nas próprias nomeações de cargos em espaços asilares, como, por exemplo, a designação de Braule Pinto como diretor da “nova” colônia, assim, podemos assumir uma espécie de parceria entre os médicos⁸⁹.

Busquei também nesta seção do jornal *O Paiz*, outros profissionais da saúde, que assim como Moreira, também estavam presentes nas discussões políticas da época, visto que como aponta Gaglietti em seu texto, essa era uma prática comum⁹⁰. Portanto, segue uma notícia retirada da coluna “Echos e Factos” que pode corroborar com essa situação:

Estiveram ontem no gabinete do Sr. ministro da justiça [Carlos Maximiliano] os senhores senador Alencar Guimarães, deputado Collares Moreira, Freire de Carvalho e Antonio Freire, Drs. Gonçalves Ferreira, Carlos Seidl, Rodrigues de Carvalho, Juliano Moreira, Aloysio de Castro e Arthur Peel, coroneis Jesuino de Mello e Almerico Almada.⁹¹

Examinando a notícia acima, verificamos que não apenas o Juliano Moreira estava envolvido com as questões políticas do Rio de Janeiro na década de 1910, mas também outros médicos, como, nesta notícia, é o caso de Gonçalves Ferreira, Carlos Seidl, Rodrigues de Carvalho, Aloysio de Castro e Arthur Peel. O que confirma a ideia de Gaglietti, sobre a participação recorrente dos profissionais da medicina no cenário político das cidades. Nesse sentido, é interessante pontuarmos como a saúde e a política são instâncias que caminham muito próximas, pois é difícil pensar em uma sem considerar a outra, principalmente, quando retomamos o início da República no Brasil, onde a medicina e a ciência foram usadas como chaves para a higienização e o controle dos corpos.

Dessa forma, quando pensamos nas esferas da saúde e política como indissociáveis, devemos ainda debater algumas ideias apresentadas no livro *História da Loucura*⁹² de Michel Foucault, no qual o autor aponta que o discurso médico-científico também atua como uma

⁸⁹ Para aprofundar ainda mais sobre a Colônia Engenho de Dentro, verificar também: DA SILVA, Carine Neves Alves. Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911-1932). *XXIX Simpósio de História Nacional: Contra os preconceitos: História e Democracia*, Brasília, p. 1-17, 24 jun. 2025.

⁹⁰ GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. P. 20.

⁹¹ Jornal *O Paiz*, 09 de maio de 1915, p. 01.

⁹² FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. 11. ed. São Paulo: Perspectivas, 2019.

forma de propagação de ideologias e como um mecanismo de normatização na sociedade. O filósofo e historiador explica que esse discurso científico reforça algumas normas já existentes na sociedade e ressalta que a ciência médica apresentou uma linguagem e práticas que pareciam neutras e objetivas, mas, na verdade, tinham o objetivo de delimitar e controlar o que era visto como perigoso ou desviante da ordem social, tornando-se assim um instrumento poderoso de disciplinarização social. Sobre tais questões, Foucault destaca que:

Ao se ler esse texto, tem-se a impressão de que existem dois usos, quase dois níveis de elaboração da medicina, conforme seja ela considerada no contexto do direito ou conforme deva pautar-se pela prática social do internamento. Num caso, ela põe em jogo as capacidades do sujeito de direito, e com isso prepara uma psicologia que misturará, numa unidade indecisa, uma análise filosófica das faculdades e uma análise jurídica da capacidade para elaborar contratos e contrair obrigações. Ela se dirige às estruturas mais apuradas da liberdade civil. Noutro caso, ela põe em jogo as condutas do homem social, preparando assim uma patologia dualista, em termos de normal e anormal, de sadio e mórbido, que cinde em dois domínios irreduzíveis a simples fórmula: "Para ser internado". Estrutura espessa da liberdade social.⁹³

Pensando nessas questões, é importante situarmos que Juliano Moreira é nomeado como Diretor Geral do Hospital Nacional de Alienados, no ano de 1903, a partir da indicação de Afrânio Peixoto, em um momento de intensa campanha higienista e sanitarista por parte do Estado carioca⁹⁴. Sobre a designação deste cargo ao psiquiatra, a socióloga Ana Tereza Venancio, em seu trabalho intitulado *As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações*, aponta que:

Nesse contexto, a nomeação e a atuação de Juliano Moreira no referido hospital reforçavam as iniciativas “modernizadoras” do Estado, ampliando-as para essa esfera da assistência pública - a dos alienados - corroborada pelo projeto de desenvolvimento de uma ciência psiquiátrica brasileira.⁹⁵

⁹³ *Ibid.*, P. 146

⁹⁴ Acerca deste período na história do Brasil, em especial, sobre a reação popular contra a tentativa de sanitização por parte do Estado, o historiador Nicolau Sevcenko, descreve essa revolta [Revolta da Vacina] como uma reação significativa dos grupos marginalizados no Brasil contra a exploração e a discriminação da administração pública. Ele ressalta que a insatisfação não se dirigia à vacina em si, mas sim à maneira como era aplicada, à falta de informações e à violação da privacidade das pessoas. A campanha de vacinação, segundo o autor, estava ligada a um projeto de "Regeneração" do Rio de Janeiro, liderado pelo prefeito Pereira Passos e o sanitarista Oswaldo Cruz, que incluía medidas higienistas para promover uma imagem mais civilizada do país. Sevcenko critica a abordagem autoritária e excludente, que desconsiderava as realidades das populações mais pobres, e observa que a repressão à revolta tratou os insurgentes como pragas a serem eliminadas. Cf. SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify. Acesso em: 06 abr. 2025. 2010.

⁹⁵ VENANCIO, Ana Teresa A. *As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações*. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, p. 59-74, 2005. P. 61.

Assim, neste capítulo, observamos que a contribuição de Juliano Moreira ultrapassou o âmbito científico e médico. Pois, além de liderar um dos hospitais mais significativos para doentes mentais, divulgar suas pesquisas, colaborar em periódicos, participar de vários congressos, abordando uma variedade de temas, ele também teve um envolvimento ativo na política do Rio de Janeiro. Sua atuação foi mais do que uma ferramenta para a modernização, ele alcançou uma posição em que influenciou mudanças políticas e atuou como um representante político e científico brasileiro. É importante destacar ainda que na pesquisa realizada através do jornal *O Paiz*, percebemos que o papel desse médico em uma sociedade marcada pelo racismo é crucial para enfrentar certos preconceitos e que ele não estava sozinho em suas batalhas, pois, assim como ele, havia outros profissionais com quem Moreira se comunicava e que o ajudavam a colocar suas ideias em prática; esses colegas ocupavam diversos cargos e não estavam limitados apenas à medicina ou à política.

Capítulo 2 - A atuação de Juliano Moreira na medicina legal e a repercussão na imprensa

1.1 Introdução

Durante a minha pesquisa com o jornal *O Paiz*, também encontrei diversas notícias que mencionavam nomes de pacientes do psiquiatra Juliano Moreira, destacando sua atuação como médico-legal⁹⁶. Isso despertou o meu interesse, pois essa foi uma outra maneira que o nome de Moreira apareceu no jornal, revelando mais um de seus muitos papéis e atuações, conforme já vimos no capítulo anterior. Assim, parto, neste capítulo, buscando compreender a atuação desse médico frente a dois casos que mais me chamaram a atenção: caso Bárbara de Jesus e caso Francisco Manso de Paiva Coimbra. O primeiro contato que tive com ambos os pacientes foi através das páginas de *O Paiz*. No entanto, no intuito de aprofundar minha investigação sobre cada paciente, procurei, além de bibliografias complementares, aparições de seus nomes em outros periódicos, como, por exemplo, no jornal *A Noite* e no *Jornal do Commercio*⁹⁷.

É importante pontuar que meu principal objetivo com este capítulo não é estudar os casos em si ou oferecer uma conclusão definitiva sobre o estado mental desses indivíduos, mas sim compreender a atuação de Juliano Moreira frente a essas ocorrências e a forma como foram noticiadas pelos jornais, examinando possíveis marcas de preconceito de gênero, principalmente em uma sociedade pós-período de reformas higienistas, quando diversas teses sobre a loucura surgiam e se modificavam⁹⁸. Além disso, busco também refletir sobre como a voz desse médico foi percebida entre seus iguais, qual sua importância nas consultas sobre determinação das alienações mentais e como a imprensa abordou esse recorte profissional de

⁹⁶ Segundo Woelfert: “Medicina Legal é o ramo da medicina que aplica os conhecimentos médicos no esclarecimento de fatos que interessam à Justiça. Originou-se da necessidade do Direito de elucidar fatos de conteúdo biológico e médico. É a Medicina a serviço do direito [...] Sua importância na sociedade é enorme, já que está sempre presente na elucidação do conteúdo biológico e médico das normas jurídicas, quer na elaboração, quer na interpretação, quer na aplicação das leis. Na elaboração, auxiliando na formação de novas leis. Na interpretação, explicando o conteúdo biológico das leis. Na aplicação, executando a lei, isto é, realizando perícias sobre vestígios (corpo de delito) deixado nos indivíduos e também na saúde mental do indiciado (imputabilidade).” Cf. WOELFERT, Alberto Jorge Testa. *Introdução à Medicina Legal*. 1. ed. Canoas: ULBRA, 2003. 162 p. ISBN 85-7528-070-8. P. 13.

⁹⁷ Todo o levantamento feito com os jornais foi realizado por meio do portal da Biblioteca Nacional Digital, na seção de Hemeroteca Digital. Acessar: <https://bndigital.bn.gov.br/>.

⁹⁸ Para compreender acerca das mudanças psiquiátricas no início do século XX no Brasil, verificar: ENGEL, Magali Gouveia. A loucura na cidade do Rio de Janeiro: idéias e vivências, 1830-1930. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 6, n. 1, p. 133-136, 1997; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 7, n. 1, p. 128-141, 2004.

Juliano Moreira. Sabemos, a partir do primeiro capítulo deste trabalho, que ele foi um médico, psiquiatra, diretor geral do Hospital Nacional de Alienados (HNA) e que teve uma forte atuação política em sua sociedade. Contudo, neste momento, os relatos da imprensa nos evidenciaram outro aspecto de Juliano Moreira, sua atuação como perito médico, o que nos leva a considerar a pluralidade de sua prática profissional e a nos questionar sobre como ele tratou e julgou esses indivíduos.

Durante este trabalho, encontrei nos jornais diversos nomes de pacientes que passaram pelo Juliano Moreira, sendo alguns deles mais conhecidos, como, por exemplo, o próprio Lima Barreto⁹⁹, enquanto outros não consegui nem descobrir seus nomes, apenas referências a suas existências. No entanto, não poderia ignorar o caso de Bárbara de Jesus, uma mulher que batalhou na justiça para provar sua sanidade, já que suas filhas e genros tentaram interditá-la por causa de seu relacionamento com um homem mais jovem. Por mais que este caso tenha sido noticiado com pouca frequência no jornal, gostaria de entender a forma com que Juliano Moreira, um homem reconhecido por lutar contra teses racistas e deterministas, olharia para uma mulher e questionaria sua sanidade. Diferentemente do episódio de Bárbara de Jesus, Francisco Manso de Paiva Coimbra, foi um caso extremamente midiático, uma vez que foi ele o responsável pelo assassinato do senador riograndense Pinheiro Machado. Esse crime teve inúmeras idas e vindas, com diversas indagações nos jornais, manchetes e páginas inteiras dedicadas à cobertura do caso e, novamente, o nome de Juliano Moreira surgiu na investigação sobre a saúde mental do acusado.

Portanto, estavam escolhidos os casos que eu gostaria de estudar com mais afinco durante minha pesquisa monográfica: uma mulher com poucas reportagens e que lutou por ter sua sanidade reconhecida, o que, adianto, não foi alcançado, e Manso de Paiva, que, entre muitas idas ao tribunal para determinar sua punição, teve seu estado mental considerado conforme os padrões de sua época. Destaco aqui que não pretendo realizar uma comparação entre os casos, especialmente porque seria inviável, dado que cada situação possui suas próprias particularidades. Mas, como a participação do psiquiatra Juliano Moreira é um aspecto em comum entre ambas as ocorrências, concentro-me exatamente neste ponto durante minha investigação.

Por fim, acredito que estudar a vida de Juliano Moreira em conjunto com casos de pacientes em que ele esteve envolvido, é uma forma de ampliar a compreensão historiográfica

⁹⁹ Para saber mais sobre a vida deste escritor que chegou a ser internado no HNA, consultar livro: SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2017.

acerca deste médico e sua função¹⁰⁰. Isso possibilita que novas questões surjam sobre os limites do saber e do poder psiquiátrico. Assim, considero que analisar esses casos é importante para entender sobre as ideias e valores de uma época, principalmente acerca da loucura, uma vez que, como afirma Michel Foucault, a irracionalidade é um conceito cunhado na racionalidade¹⁰¹. Desse modo, investigar o cenário da psiquiatria no início do século XX, através da atuação de Juliano Moreira em casos específicos, onde ele atuou como médico legal, nos possibilita obter uma visão aprofundada desses sujeitos que tiveram sua sanidade contestada e examinada.

¹⁰⁰ É frequente o uso de casos de pacientes na análise de várias pesquisas. Para examinar outros estudos que adotam essa abordagem metodológica, consulte: ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930) [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. Loucura & Civilização collection. ISBN: 85-85676 94-9; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. 3. ed. Campinas: [s. n.], 2022. 338 p. ISBN 978-65-87198-19-4; WADI, Yonissa Marmitt. "Entre Muros": Os loucos contam o hospício. *Topoi. Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 250-269, jan-jun. 2011; SAISSE, Clarice Fonseca. *Mulheres artistas psiquiatrizadas (1937-1992)*: Aurora Cursino dos Santos, Adelina Gomes e Stella do Patrocínio. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

¹⁰¹ FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na idade clássica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

1.2 Imprensa e alienação mental

Antes de analisar os casos de Bárbara de Jesus e Francisco Manso de Paiva Coimbra nas bibliografias e periódicos, busquei compreender o papel da imprensa na construção social das doenças mentais no início do século XX e como os casos psiquiátricos eram geralmente noticiados nas páginas do jornal *O Paiz*. Para isso, recorri novamente ao site da Hemeroteca Digital e busquei no periódico supracitado, entre os anos de 1910 e 1919, as ocorrências da palavra-chave “alienado”. A partir dos resultados encontrados, construí uma tabela simples, contendo o dia da publicação, a edição, a coluna e uma síntese do que estava sendo discutido na reportagem. Através da organização de tais dados, pude realizar uma análise dessas informações e engendrar questionamentos e sentidos para minha pesquisa.

É importante destacar que, ao longo dessa pesquisa, foram encontrados alguns resultados que não eram sobre pacientes alienados e, sim, sobre outros sentidos dessa palavra, portanto, quando isso acontecia, essas ocorrências não foram incorporadas à tabela ou à análise. Deste modo, através dos dados obtidos com o estudo no jornal *O Paiz*, durante meu recorte temporal, posso inferir que, na maioria das vezes em que os editores do periódico citam os sujeitos “alienados”, esses indivíduos estavam atrelados a casos criminais. Assim, quando o público desse periódico tinha acesso às informações sobre os considerados “loucos”, havia certa estigmatização da violência desses sujeitos, algo que estava sendo evidentemente reforçado pelo jornal *O Paiz*. Acerca da estigmatização das doenças mentais através da imprensa, Guarniero e outros autores afirmam:

Talvez a longa tradição ocidental de violência e criminalidade ligada aos portadores de transtornos mentais tenha sedimentado estereótipos de periculosidade para essa população. Entretanto, embora a literatura relate uma associação entre comportamento violento e esquizofrenia, com um risco de duas a seis vezes maior nos indivíduos com esse transtorno do que na população geral não acometida, há estudos afirmando o contrário. Além disso, a literatura mostra que crimes violentos ocorrem principalmente entre os pacientes com esquizofrenia que tenham abuso de substâncias e estão sem tratamento apropriado. Ou seja, o tratamento médico adequado reduziria a violência de pacientes psicóticos. Análises mais complexas demonstram que transtornos mentais são preditores mais fracamente associados à violência que idade, gênero ou etnia, mas o público tende a ver mais frequentemente portadores de transtornos mentais como um perigo à sua segurança. Portanto, poderíamos argumentar que o ambiente cultural, e nele incluída a cobertura jornalística, é um fator social que favorece essa visão negativa sobre os transtornos mentais e que se opõe aos dados disponíveis na literatura médica¹⁰².

¹⁰² GUARNIERO, Francisco Bevilacqua; BELLINGHINI, Ruth Helena; GATTAZ, Wagner Farid. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. São Paulo. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 39, 2012. P. 83

Acredito que a estigmatização da loucura pelos periódicos reforça a construção social do alienado como um sujeito perigoso e violento, o que corrobora com o imaginário popular sobre o “louco criminoso” e justifica políticas de exclusão e contenção. Ademais, a maneira como os alienados aparecem nos jornais também pode ser lida através de um discurso de legitimação das instituições manicomiais, uma vez que são elas que assegurariam a sociedade do possível perigo desses indivíduos, um perigo que como já discutimos aqui, é reforçado pela própria imprensa. Portanto, os editores dos jornais se colocam a favor de certos discursos presentes no início do século XX no Brasil sobre a internação desses sujeitos como uma forma de proteção social. No entanto, a maioria das notícias encontradas não discute outras esferas do que eles chamam de “loucura” e “alienação” e não questionam os próprios crimes que aconteciam com esses internos dentro dessas instituições.

Dessa maneira, ao priorizar apenas casos de alienados que estejam envolvidos em crimes, o jornal invisibiliza a pluralidade de vivências de pessoas com doenças mentais, reduzindo-as a sinônimo de violência e ocultando ainda o sofrimento e violência que aconteciam dentro dos hospitais de alienados. Para além dessas discussões, a cobertura de casos de alienados também perpassava pelo questionamento da sanidade, algo que inclusive é comum em ambos os casos que serão trabalhados mais adiante neste capítulo. Conforme as notícias analisadas, era frequente que durante o julgamento de diversos indivíduos, a pauta da sanidade mental fosse questionada. Isso nos revela como as fronteiras entre loucura e crime foram socialmente construídas, o que pode interferir de diversas formas na destinação final desses sujeitos. Pois, frequentemente, eles, ao invés de serem encaminhados para as casas de custódia, acabavam sendo transferidos para os hospitais de alienados. É importante destacar que este período inicial da República, é um momento em que a alienação também passa a ser vista como uma ferramenta de poder, sobre isso Cunha destaca:

[...] no processo de desenvolvimento do capitalismo e das cidades europeias no começo do século XIX, que serão incorporadas aqui aos instrumentos de poder já existentes, devidamente adequadas, adaptadas às necessidades particulares do meio. O alienismo foi uma destas estratégias e é no interior desse amplo movimento que marca o final do século XIX brasileiro que se deve buscar seu sentido essencial. Mas não foi a única e nem a principal arma desse combate, onde figuram, entre outras, a engenharia sanitária e a arquitetura, o urbanismo, a criminologia, as instituições de assistência social e a polícia e, sobretudo, a medicina social, em cujo interior a psiquiatria começa a esboçar-se enquanto uma especialidade autônoma¹⁰³.

¹⁰³ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. 3. ed. Campinas: [s. n.], 2022. 338 p. ISBN 978-65-87198-19-4. P. 72

Assim, a sanidade passa a ser o critério central na definição do próprio destino desse sujeito considerado “alienado” e em sua posição na sociedade, o que pode nos revelar como a psiquiatria torna-se uma aliada do judiciário. Desse modo, o criminoso é reinterpretado como “doente” e a pena se converte em tratamento, quando o discurso médico-psiquiátrico adquire influência sobre os corpos e trajetórias de vida desses sujeitos. É precisamente neste cenário que o próprio Juliano Moreira estava inserido, e é neste panorama que reconhecemos a importância da voz de um médico, ainda mais do diretor-geral do HNA, na análise dos casos psiquiátricos envolvidos em crimes.

Nesse sentido, também é possível discutir como o questionamento acerca da sanidade desses indivíduos pode ser interpretado através de diferentes maneiras. Pois, pode resguardar esse indivíduo alienado de uma penalidade, mas também pode servir como um método de controle social, algo que, principalmente no início da República brasileira, era muito frequente¹⁰⁴. Ademais, a partir das pesquisas com o jornal *O Paiz*, percebemos como esse veículo de comunicação enfatiza constantemente a dualidade entre loucura e crime. Por isso, podemos conjecturar que essa discussão ultrapassava as páginas do jornal e mobilizava o imaginário coletivo daquele período. Acredito que a loucura constituía em um problema de ordem pública e que estava permeada por uma disputa simbólica sobre a sanidade.

¹⁰⁴ Sobre a psiquiatria e o controle dos corpos, verificar a obra: PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2002.

1.3 A sanidade questionada

Um cavador qualquer pretendia casar-se com a septuagenaria D. Barbara de Jesus, viúva, e que possui fortuna. Velhacamente trabalhada, a pobre senhora acquiesceu. Foi quando seus filhos requereram no juízo da 1ª vara de orphãos a sua interdição. Os peritos nomeados para dizerem sobre a capacidade de D. Barbara para reger sua pessoa e bens, os Drs. Galvão Bueno e Alfredo de Mattos, opinaram pela affirmativa. Os advogados da familia reclamaram, e o Dr. curador de orphãos, levado pela sua impulsão pessoal, propoz um exame para qual foram nomeados os especialistas Drs. Julianio Moreira e Rego Barros. Feito o novo exame estes peritos concluíram que D. Barbara não tem capacidade para reger sua pessoa e bens. O processo subiu á conclusão do juiz para decidir.¹⁰⁵

Provavelmente, foi dessa maneira uma das primeiras aparições do nome de Bárbara de Jesus no jornal *O Paiz*. Ao longo da minha análise neste periódico, encontrei, durante os anos de 1910 a 1919, aproximadamente quatro notícias vinculadas ao nome desta mulher. Devido às poucas referências encontradas, recorri ao trabalho de Magali Gouveia Engel, intitulado *Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios*¹⁰⁶, para me auxiliar a entender este caso, uma vez que nesta pesquisa, a historiadora realiza uma análise do caso de Bárbara de Jesus, a partir de seu processo-crime e de algumas notícias na imprensa. Portanto, pontuo que todas as informações do processo de Bárbara de Jesus contidas neste capítulo foram obtidas através do trabalho de Engel.

Antes de adentrar a discussão sobre este caso, pensando especialmente na atuação de Julianio Moreira, é importante apresentar alguns dados, no intuito de oferecer ao leitor um panorama do ocorrido. Segundo Engel, em 1915, Bárbara de Jesus, uma viúva de 67 anos, decidiu casar-se com Ayres Pereira de Mello, um pintor de 52 anos, o que gerou uma oposição das filhas e genros da mulher, que solicitaram sua interdição¹⁰⁷. É importante chamar atenção para a idade do casal, pois em algumas notícias os periódicos forjaram diferentes idades, na tentativa de aumentar a distância temporal entre eles¹⁰⁸.

A partir da leitura das fontes e do trabalho de Engel, podemos dividir o processo de Bárbara de Jesus em alguns pontos-chave para facilitar nosso entendimento. O primeiro momento é em 1916, quando ela foi submetida pela primeira vez a um exame para determinar sua sanidade mental, em que os responsáveis por esse exame concluíram que Bárbara era, sim, capaz de responder pelos seus atos. No entanto, o curador geral de órfãos¹⁰⁹, Dr. Raul Camargo,

¹⁰⁵ Jornal *O Paiz*, 26 de fevereiro de 1916, p. 05.

¹⁰⁶ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. (Coleção Loucura & Civilização). ISBN 85-85676-94-9.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 74.

¹⁰⁸ Conferir a notícia apresentada na página oito deste capítulo.

¹⁰⁹ Segundo Cardozo: “[...] o Juízo dos Órfãos era o tribunal, ou foro, em que se tratava e se decidia tudo que dizia respeito a um menor de idade, ou pessoas incapacitadas, como os indígenas, pela forma da lei vigente. Este Juizado

contestou o laudo, o que levou a um segundo exame para averiguar a capacidade da mulher. Os médicos nomeados para esta segunda etapa foram Juliano Moreira e Rego Barros, que mesmo declarando que Bárbara não tinha alienação definida, recomendaram sua interdição, concluindo que a mulher tinha “evidente insuficiência mental”. Os resultados deste segundo exame foram discutidos na reportagem supracitada no início deste tópico. A partir dos procedimentos realizados, o juiz da primeira vara criminal concordou com a opinião de Moreira e Barros, declarando Bárbara de Jesus como incapaz. No entanto, o advogado de Bárbara contestou a decisão, o que levou a um terceiro exame médico, quando os novos peritos confirmaram o segundo laudo, concordando com a incapacidade da mulher. No entanto, a Primeira Câmara da corte de apelação considerou a interdição de Bárbara como inválida, já que a lei não impedia o casamento de pessoas mais velhas e a senilidade não era motivo para interditar alguém.

Antes de prosseguir com este caso, acredito que devemos levantar alguns questionamentos e pensar na própria atuação de Juliano Moreira frente a esse processo. A importância deste médico se inicia a partir de sua nomeação, uma vez que foi requerido, durante o segundo exame, que os peritos fossem médicos, portanto, podemos perceber a diferença e o poder que era concedido ao discurso médico naquele momento¹¹⁰. Ademais, ressalto ainda que, mesmo percebendo que Bárbara de Jesus não era alienada, os peritos selecionados no segundo exame, que incluíam o próprio Juliano Moreira, recomendaram a interdição da mulher¹¹¹. Além disso, os responsáveis pelo terceiro exame mental de Bárbara, concordaram com o “afamado” Dr. Moreira e com o Dr. Barros, deixando subentendido a importância do parecer deste psiquiatra no meio científico, e como sua posição, além de ouvida, era respeitada entre seus colegas de profissão.

Nos indagamos o porquê, mesmo tendo sua sanidade mental dentro dos padrões esperados, os médicos optaram por interditar Bárbara de Jesus. Não podemos oferecer respostas a essa pergunta, mas podemos refletir sobre quais estereótipos e preconceitos estavam em

era composto das seguintes e principais partes: Juiz, Curador Geral [Promotor Público do Juízo dos Órfãos] , Escrivão, Tesoureiro e as partes interessadas.” Cf. CARDOZO, José Carlos da Silva. Na fronteira da família: entre a lei e a moral. *Em Tempo de Histórias (UnB)*, v. 17, p. 80-92, 2010. P. 81.

¹¹⁰ Conforme aponta Engel: “A opinião dos psiquiatras tinha peso fundamental, na medida em que como especialistas, possuíam a chave para alcançar a verdade científica e, por isso, imparcial.” Cf. ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. (Coleção Loucura & Civilização). ISBN 85-85676-94-9. P. 80.

¹¹¹ Sobre isso, Maria Clementina Pereira Cunha destaca: “Mas nos pavilhões femininos, os casos de uma espécie invisível de loucura embutida em comportamentos morais são bastante mais frequentes e evidentes. Aliás, é sobretudo para este tipo de paciente - aquele de uma loucura indefinível, imperceptível para os leigos e portanto mais “ameaçadora” - que o hospício “científico” é criado e implantado enquanto estratégia de controle social.” Cf. CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 121-144, 1989. P. 130.

evidência neste processo, principalmente pensando em uma sociedade que encarava a mulher como submissa ao homem. Simone Beauvoir, nesse sentido, aponta que a mulher sempre foi encarada como o outro, como o segundo sexo e que esta diferença é produzida através de uma relação de poder¹¹². Assim, Bárbara de Jesus, ao sair de um local esperado para uma mulher de 67 anos, teve sua sanidade questionada e, mais ainda, sua sanidade foi analisada por diversos homens, uma vez que todos os peritos, juízes e advogados de seu caso eram do sexo masculino.

Ainda segundo Engel, mesmo que, em 1916, a interdição de Bárbara tenha sido julgada insubsistente, em 1918, sua família solicitou novamente este processo, uma vez que Bárbara havia nomeado Ayres seu procurador. Assim, ela foi submetida a um quarto exame para conferir sua sanidade, quando os médicos a diagnosticaram com “estado parademencial de involução senil”, além de incluir em seu diagnóstico “perversão sexual” e “ausência de autocrítica”. Assim, o juiz concordou com a conclusão dos médicos e decretou a interdição de Bárbara¹¹³. O jornal *O Paiz* anunciou essa decisão da seguinte maneira:

O 2º curador de orphãos, diante do respectivo exame de sanidade mental, opinou pela interdição da septuagenaria Barbara de Jesus, a requerimento de seus descendentes. Como tem sido largamente noticiado, a alludida senhora, que tem bens de fortuna, casou-se com um cavalheiro que podia ser seu neto, e a quem passara procuração para tratar de seus negocios.¹¹⁴

A partir dessa notícia, podemos confirmar não só o aumento na idade do casal envolvido neste processo, mas a própria forma como o jornal divulgou esse ocorrido, mostrando-se tendencioso. É importante destacar que, mesmo após esse episódio, Bárbara tentou novamente contestar sua interdição, mas, segundo Engel:

O fracasso dessa última tentativa de Barbara demonstraria a eficácia da estratégia empregada por aqueles que defenderam tão obsessivamente sua interdição, aprisionando-a numa situação da qual não poderia fugir, já que qualquer tentativa de libertar-se significaria voltar sempre ao ponto de partida. Essa é a impressão que se tem a partir da decisão tomada pelo juiz da 2ª Vara de Órfãos, Dr. Eurico Cruz, anulando, em 29 de março, todo o processo.¹¹⁵

¹¹² BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 1, 1980.

¹¹³ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. (Coleção Loucura & Civilização). ISBN 85-85676-94-9. P. 81-82

¹¹⁴ Jornal *O Paiz*, 03 de maio de 1918, p. 06.

¹¹⁵ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. (Coleção Loucura & Civilização). ISBN 85-85676-94-9. P. 84.

Acredito que o caso de Bárbara de Jesus levanta algumas questões importantes, como, por exemplo, seu diagnóstico de “perversão sexual”, algo que também, como vimos foi reforçado pelas notícias publicadas pelo *O Paiz*, pois a partir da idade real do casal, seria praticamente impossível ela ser avó de Ayres. Um questionamento que coloco aqui é como seria este caso, se o homem fosse o mais velho. Pois, sabemos que a pressão social sobre o comportamento das mulheres não são os mesmos atribuídos às pessoas do sexo masculino. Portanto, indago se haveria o mesmo diagnóstico de “perversão sexual” se um homem de 67 anos quisesse se casar com alguém alguns anos mais jovem.

Coloco esse questionamento, pensando ainda como a sexualidade é encarada de diversas formas a depender do sujeito¹¹⁶. Frequentemente, para os homens, o ato sexual é visto como um símbolo de masculinidade, ao contrário das mulheres, que, simplesmente ao manifestar o desejo de se casar com um homem mais jovem, precisam enfrentar uma pressão social. Acredito que seria ainda mais inaceitável a ideia de manter relacionamentos informais sem um matrimônio, uma vez que muitas vezes, quando uma mulher deseja manter relacionamentos sem se casar, ela é vista como promíscua. No caso de Bárbara de Jesus, foram realizados quatro exames médicos para avaliar sua saúde mental, ela foi considerada incapacitada e recebeu um atestado de “perversão sexual”. Adicionalmente, o caso dela atraiu a atenção da imprensa. Por mais que não tenha encontrado uma pluralidade de notícias sobre este ocorrido, ele chegou até a página dos jornais. Assim, a partir da minha investigação, alinhada aos estudos de Magali G. Engel, podemos concluir que os jornais, em grande medida, apoiaram a interdição de Bárbara de Jesus, frequentemente destacando que seus desejos não correspondiam com sua faixa etária.

Assim, a história dessa mulher mostra como o discurso médico, muitas vezes acompanhado por ações jurídicas, desempenhou um papel importante na disciplina e no controle daqueles corpos que não se encaixavam nos padrões esperados pela sociedade da época. Além disso, ao conhecermos a trajetória de Bárbara de Jesus, fica claro o quanto é fundamental debater questões relacionadas ao gênero feminino e à loucura. Muitas mulheres tiveram suas vidas controladas por homens simplesmente por não atenderem às expectativas comportamentais de uma sociedade profundamente marcada pelo machismo e pela misoginia.

¹¹⁶ Segundo Engel: “Para muitos estudiosos o cerne dessa especificidade situa-se justamente no fato de que enquanto as situações que conduzem a mulher a ser diagnosticada como doente mental concentram-se na esfera da sua natureza e, sobretudo, da sua sexualidade, o doente mental do sexo masculino é visto, essencialmente, como portador de desvios relativos aos papéis sociais atribuídos ao homem – tais como o de trabalhador, o de provedor etc. Assim, a predisposição masculina aos distúrbios mentais seria relacionada, sobretudo, às implicações decorrentes do desempenho desses papéis ou à recusa de incorporá-los.” Cf. ENGEL, Magali Gouveia. *Psiquiatria e Feminilidade*. In: PRIORI, Mary Del; BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 270-303. ISBN 85-7244-256-1. P. 278.

Dessa forma, mesmo quando um médico como Juliano Moreira, reconhecido pela sua luta antirracista, foi chamado como perito neste processo, ele, por mais que provavelmente soubesse que Bárbara de Jesus não era uma pessoa alienada, defendeu sua interdição. O que nos revela novamente que Juliano Moreira foi um homem de seu tempo, que reproduziu certos preconceitos de gênero frequentes de sua época.

Para além do caso de Bárbara de Jesus, também proponho analisar o assassinato cometido por Francisco Manso de Paiva Coimbra contra o senador riograndense, Pinheiro Machado. Investigo esse crime novamente através da ótica da imprensa, especialmente no jornal *O Paiz e A Noite*, e a partir de algumas bibliografias selecionadas¹¹⁷. Ao contrário do caso de Bárbara de Jesus, não consegui acesso a bibliografias que utilizaram o processo de Manso de Paiva na constituição de seus textos e pesquisas, no entanto, este foi um crime muito midiático¹¹⁸. Por isso, diversos jornais trouxeram em suas páginas a análise do processo e do julgamento, o que possibilitou este estudo e pesquisa. Portanto, resalto o papel da imprensa na divulgação de processos crime ao público leitor.

Antes de adentrar ao crime cometido por Manso de Paiva, devemos entender quem foi o senador José Gomes Pinheiro Machado, segundo Márcio Miranda Alves, o senador:

[...] foi uma das personalidades mais importantes da política brasileira durante a Primeira República. Nascido em Cruz Alta (RS), em 1851, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e coordenou o projeto político republicano gaúcho ao lado de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Em âmbito nacional, Pinheiro Machado destacou-se como um político astuto, líder de um bloco majoritário que mantinha sob controle o Senado Federal [...] o auge da influência de Pinheiro Machado nos rumos da política nacional ocorre no governo de Hermes da Fonseca, entre 1910 e 1914, e por consequência cresce também nesse período o embate do senador com a imprensa. A cada ataque pessoal sofrido pelos jornais, em especial o *Correio da Manhã*, o senador respondia da tribuna do Senado. Embora não fosse presidente, parte da oposição e da opinião pública acusava o senador de reger as ações do governo.

¹¹⁷ DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil - 1901/1915*: Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *A Federação* (RS). Orientadora: Karla Maria Muller. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.; ALVES, Márcio Miranda. *Do Jornal para o Romance: A história de um assassinato em O Retrato*, de Erico Verissimo. *Interdisciplinar*: Revista de estudos em língua e literatura, Sergipe, v. 25, p. 61-76, 2016.; DEVINCENZI, Diego Speggiorin. *A crista do Chantecler*: José Gomes Pinheiro Machado no jogo das mediações políticas brasileiras (1889-1915). Orientador: Luiz Alberto Grijó. 2018. 221 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

¹¹⁸ Segundo Alves: “O assassinato de Pinheiro Machado foi amplamente noticiado pela imprensa nacional e provocou uma interrupção na vida social da capital da República. Silva (1975, p. 133) descreve o impacto na cidade e em todo o país como algo “indescritível”. Segundo ele, “Nos meios políticos houve pânico e desafogo. Grande emoção popular. A imprensa teve assunto para se faltar. Seus correligionários ficaram aturdidos”. Como noticiou a *Gazeta de Notícias* no dia 10 de setembro (BORGES, 2004, p. 94), teatros cancelaram a programação e inúmeras festas foram suspensas. Seguindo o exemplo do serviço público, o comércio, os bancos e as indústrias fecharam as portas.” Cf. ALVES, Márcio Miranda. *Do Jornal para o Romance: A história de um assassinato em O Retrato*, de Erico Verissimo. *Interdisciplinar*: Revista de estudos em língua e literatura, Sergipe, v. 25, p. 61-76, 2016. P. 64.

Excessivamente expostos à opinião popular, Hermes da Fonseca e Pinheiro Machado transformaram-se nos alvos principais dessa imprensa.¹¹⁹

Pinheiro Machado, como já percebido, foi um homem de grandes embates políticos, principalmente com os jornalistas. O general teve sua imagem construída e reforçada pela imprensa como alguém “tirano”. Segundo Duarte e Devincenzi, dentre alguns dos motivos que levaram a essas caracterizações, está o fato de que o senador exercia uma grande influência no governo, controlava a Comissão de Verificação de Poderes do Senado, o que lhe garantia um poder sobre os candidatos eleitos, realizava manobras políticas questionáveis, além de centralizar o poder do Partido Republicano Conservador (PRC). No entanto, o que mais devemos ressaltar, é a impopularidade de Pinheiro Machado, que tinha diversos adversários e notícias em periódicos contrárias a seu posicionamento, destacando seu autoritarismo e prepotência.¹²⁰

Nesse cenário de tantas críticas e disputas, em 1915, após um momento de auge de seu poder¹²¹, o general é assassinado por Francisco Manso de Paiva. Este, que segundo Duarte era leitor assíduo de jornais, em especial àqueles de oposição ao governo. Após cometer o crime contra a vida do senador, Manso de Paiva declarou: “Matei um caudilho, e salvei a república!”¹²². Analisando essa conjectura do assassinato, podemos refletir sobre algumas questões. Primeiramente, como os jornais faziam parte do cotidiano de diversos sujeitos, que tinham consciência do que estava acontecendo politicamente em sua época. Pois, como percebemos, o próprio Manso se declarou um leitor assíduo de periódicos, os quais ele utilizava como meio de se manter informado da política local. Ademais, ainda chamo atenção para o fato de Manso já nutrir uma certa raiva de Pinheiro Machado e cometer este crime com dolo.

Já analisados inicialmente os indivíduos presentes neste caso, passamos para o processo crime de Francisco Manso de Paiva Coimbra. Um processo extremamente longo e com diversos detalhes e pormenores. Para análise do processo é utilizada como fonte diversos periódicos disponíveis através do site da Hemeroteca Digital, que detalham este caso com grande riqueza.

¹¹⁹ ALVES, Márcio Miranda. Do Jornal para o Romance: A história de um assassinato em O Retrato, de Erico Verissimo. *Interdisciplinar: Revista de estudos em língua e literatura*, Sergipe, v. 25, p. 61-76, 2016. P. 62.

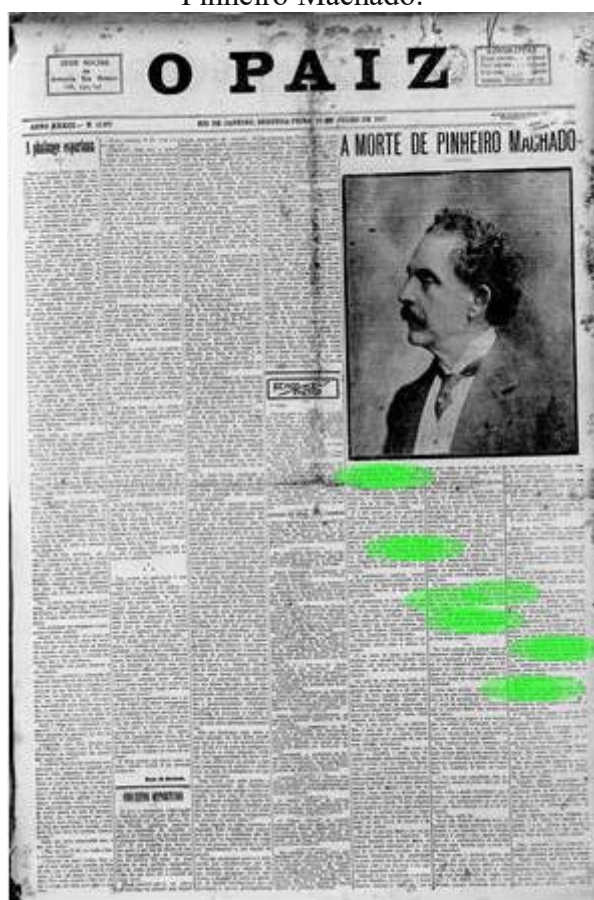
¹²⁰ A fim de observar uma notícia que criticava Pinheiro Machado, conferir: Revista *A Careta*, 13 de fevereiro de 1915, p. 01.

¹²¹ Duarte destaca: “Entre 1890 e 1915 José Gomes Pinheiro Machado foi senador pelo Partido Republicano Rio-Grandense no senado, exercendo um poder crescente que alcançou o ápice no governo do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914).” Cf. DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil - 1901/1915: Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. Orientadora: Karla Maria Muller. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 5.

¹²² *Ibid.*, p. 75.

Ressalto ainda que este caso foi amplamente divulgado em diversos jornais brasileiros, ocupando páginas inteiras dedicadas ao detalhamento do crime e do processo, com diversas notícias localizadas, frequentemente, nas páginas iniciais dos periódicos, chamando a atenção dos leitores, que certamente acompanhavam este caso cotidianamente. Segue um exemplo de notícia com o processo de julgamento de Manso de Paiva:

Figura 3: Notícia “A Morte de Pinheiro Machado.”



Fonte: Jornal *O Paiz*, 23 de julho de 1917, p. 01.

Além desse ocorrido ter uma grande repercussão nas páginas dos periódicos, como percebido, contendo notícias tão grandes e chamativas, ainda ressalto dois tipos de reportagens encontradas durante minha pesquisa:

Figura 4: Anúncio sobre o caso do assassinato de Pinheiro Machado.



Fonte: Jornal *A Noite*, 27 de julho de 1917, p. 05.

Figura 5: Julgamento do Manso de Paiva como novidade em anúncios.



Fonte: Jornal *O Paiz*, 28 de julho de 1917, p. 08.

Assim, percebe-se que a grande cobertura na mídia sobre este caso, junto com o interesse do público, fez com que o próprio jornal passasse a publicar anúncios para manter as

informações sempre atualizadas. Isso mostra como a imprensa desempenha um papel ativo na manutenção do interesse social. Dessa forma, já visto um pouco de como o jornal cobriu a questão, pretendo, neste momento, oferecer um panorama geral de como foi o processo, chegando até a atuação de Juliano Moreira neste caso. A primeira questão que devemos pontuar é que o processo teve diversos adiamentos por parte da defesa de Manso de Paiva¹²³. É apenas em 1917, que se encontra a maior concentração de notícias relatando os ocorridos diários do processo. Assim, a primeira data que destaco aqui para iniciar a investigação e análise deste caso é o dia 6 de março de 1917, quando o jornal *O Paiz* aponta:

Manso de Paiva, o perverso assassino do general Pinheiro Machado, alegando molestia, requereu ao juiz da 6ª vara criminal ser submetido a inspeção de saúde e adiamento do seu julgamento marcado para a sessão do corrente mez. Tres vezes já foi adiado o julgamento de Manso de Paiva, a seu requerimento.¹²⁴

A partir dessa notícia, podemos perceber primeiramente, o tom que os jornalistas responsáveis por esta matéria adotam ao se referir a Manso de Paiva, como um “assassino perverso”, deixando evidente o posicionamento do jornal contra este homem. Para além disso, percebemos que Manso de Paiva utiliza de vários recursos para adiar seu julgamento, inclusive requerendo um exame para atestar sua sanidade mental. O exame é realizado pelo médico Elysio Couto¹²⁵, e sua posição é noticiada pelo jornal *A Noite* no dia 31 de maio de 1917, quando o jornal informa que Manso de Paiva nunca esteve no Hospício e não irá para lá. Segue transcrição da notícia:

Já é conhecido o resultado do exame de sanidade mental a que se sujeitaram Manso de Paiva. Houve alguém que se lembrou de querer passar como louco. Os medicos legistas da policia que o examinaram declararam-no em seu juizo perfeito e, assim, Manso de Paiva não mais será levado para o Hospicio Nacional. Não será mais e nunca lá esteve. As observações feitas sobre o criminoso foram procedidas na propria Casa de detenção. Amanhã ou depois, o chefe de policia deverá informar desse resultado ao Juiz competente e ser lançado o incompetente indeferido no requerimento em que o advogado do criminoso requeria exame de sanidade e a remoção de Manso de Paiva para o Hospício Nacional¹²⁶.

¹²³ Como pontua Duarte: “Adiado seis vezes por estratégias da defesa, o julgamento ocorreu em junho de 1917.” Cf. DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil - 1901/1915*: Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS). Orientadora: Karla Maria Muller. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 77

¹²⁴ Jornal *O Paiz*, 06 de março de 1917, p. 06.

¹²⁵ Cf. Jornal *A Noite*, 14 de março de 1917, p. 03.

¹²⁶ Jornal *A Noite*, 31 de maio de 1917, p. 03.

Após essa reportagem, que nos mostra o resultado do exame de sanidade de Manso, o qual percebemos, que ele foi julgado estando em suas perfeitas condições mentais. Seu julgamento só começará a ocorrer e ser noticiado no mês de julho, especificamente entre os dias 24 e 28 deste mês. Dessa maneira, não objetivo analisar todo o julgamento de Manso de Paiva, no entanto, pretendo observar, principalmente, os acontecidos do dia 25 de julho, uma vez que o nome de Juliano Moreira aparece nesta data informando seu parecer sobre a situação e sobre os laudos médicos acerca da sanidade do paciente. Antes de adentrar essa discussão específica sobre a atuação de Moreira, é válido destacar que todo o julgamento do Manso estava presente em diversos jornais cariocas, que detalharam ao seu público leitor as idas e vindas, falas e posicionamentos dos presentes naquele momento. Portanto, reitero novamente, que a imprensa é uma forma eficaz de conseguir acesso a esse tipo de informação, pois, se não fosse através desses jornais, só teríamos acesso a este crime através do seu processo.

Retornando a aparição de Juliano Moreira no julgamento, segue a transcrição de alguns trechos de uma notícia retirada do jornal *O Paiz*:

Refere-se a uma carta do Dr. Juliano Moreira, existente nos autos. Nessa carta, dirigida aos peritos que funcionavam no exame de sanidade, o Dr. Juliano Moreira mostrou-se inteiramente de acordo com o laudo [...] O Dr. Galdino Siqueira poz em relevo o valor da opinião de um psiquiatra notavel como o Dr. Juliano Moreira¹²⁷.

Assim, é interessante perceber como o parecer de Juliano Moreira é considerado entre a sociedade carioca daquele período. Pois, fica evidente, através desta reportagem, o quanto a voz de Juliano Moreira, um psiquiatra negro, foi considerada entre seus pares e como ele tinha um poder nas decisões sobre a sanidade. Isso fica exposto tanto neste momento com o caso de Francisco Manso de Paiva Coimbra, como no caso de Bárbara de Jesus. No entanto, é interessante levantar algumas questões sobre o parecer do psiquiatra nesses dois casos, uma vez que Moreira, apesar de, provavelmente ter conhecimento sobre as condições da sanidade mental de Barbara de Jesus, que estavam dentro de um “padrão” esperado, ele, mesmo assim, declarou sua interdição. Isso não acontece, por exemplo no caso de Manso de Paiva, em que o psiquiatra possivelmente também sabia que os padrões mentais de Paiva estavam dentro do padrão, apesar de haver um debate sobre possíveis degenerações mentais, que não atrapalhava a consciência do criminoso, Juliano concorda com os laudos oferecidos, o que tem um efeito direto no julgamento, visto que sua opinião foi colocada como relevante para a conclusão do caso.

¹²⁷ Jornal *O Paiz*, 25 de julho de 1917, p. 02.

Devemos refletir acerca dessas diferenças no tratamento e nos resultados de exames de sanidade mental de sujeitos devido ao seu gênero, reiterando o controle pretendido sobre o corpo feminino, que devia seguir padrões comportamentais esperados por uma sociedade marcada pelo machismo. Pois, mesmo que Bárbara de Jesus tivesse sua capacidade mental declarada “normal”, a mulher foi interditada e julgada por diversos homens, que não concordavam com seus posicionamentos sobre sua própria vida amorosa. É importante ressaltar que Juliano Moreira aparece como um desses nomes, nos demonstrando que, apesar de sua importante luta antirracista, ele ainda foi um homem marcado por seu tempo e que também era passível de repetir determinados preconceitos.

Para finalizar o caso de Manso de Paiva, após os julgamentos, no dia 28 de julho de 1917, saiu sua sentença, na qual, segundo Duarte: “O júri popular presidido pelo juiz Manoel da Costa Ribeiro condenou-o à pena máxima de 30 anos, descartadas as hipóteses de crime político e complô”¹²⁸. O caso de Pinheiro Machado e Manso de Paiva continuou aparecendo nos jornais da época por um longo período. No entanto, já não nos concerne a preocupação de analisar estes períodos a frente, uma vez que objetivamos entender com este caso, a participação de Juliano Moreira e, como o psiquiatra não retoma o caso, além do processo principal já ter sido concluído, podemos encerrar a análise deste processo. Apenas para informar o leitor sobre algo relevante, Duarte aponta que: “Não houve anulação de julgamento. Francisco Manso de Paiva Coimbra cumpriu 22 anos de pena, recebendo em 1937 indulto assinado pelo presidente Getúlio Vargas, um político oriundo do mesmo PRR de Pinheiro Machado, de cujas cerimônias fúnebres chegou a ser um dos oradores em 1915.”¹²⁹

¹²⁸ DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil - 1901/1915*: Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS). Orientadora: Karla Maria Muller. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 77.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 78.

1.4 Um diálogo entre medicina, política e sociedade

Assim, a partir da análise dos casos de Bárbara de Jesus e de Francisco Manso de Paiva Coimbra, em especial observando a atuação do psiquiatra Juliano Moreira nesses processos, quando sua opinião se mostrou extremamente respeitável entre seus pares, é importante refletirmos sobre a influência social no tratamento e no diagnóstico das decisões psiquiátricas. Além de refletir sobre a relação entre gênero, poder e medicina psiquiátrica neste período, reforçando a importância de articular política, medicina e sociedade para compreender os casos em que a sanidade mental estava em voga.

Retomando o livro *O Espelho do Mundo*, da historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, podemos encontrar no capítulo três desta obra uma discussão muito cara à presente pesquisa sobre a construção social e histórica da loucura. Sobre tais questões, a autora destaca:

O alienismo inaugura uma nova loucura, invisível para o leigo e ilustrada por figuras típicas do pensamento médico do século XIX – o maníaco, o “tarado”, o degenerado, o *demi-fou* –, num processo cujo melhor retrato é aquele concebido pela pena de Machado de Assis que, tomando simbolicamente o alienismo como metáfora do poder, estabelece entre estes dois elementos uma relação cuja precoce lucidez só é suplantada pela fina ironia com que reduz ao ridículo a falsa pompa do discurso alienista, assim como a frágil “verdade” que ele pretende desvendar.¹³⁰

Nesse sentido, comportamentos que não seguiam padrões esperados socialmente, como no caso de Bárbara de Jesus, poderiam ser interpretados como patológicos pela sociedade e reafirmados pelos alienistas. Isso levanta a reflexão sobre como essa relação dialética entre poder e médico caminha na construção de uma sociedade homogênea, que valoriza certos padrões sociais e comportamentais, utilizando o espaço asilar como maneira de garantir tal homogeneização dos sujeitos, como apontado por Cunha: “[...] a própria rotina do hospício encarrega-se de torná-los crescentemente parecidos, até que não haja qualquer diferença fundamental nos rostos e corpos aniquilados”¹³¹. Assim, é válido ressaltar como os critérios de diagnóstico desses médicos passam por uma régua moral sobre os pacientes, uma vez que estes, ao estarem fora desse padrão comportamental, eram considerados alienados e vistos como o “joio no meio do trigo social”¹³².

¹³⁰ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo*: Juquery, a história de um asilo. 3. ed. Campinas: [s. n.], 2022. 338 p. ISBN 978-65-87198-19-4. P. 172

¹³¹ *Ibid.*, p.173.

¹³² *Ibid.*, p. 173.

Neste capítulo, procurei entender melhor como Juliano Moreira atuava, analisando as experiências reais de pessoas que passaram pelo seu exame de avaliação sobre alienação e que tiveram sua sanidade aprovada ou não por ele. Tais informações foram encontradas através dos jornais da época. Cada grupo social interpreta e reage às normas psiquiátricas de um modo. Percebemos com esta pesquisa que, a partir de diferentes jornais, podemos encontrar diversos posicionamentos acerca das decisões psiquiátricas sobre a sanidade. Isso ficou evidente principalmente com o caso de Francisco Manso de Paiva Coimbra, no qual os jornalistas debatiam frequentemente sobre o julgamento deste sujeito, evidenciando suas opiniões sobre a capacidade intelectual deste homem e sua responsabilidade sobre o crime cometido contra Pinheiro Machado.

Dessa forma, em uma sociedade marcada por princípios higienistas e de controle social, em que a Revolta da Vacina e a própria escravização foram processos recentes, as tensões sociais e normatizações estavam evidenciadas. Percebemos como os diagnósticos dos médicos, ainda mais do Juliano Moreira, que além de um psiquiatra renomado internacionalmente, era o diretor-geral do Hospital Nacional de Alienados, funcionavam como parte de um projeto social mais amplo. Ademais, através das fontes jornalísticas, compreendemos como esses discursos, em especial o do Juliano Moreira, foram apropriados entre seus pares e igualmente respeitados pelas autoridades e pela própria imprensa.

Por fim, ao analisar dois casos de sujeitos distintos, podemos perceber que, mesmo que ambos tenham suas capacidades mentais consideradas dentro dos padrões psiquiátricos pelo próprio Juliano Moreira, a situação de Bárbara de Jesus foi de interdição, enquanto Manso de Paiva continuou sendo julgado como uma pessoa “normal”. Não quero dizer que os diagnósticos estejam errados, mas é interessante notar que, apesar de ambos terem sido avaliados dentro dos critérios esperados, as respostas aos exames foram diferentes. Bárbara foi interditada, o que não condiz com seu laudo, enquanto Manso de Paiva foi julgado conforme seu diagnóstico. Isso levanta a questão de como um mesmo diagnóstico pode ter aplicações diferentes, dependendo do grupo social ao qual a pessoa pertence.

Capítulo 3 - Articulação entre o Juliano Moreira e o Ensino de História na contemporaneidade

1.1 Imprensa como fonte no ensino de História

Devemos relacionar as análises e reflexões obtidas através desta pesquisa ao Ensino de História no ensino básico, de maneira a corroborar com o pensamento crítico dos estudantes, fomentando os diálogos e reflexões acerca das questões debatidas. Antes, ressalto que há uma ampla possibilidade de pensar a relação entre imprensa e personagens negros no começo do século XX no Brasil nas salas de aula. Portanto, a perspectiva articulada neste capítulo é somente uma das várias maneiras que poderíamos trabalhar tais questões. No entanto, antes de adentrar estes caminhos, pretendo discutir sobre o próprio uso da imprensa como fonte e recurso durante as aulas de história nas escolas.

Há variadas razões do porquê utilizar jornais na disciplina de História, tendo diversos autores que se debruçam nesta discussão¹³³. No entanto, selecionei alguns motivos que acredito serem muito caros à licenciatura. A começar com o potencial dos periódicos no desenvolvimento da habilidade de leitura e interpretação textual e crítica dos estudantes. Pois, através da análise das notícias, podemos estimular uma atividade interpretativa das reportagens apresentadas, que às vezes se faz tão carente na contemporaneidade¹³⁴. No livro, *Crônicas Cariocas e Ensino de História*¹³⁵, os autores discutem a utilização de crônicas na sala de aula, e reafirmam a importância de pensar esta fonte como um instrumento capaz de auxiliar a leitura e interpretação dos estudantes em idade escolar. Assim, acredito que a imprensa também, por oferecer uma alta carga de leitura e interpretação do que está sendo discutido pelos jornalistas,

¹³³ Dentre os diversos pesquisadores que se ocupam em analisar a imprensa nas salas de aula, utilizei como principais referenciais teóricos para entender tal questão: GRÜBLER, Luiz Carlos. *A utilização do jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas*. Orientador: Gilse Antoninha Morgental Falkembach. 2012. 82 p. Especialização (Especialista em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012; Caimi, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. *Anos 90*, v. 15, n. 28, 129–150. 2008; XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. *Antíteses*, v. 3, n. 6, p. 1097–1112, 2011; CAMPOS, Heitor Moreira. *Cidadania por um fio: o caso Castro Malta (1884-1885) das páginas de jornais para a sala de aula*. 2024. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

¹³⁴ Para examinar e refletir sobre a dificuldade de compreensão textual entre jovens em idade escolar, consultar: MOURA, Antonia Wanessa Fernandes de. *As dificuldades na leitura e interpretação de texto em sala de aula*. 2024. 49 f. Monografia (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade Estadual do Piauí, Castelo do Piauí, 2024; GENTILINI, Lorene Karoline Silva. *Compreensão de Leitura em Adolescentes e Fatores Associados*. Orientadora: Vanessa de Oliveira Martins-Reis. 2018. 127 p. Dissertação (Mestre em Ciências Fonoaudiológicas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

¹³⁵ ENGEL, Magali Gouveia; ANGELIM, Daniel Moraes; ALMEIDA, Leandro Rossetti de; PADILHA, Leonardo Ayres. *Crônicas Cariocas e Ensino de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. 225 p.

também têm o potencial, assim como as crônicas, de corroborar com essa demanda. Sobre tal discussão, os autores destacam:

Outro aspecto fundamental diz respeito às possibilidades de aprimoramento da aprendizagem da leitura e da escrita, abrindo-se perspectivas para a construção de parcerias com a área de português e fazendo da disciplina de história um lugar também responsável pelo aprofundamento e consolidação do processo de alfabetização dos alunos.¹³⁶

Além de refletir sobre o trabalho com a imprensa nas salas de aula como uma oportunidade de auxiliar esses jovens em sua habilidade de articular leitura, escrita e interpretação, é válido ressaltar a capacidade interdisciplinar de recorrer a esta fonte, algo que também, como percebemos, já foi pontuado pelos autores. Uma vez que podemos utilizar os periódicos a fim de questionar e compreender questões que aparecem em diferentes disciplinas curriculares, como na geografia, sociologia e até mesmo nas ciências. Sendo que a própria sugestão para pensar imprensa e personagens negros no Brasil no começo do século XX, pode ser uma tarefa trabalhada interdisciplinarmente entre história e ciência, dado que existiram diversos personagens negros na ciência, como, por exemplo, o próprio Juliano Moreira.

Ademais, acredito que quando utilizamos a imprensa como uma fonte nas aulas, também precisamos historicizá-las¹³⁷. Manuseando os jornais, assim como Chalhoub e Pereira trabalham com a literatura, inserindo-as “no movimento da sociedade”¹³⁸. Em outras palavras, devemos realizar uma análise crítica da nossa fonte com os alunos, mostrando aos jovens como o jornal pode ser visto como um registro do passado, com a capacidade de revelar múltiplas dimensões sociais, culturais e políticas de uma época. Nesse sentido, os professores, conforme Grübler:

[...] mudaram suas posturas em relação às fontes do conhecimento, visto que o contato do aluno com diversas matérias jornalísticas permite o confronto, o diálogo, a crítica das fontes textuais e principalmente auxilia diretamente na construção do discurso do aluno e em seu processo de formação da linguagem. Contudo, a atitude do professor

¹³⁶ *Ibid.*, p. 10.

¹³⁷ Sobre historicizar uma fonte impressa, Tânia Regina de Luca, aponta: “Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século xx não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos.” Cf. LUCA, Tânia Regina de. *Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 132.

¹³⁸ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Introdução. In: Chalhoub, S. e Pereira L. A. de M. (orgs.). *A história contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.7.

deve ser de guia das atividades, pois o jornal introduz uma realidade muitas vezes diferente da que o aluno já tem conhecimento.¹³⁹

Dessa maneira, torna-se rico ao processo pedagógico que os docentes dialoguem com este recurso em conjunto com os alunos, de forma com que eles aprendam a lidar com esta fonte e que isso somatize em seu processo de aprendizado. Uma vez que os jornais podem revelar estruturas microssociais, como o cotidiano dos sujeitos de um determinado período, ou estruturas macrossociais, como a organização de processos históricos cotidianamente transcritos e evidenciados nas páginas dos periódicos. Portanto, ao levar os jornais para a sala de aula, incentivamos que esses jovens tenham acesso a esse tipo textual tão rico em tantas pesquisas na área da História. Assim, caminhamos na busca por atividades que contribuam para que os alunos se identifiquem como sujeitos históricos, auxiliando sua leitura e interpretação textual, além de participarem ativamente em processos de construção de seus saberes. Sobre esse movimento, Caimi afirma que:

[...] há importantes indicações metodológicas que preconizam o papel ativo do estudante nos procedimentos de compreensão e interpretação. Mais do que objetos ilustrativos, as fontes são trabalhadas no sentido de desenvolver habilidades de observação, problematização, análise, comparação, formulação de hipóteses, crítica, produção de sínteses, reconhecimento de diferenças e semelhanças, enfim, capacidades que favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma.¹⁴⁰

Por fim, é importante destacar, como apontado por Xavier, que o professor usa esse recurso de forma diferente no ensino básico em comparação com a academia. Nas escolas, ao levar as fontes para a sala de aula, o objetivo do professor é auxiliar o aluno a entender como a história pode ser construída a partir dessas fontes. Portanto, este recurso torna-se uma “ferramenta psicopedagógica que poderá certamente auxiliar o professor na difícil tarefa de estimular o imaginário do aluno na aprendizagem da História”¹⁴¹. Assim, tais práticas metodológicas, conforme preconizado por Campos:

[...] aproximaria os estudantes de um “saber fazer” História ao usar fontes e ao mesmo tempo, abriria possibilidades para compreenderem não apenas a imprensa de forma geral, mas também o período histórico de origem dessas notícias. Claro, as fontes não

¹³⁹ GRÜBLER, Luiz Carlos. *A utilização do jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas*. Orientador: Gilse Antoninha Morgental Falkembach. 2012. 82 p. Especialização (Especialista em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. p. 18-19

¹⁴⁰ CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. *Anos 90*, v. 15, n. 28, 129–150. 2008. p. 141.

¹⁴¹ XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. *Antíteses*, v. 3, n. 6, p. 1097–1112, 2011. p. 1098.

podem ser usadas de forma meramente ilustrativa, devem ser pensadas, questionadas, assim como as suas características de produção para poder entendê-las de maneira crítica.¹⁴²

Portanto, a partir do trabalho com este recurso, programo realizar uma aula que contribua para que os estudantes se enxerguem como sujeitos históricos, e que contemplem a criticidade, tomando-se cada vez mais, consciência da realidade que os cerca e despertando indagações que ainda reverberam em seus presentes. E, nós como professores e futuros professores, podemos estar lá para auxiliar neste caminho, que será construído ativamente por estes alunos.

¹⁴² CAMPOS, Heitor Moreira. *Cidadania por um fio: o caso Castro Malta (1884-1885) das páginas de jornais para a sala de aula*. 2024. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. p. 34.

1.2 Possibilidades para trabalhar o Juliano Moreira na sala de aula

É importante, nesse momento, produzir um plano de aula que recorra à imprensa para debater as questões de personagens negros no Brasil recém-republicano, em especial, pensando na figura de Juliano Moreira. Assim, proponho um planejamento de aula, em que a temática central seja a Praça Juliano Moreira como um espaço de ruptura contra o silenciamento de figuras negras¹⁴³. Nesta aula, o principal objetivo é que os alunos analisem a trajetória deste psiquiatra, contextualizando-o em sua sociedade e destacando sua atuação no combate às ideias racistas e deterministas. Além disso, procuro auxiliar nas reflexões dos alunos sobre a construção da memória em locais públicos e na valorização da memória de figuras negras historicamente silenciadas.

Ademais, também pretendo auxiliar o processo de aprendizagem dos jovens acerca das transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil durante o período trabalhado na aula. Para isso, recorro aos estudos de Teixeira e Portocarrero, que destacam a questão do controle dos corpos e como a medicina foi utilizada para legitimar um discurso homogeneizante dos sujeitos¹⁴⁴. Além disso, intento para que os estudantes possam identificar a trajetória do Juliano Moreira, em especial, seu papel na refutação de teses racistas e deterministas, empregando a pesquisa de diversos autores que possuem como objeto central a figura deste médico¹⁴⁵. É importante lembrar que a maioria destas pesquisas já foi apresentada na introdução deste trabalho monográfico.

Por fim, planejo que, através desta aula, os alunos compreendam a praça Juliano Moreira como um espaço de memória, reconhecendo a importância da representatividade de personagens negros em locais públicos na luta contra os esquecimentos e silenciamentos acerca desses indivíduos. Questionando as memórias que estão sendo mantidas à nossa volta, indagando o que está sendo exaltado e o que está sendo silenciado nas ruas e praças das cidades. É válido salientar que, neste sentido, busco, para construir esta aula, pesquisas que investigam

¹⁴³ A sistematização do plano de ensino em uma tabela será apresentada no próximo tópico deste capítulo.

¹⁴⁴ TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013; PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 152 p. Loucura & Civilização Collection, v.4. ISBN 85-7541-019-9.

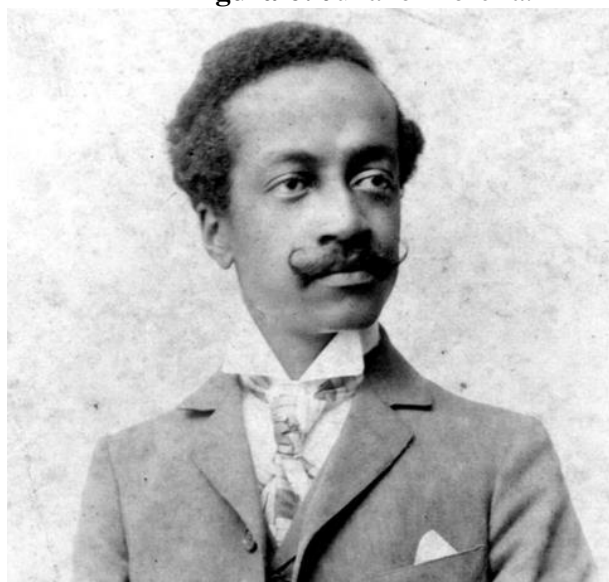
¹⁴⁵ Cf. SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Juliano Moreira: o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7; Memorial do Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: EGBA: Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.

a relação entre memória e ensino de história, como, por exemplo, no trabalho de Matos, que analisa a questão da mudança de nome da praça central da cidade de Uberlândia-MG¹⁴⁶.

Portanto, os conteúdos desta aula perpassam as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil no início do século XX, a inserção dos negros no período republicano do pós-abolição e a questão da memória de sujeitos racializados na contemporaneidade, utilizando como exemplo a praça Juliano Moreira, localizada no Rio de Janeiro. Assim, é favorável que os estudantes já conheçam minimamente acerca do processo de escravização no Brasil durante o século XIX e suas sequelas na contemporaneidade. Para conseguirmos realizar uma regência em que os alunos reconheçam as origens das relações raciais existentes no Brasil e como o racismo possui uma origem histórica.

Dessa maneira, programo iniciar a aula acolhendo os saberes prévios dos estudantes acerca de seus conhecimentos sobre o contexto social, cultural e político do Brasil da época estudada, e questionando-os sobre seus conhecimentos acerca do psiquiatra Juliano Moreira. Para isso, é interessante apresentar uma foto do Juliano Moreira para os estudantes conseguirem visualizar este sujeito. Seguem exemplos de imagens do psiquiatra que podem ser utilizadas durante a aula:

Figura 6: Juliano Moreira.



Fonte: BBC News, 2021.

¹⁴⁶ MATOS, Agatha Cristina de Oliveira. *De Tubal Vilela para Ismene Mendes: O exercício de desvelar memórias silenciadas como um desafio ético, estético e político para o Ensino de História*. 2020. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

Figura 7: Juliano Moreira e Albert Einstein.



Fonte: Arquivo Memorial Juliano Moreira.

Após este momento, podemos desenvolver uma explicação dialogada com os alunos, pensando na trajetória deste psiquiatra, perpassando sua luta contra o racismo científico, recorrendo as tiragens de diferentes periódicos, facilitando a percepção dos estudantes sobre como este médico foi reconhecido em seu próprio tempo¹⁴⁷, destacando não só seu papel como médico, mas sua trajetória na própria vida social carioca e sua participação na política local.

Apoiada nessas discussões, planejo iniciar um diálogo com os jovens sobre a memória de personagens negros na contemporaneidade, apresentando a Praça Juliano Moreira como um lugar de preservação da memória deste médico e de ruptura contra o silenciamento de figuras historicamente marginalizadas por uma história e narrativa dominantes. Nesse sentido, é válido expor alguns recortes de notícias que apresentam a utilização atual dessa praça¹⁴⁸. Além de

¹⁴⁷ Cf. Jornal *O Paiz*, 11 de agosto de 1910, p. 01; Jornal *O Paiz*, 04 de setembro de 1910, p. 3-4 ; Jornal *O Paiz*, 27 de março de 1912, p. 07.

¹⁴⁸ VHIEGAS, Bárbara. Skatistas cariocas e campeões mundiais comemoram primeira reforma da pista de Botafogo: Praticantes do esporte dizem que bowl em frente ao RioSul é um dos mais perfeitos do mundo. O Globo

convidar os discentes para refletir se homenagear personagens historicamente silenciados, atribuindo seus nomes a praças e ruas, é suficiente para reparar o apagamento histórico sofrido por esses sujeitos, pensando também como manter viva a memória desses indivíduos de forma crítica e não apenas simbólica.

Assim, pensando nas discussões construídas ao longo da aula, é interessante debatermos com os estudantes sobre quem são os personagens homenageados nos espaços públicos da cidade de aplicação da regência. Trazer essa questão para perto deles ajuda a tornar o tema mais próximo e relevante. Considerando o contexto de aplicação da aula, a cidade de Uberlândia-MG, podemos, por exemplo, expor o caso da luta pela mudança de nome da praça central, de Tubal Vilela à Ismene Mendes¹⁴⁹. De forma a auxiliar que os alunos compreendam as questões relacionadas à preservação da memória, abordando diferentes contextos, desde lugares mais distantes até aqueles que estão mais próximos deles. Por fim, sugiro a realização de uma atividade final, questionando os alunos suas considerações a respeito do conteúdo discutido durante a aula, investigando se esses discentes já tinham conhecimento acerca da figura de Juliano Moreira, como eles acreditam que podemos manter viva a memória de sujeitos subalternizados ao longo da história e pedindo para que eles escolham um personagem para ser homenageado. Os resultados dessa aula serão discutidos no tópico quatro deste capítulo.

Pensar as possibilidades de aplicação de uma regência com assuntos tão caros no nosso presente, como a memória de personagens negros que foram e ainda são constantemente marginalizados, deve ser analisada dentro do contexto educacional brasileiro. Portanto, devemos compreender que nosso país é marcado por profundas desigualdades e ineficiência por parte do sistema e, esse quadro, infelizmente, não é diferente quando falamos da educação brasileira. Em consonância com este cenário, devemos lembrar também as reformas educacionais no Brasil, em especial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que possui um discurso alinhado à noção de progresso e de preparação dos estudantes para o mercado de trabalho, corroborando na promoção de um modelo de ensino conteudista, tradicional e homogeneizante. Assim, tais reformas alicerçadas pela BNCC, acabam minimizando a formação de indivíduos críticos e conscientes da história e da realidade que os cercam. Desse modo, fica evidente a importância de compreender que, para alcançar mudanças efetivas, a luta

RJ, 18 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/skatistas-cariocas-campeoes-mundiais-comemoram-primeira-reforma-da-pista-d-e-botafo-13956476>. Acesso em: 7 jul. 2025.

¹⁴⁹ Para compreender a história dos personagens Tubal Vilela e Ismene Mendes, e a luta pela mudança de nome da praça central de Uberlândia-MG, conferir: MATOS, Agatha Cristina de Oliveira. *De Tubal Vilela para Ismene Mendes: O exercício de desvelar memórias silenciadas como um desafio ético, estético e político para o Ensino de História*. 2020. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

educacional deve estar conectada com a superação do sistema capitalista, objetivando um ensino que dialogue e auxilie o estudante na construção de uma maior consciência crítica e histórica sobre a realidade que o permeia.

A luta no alcance deste objetivo pode ser colocada através de diferentes maneiras. Por exemplo, como pontua Carolina Othero, podemos trabalhar nas brechas da BNCC, pensando em estratégias de subversão cotidiana que possibilitem a construção de uma educação com autonomia e emancipação aos alunos¹⁵⁰. Além disso, podemos recorrer à própria legislação brasileira. Por exemplo, devemos rememorar constantemente a Lei nº 10.639, de 2003, que garante o direito sobre o ensino das temáticas da História e Cultura afro-brasileira nas salas de aulas¹⁵¹ e a Lei. nº 11.645, de 2008, que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena nas escolas¹⁵². Assim, acredito que essas podem ser algumas armas nesta luta a favor de uma educação antirracista, decolonial e anticapitalista.

Portanto, a fim de realizar a aula sobre a Praça Juliano Moreira, como um espaço de ruptura contra o silenciamento de figuras negras, podemos utilizar algumas competências e habilidades previstas na BNCC, como, por exemplo, a (EM13CHS403): Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos; (EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais; (EM13CHS503): Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos; (EM13CHS601): Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual. Além disso,

¹⁵⁰ OTHERO, Carolina de Oliveira Silva. Um olhar para a Base Nacional Comum Curricular a partir de experiências docentes: entre os dispositivos de controle e estratégias de resistência no ensino de história. In: OLIVEIRA, Gustavo de Souza; NASCIMENTO, Mara Regina do; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. *Ensino de História: Debates sobre questões contemporâneas*. Recife, EDUPE. 2024.

¹⁵¹ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

¹⁵² BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

também devemos recorrer à legislação brasileira para garantir o trabalho com tal temática na sala de aula. Assim, pensando a partir das brechas que podemos encontrar nas competências e habilidades previstas na BNCC e a partir da própria legislação, é possível ampliar as temáticas trabalhadas nas escolas, buscando conteúdos que auxiliarão os estudantes para além de sua formação acadêmica, mas também crítica.

1.3 Plano de Aula

Plano de Aula	
Disciplina:	História
Professora responsável:	Daniela Caroline Dornellas
Tema (Unidade Temática)	
Praça Juliano Moreira: Um espaço de ruptura contra o silenciamento de figuras negras.	
Objetivos	
Objetivo geral:	Analisar a trajetória do psiquiatra Juliano Moreira, contextualizando-o em sua sociedade e destacando sua atuação no combate às ideias racistas e deterministas, refletindo sobre a construção da memória em locais públicos, como, por exemplo, a praça Juliano Moreira, localizada no Rio de Janeiro e na valorização de figuras negras historicamente silenciadas.
Objetivos específicos:	<ul style="list-style-type: none">● Assimilar as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil no início do século XX;● Identificar a trajetória de Juliano Moreira, em especial seu papel na refutação de teses preconceituosas;● Compreender a Praça Juliano Moreira como um espaço de memória, reconhecendo a importância da representatividade de personagens negros em locais públicos na luta contra os esquecimentos e silenciamentos acerca desses indivíduos;● Questionar as memórias que estão sendo mantidas a nossa volta, indagando o que está sendo exaltado e o que está sendo silenciado nas ruas e praças das cidades.
Conteúdo	
<ul style="list-style-type: none">● Transformações sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil no início do século XX;● Inserção dos negros no período republicano do pós-abolição;● Racismo científico;	

- Memória de sujeitos racializados na contemporaneidade, utilizando como exemplo a praça Juliano Moreira, localizada no Rio de Janeiro.

Conhecimentos prévios necessários (conceitos dominados pelos estudantes):

- A escravização no Brasil durante o século XIX.

Competências e Habilidades previstas na BNCC

- (EM13CHS403): Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos;
- (EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais;
- (EM13CHS503): Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos;
- (EM13CHS601): Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

Metodologia

- Acolhimento dos saberes prévios dos estudantes acerca de seus conhecimentos sobre o contexto social, cultural e político do Brasil nos anos iniciais da República, questionando-os se eles conhecem o psiquiatra Juliano Moreira;
(5 min - Recursos: voz, material produzido pela professora, computador e projetor)
- Explicação dialogada sobre a trajetória do psiquiatra Juliano Moreira, perpassando sua luta contra o racismo científico, através da imprensa;
(10 min - Recursos: voz, material produzido pela professora, computador e projetor)
- Reflexão com os estudantes sobre a memória de personagens negros na contemporaneidade, apresentando a Praça Juliano Moreira como um lugar de preservação da memória deste médico;

(10 min - Recursos: voz, material produzido pela professora, computador e projetor)

- Diálogo junto aos estudantes sobre a importância da representatividade de personagens negros em espaços públicos, levando questões como: Essa homenagem contribui para reparar o apagamento histórico? Como manter viva a memória de forma crítica e não apenas simbólica?

(5 min - Recursos: voz, material produzido pela professora, computador e projetor)

- Relacionar os conceitos discutidos ao longo da aula, com a realidade local da cidade de aplicação da regência.

(10 min - Recursos: voz, material produzido pela professora, computador, projetor)

- Realização de uma atividade final com perguntas aos alunos sobre suas considerações a respeito do conteúdo discutido durante a aula.

(10 min - Recursos: voz, papel e caneta)

Recursos Didáticos

Voz, lousa, pincel, materiais didáticos produzidos pela professora (*slides*), projetor, computador, papel, caneta.

Avaliação

Ao final da aula proponho um momento de interação e reflexão com os alunos, quando disponibilizarei uma folha com as seguintes questões:

1. Você já conhecia a história do psiquiatra Juliano Moreira?
2. Você considera importante repensarmos e conhecermos as histórias dos sujeitos que têm seus nomes homenageados nas ruas e praças da sua cidade? Justifique sua resposta.
3. Se você tivesse a chance de homenagear uma figura que já faleceu, qual seria sua escolha?
4. Caso deseje, sinta-se à vontade para deixar comentários e observações sobre nossa aula

A partir de tais questões, poderei avaliar os resultados da regência e as reflexões obtidas pelos estudantes ao final das nossas discussões.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BORGES, Viviane T. Que história pública queremos? São Paulo: *Letra e Voz*, 2018, pp.213-220.

DE ANDRADE, Juliana Alves; BALESTRA, Juliana Pirola; DE VARGAS GIL, Carmem Zeli. Entrevista-Vera Carnovale - A dor do outro como tema nas aulas de História. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 179-203, 2018.

DO NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 183 p.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7.

MATOS, Agatha Cristina de Oliveira. *De Tubal Vilela para Ismene Mendes: O exercício de desvelar memórias silenciadas como um desafio ético, estético e político para o Ensino de História*. 2020. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

Memorial do Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: EGBA: Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 2007.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação Mental e Raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Orientador: Paulo Dalgalarro. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

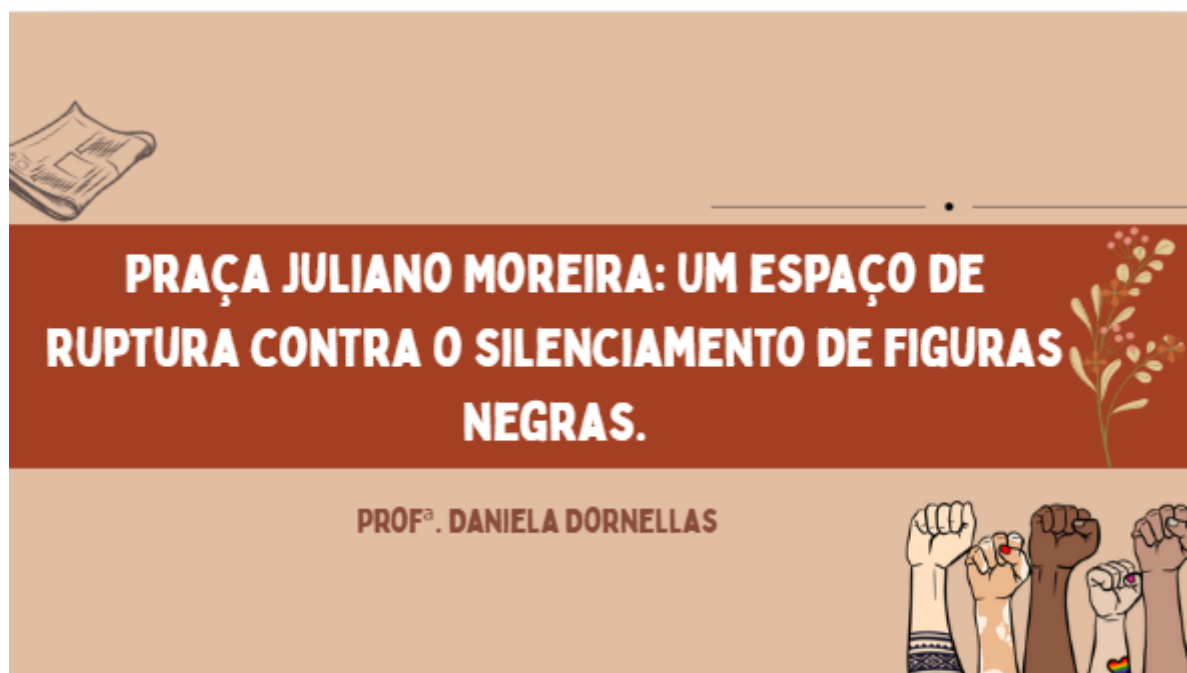
PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 152 p. Loucura & Civilização Collection, v.4. ISBN 85-7541-019-9.

TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

VHIEGAS, Bárbara. Skatistas cariocas e campeões mundiais comemoram primeira reforma da pista de Botafogo: Praticantes do esporte dizem que bowl em frente ao RioSul é um dos mais perfeitos do mundo. O Globo RJ, 18 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/skatistas-cariocas-campeoes-mundiais-comemoram-primeira-reforma-da-pista-d-e-botafogo-13956476>. Acesso em: 7 jul. 2025.

Anexos

Material produzido pela professora (*slides*):



VOCÊS CONHECEM O PSIQUIATRA JULIANO MOREIRA?



QUEM ELE É?

- Psiquiatra e diretor geral do Hospital Nacional de Alienados (Início do séc. XX)
- Lutou contra o racismo científico, defendendo que doenças mentais não eram causadas pela raça ou pelo clima;
- Lutou por um tratamento humanizado nos hospícios;
- Apresentou congressos e dirigiu jornais científicos;
- Participante ativo da vida social e política carioca.



JULIANO MOREIRA:



FONTE: BBC NEWS, 2021.

O QUE ESTAVA ACONTECENDO NO BRASIL?

**ABOLIÇÃO DA
ESCRAVIZAÇÃO**

**REVOLTA
DA
VACINA**

**PROCLAMAÇÃO
DA REPÚBLICA**

**CONTROLE DOS
CORPOS E
PADRÕES DE
COMPORTAMENTO**

COMO OS CONTEMPORÂNEOS DE JULIANO MOREIRA O VIAM?

Passou hontem o anniversario natalicio do illustre scientista professor **Juliano Moreira**, director geral da Assistencia a Alienados.

FONTE: JORNAL O PAIZ

11/AGO/1910

24/OUT/1913

07/JAN/1915

30/AGO/1915

Estiveram hontem no palacio do governo, com o Sr. presidente da Republica, os senadores Alvaro Machado e Francisco Salles, deputados Lyra Castro, Garcia Adjuto, Elpidio de Mesquita e Medeiros e Albuquerque, Paulo Barreto, general Marciano de Magalhães, capitão Vieira Ferreira, Drs. Alvaro D. Estrada, Leopoldo T. Leite, **Juliano Moreira**, J. A. Rodrigues Caldas e G. Catramby, Srs. Octavio B. Rodrigues, capitão G. Duque Estrada, Fernando P. Ferreira Filho, Gabriel Junqueira, Alfredo L. da Cruz, Theodoro Coelho de Almeida, Ernesto de Oliveira, Catão Pinto e Alvaro Diniz.

BERLIM, 23.

Foi hoje inaugurado o Congresso Internacional da Tuberculose.

O Brasil estava representado pelo Dr. **Juliano Moreira**, e a Argentina pelo Dr. Lorenzo Snurrigaro. Também o Uruguay se fez representar.

ARCHIVOS BRAZILEIROS DE MEDICINA

Acaba de apparecer mais um numero dos "Archivos Brasileiros de Medicina", valiosa publicação medica dessa capital, de que são directores os professores Austregesilo e **Juliano Moreira**.

JULIANO MOREIRA E ALBERT EINSTEIN:

FONTE: MEMORIAL JULIANO MOREIRA



**ATRAVÉS DE DIVERSAS MANEIRAS!
INCLUSIVE TENDO SEU NOME
HOMENAGEANDO UMA PRAÇA NO RIO
DE JANEIRO.**

A detailed map of the area around Praça Juliana Moreira. The map shows several streets including R. Gen. Polidoro, R. Álvaro Ramalho, R. Carlos Costa, R. Gen. Carlos de Aguiar, R. João Mendes, and R. Carlos Costa. Key landmarks and points of interest include:

- Academia Smart Fit** (R. da Paisagem)
- Coco Bambu BoraFogo** (R. Carlos Costa)
- Bowl RHO'SUL** (R. Carlos Costa)
- Atiracção Cucina Italiana** (Massas com preços especiais)
- Praça Juliana Moreira** (marked with a red pin)
- Atro Brasil In Pavão** (Sem avaliações)
- Abraço Carioca Favela Hostel** (Sem avaliações)
- Centro de Idiomas do Exército**
- Martins Degustare**
- Quilômetro**
- Museu de Ciências da Terra**
- Parque Bordinho Pão de Açúcar**
- Restaurante Terra Brasil**
- Praia Vermelha**
- Monumento Natural do Morro do São João**
- Mirante do Morro de São João**
- Parque Esportivo da Chácara**
- Américas Express**
- Américas Mercado**

 The map also shows various public transport options, including a bus stop (R. Carlos Costa) and a train station (R. Carlos Costa). The area is characterized by a mix of urban development, green spaces, and recreational areas.

93



COMO ESSA PRAÇA ESTÁ HOJE?



**NOTÍCIA: "SKATISTAS CARIOCAS E CAMPEÕES MUNDIAIS
CELEBRAM PRIMEIRA REFORMA DA PISTA DE BOTAFOGO:
PRATICANTES DO ESPORTE DIZEM QUE BOWL EM FRENTE AO RIOSUL É
UM DOS MAIS PERFEITOS DO MUNDO."
FONTE: O GLOBO (RJ), 2014**



RIO — A pista de skate da Praça Juliano Moreira está de roupa nova. Desde que foi inaugurada, no início da década de 90, a pista nunca passou por uma reforma. Até que, depois de muitas reivindicações dos praticantes do esporte, uma parceria entre o Shopping RioSul, a prefeitura e a empresa Rio Ramp Design, especializada na projeção, construção e reforma de pistas de skate, refez o espaço que é um dos preferidos dos skatistas da região.



- A Praça como um local de preservação da memória de Juliano Moreira;
- Espaço de ruptura contra uma sociedade racista;
- Local de representatividade negra, capaz de quebrar com a tendência de homenagear majoritariamente homens brancos.

Mas, podemos nos questionar se:

- Essa homenagem contribui para reparar o apagamento histórico em torno de figuras historicamente silenciadas?
- Como manter viva a memória de forma crítica e não apenas simbólica?



QUESTIONAMENTOS!

Ter uma praça que carrega o nome de Jullano Moreira é, sem dúvida, importante. No entanto, a luta por uma sociedade antirracista não se encerra nesse gesto. É necessário ampliar os debates, trazendo à tona não apenas a trajetória de figuras como Jullano Moreira, mas também de tantos outros personagens negros que tiveram e ainda têm suas histórias silenciadas.



**E AQUI EM UBERLÂNDIA?
VOCÊS SABEM QUAIS
MEMÓRIA ESTÃO SENDO
MANTIDAS NAS PRAÇAS E
RUAS ?**



EXEMPLO:

- PRAÇA TUBAL
VILELA/ISMENE
MENDES.



**BORA PARA UMA
ATIVIDADE FINAL
RAPIDINHA?**



RESPONDA AS SEGUINTE QUESTÕES:

1. VOCÊ JÁ CONHECIA A HISTÓRIA DO PSQUIATRA JULIANO MOREIRA?
2. COMO MANTER VIVA A MEMÓRIA DE PERSONAGENS HISTORICAMENTE SILENCIADOS DE FORMA CRÍTICA E NÃO APENAS SIMBÓLICA?
3. SE VOCÊ TIVESSE A CHANCE DE HOMENAGEAR UMA FIGURA IMPORTANTE QUE JÁ FALECEU, QUAL SERIA SUA ESCOLHA?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DOS SANTOS, YNAÊ LOPES. JULIANO MOREIRA: UM MÉDICO NEGRO NA FUNDAÇÃO DA PSQUIATRIA BRASILEIRA. NITERÓI: EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2020. 168 P. V. 3. ISBN 978-65-5831-016-7.

MATOS, AGATHA CRISTINA DE OLIVEIRA. DE TUBAL VILELA PARA ISMENE MENDES: O EXERCÍCIO DE DESVELAR MEMÓRIAS SILENCIADAS COMO UM DESAFIO ÉTICO, ESTÉTICO E POLÍTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA. 2020. 102 F. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA) UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA, 2020.

MEMORIAL DO PROFESSOR JULIANO MOREIRA. JULIANO MOREIRA: O MESTRE / A INSTITUIÇÃO. SALVADOR: EGBA: SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA, 2007.

ODA, ANA MARIA GALDINI RAIMUNDO. ALIENAÇÃO MENTAL E RAÇA: A PSICOPATOLOGIA COMPARADA DOS NEGROS E MESTIÇOS BRASILEIROS NA OBRA DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES. ORIENTADOR: PAULO DALGALARRONDO. 2003. TESE (DOUTORADO EM CIÊNCIAS MÉDICAS) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, 2003.

PORTOCARRERO, VERA. ARQUIVOS DA LOUCURA: JULIANO MOREIRA E A DESCONTINUIDADE HISTÓRICA DA PSQUIATRIA [ONLINE]. RIO DE JANEIRO: EDITORA FIOCRUZ, 2002. 152 P. LOUCURA & CIVILIZAÇÃO COLLECTION, V.4. ISBN 85-7541-019-9.

TEIXEIRA, JOSÉ PAULO ANTUNES. O DISCURSO DE JULIANO MOREIRA: PSQUIATRIA E POLÍTICA NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO BRASIL REPUBLICANO. 2013. 110 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM HISTÓRIA) - INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, 2013.

VHIEGAS, BÁRBARA. SKATISTAS CARIOCAS E CAMPEÕES MUNDIAIS COMEMORAM PRIMEIRA REFORMA DA PISTA DE BOTAFOGO: PRATICANTES DO ESPORTE DIZEM QUE BOWL EM FRENTE AO RIOSUL É UM DOS MAIS PERFEITOS DO MUNDO. O GLOBO RJ, 18 SET. 2014. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://OGLOBO.GLOBO.COM/RIO/BAIRROS/SKATISTAS-CARIOCAS-CAMPEOES-MUNDIAIS-COMEMORAM-PRIMEIRA-REFORMA-DA-PISTA-D E-BOTAFOGO-13956476](https://oglobo.globo.com/rio/bairros/skatistas-cariocas-campeoes-mundiais-comemoram-primeira-reforma-da-pista-d-e-botafogo-13956476). ACESSO EM: 7 JUL. 2025.



1.4 Resultados obtidos com a aplicação da regência

Apliquei a aula apresentada neste capítulo em uma escola estadual na cidade de Uberlândia-MG, através de uma parceria com o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LEAH), do Instituto de História, da Universidade Federal de Uberlândia¹⁵³. Essa regência foi executada em três turmas do primeiro ano do ensino médio. Neste tópico, pretendo discutir, portanto, algumas discussões e resultados que obtive através das aulas. É válido ressaltar que realizarei observações gerais acerca das aulas, a fim de prezar pelos direitos resguardados aos alunos, assim, utilizarei os resultados, sem mencionar o nome da escola ou dos estudantes¹⁵⁴.

Desse modo, durante o desenvolvimento das aulas, os estudantes mostraram acolhimento em relação às ideias discutidas. Como esperado, a maioria dos alunos não conhecia a figura ou a história de Juliano Moreira. No entanto, ao longo da explicação dos conteúdos, os jovens puderam mobilizar seus saberes sobre a temática. Inclusive, chamaram a atenção sobre a realidade de violência encontrada em outros hospitais psiquiátricos, como, por exemplo, o Hospital Colônia de Barbacena¹⁵⁵. Assim, conseguimos construir um saber compartilhado acerca das relações encontradas nesses locais de controle e disciplinarização dos corpos. Além, é claro, de discutirmos como o próprio Juliano Moreira se colocou, muitas vezes, contra a violência encontrada nestes espaços e contra teses racistas e deterministas, muito em voga no início do século XX.

Pensando em um primeiro momento na experiência do jornal na sala de aula, percebi que, ao utilizar este recurso, os jovens se mostraram muito interessados em ler as reportagens. Chegando a questionar sobre a diferença gramatical no português atual e do começo do século XX. Para mais, também observei que os estudantes ficaram surpresos com as diferentes relações traçadas pelo psiquiatra Juliano Moreira em sua trajetória, conforme apontado pela imprensa. Os alunos chegaram a perguntar diversas vezes se havia outras pesquisas sobre a vida deste psiquiatra e levantaram questionamentos sobre o funcionamento da própria pesquisa em

¹⁵³ Essa colaboração só foi viabilizada através da discente responsável pelo setor de eventos do LEAH, Emília Zanol de Souza e das professoras Nara Rúbia de Carvalho Cunha e Mislele Souza da Silva.

¹⁵⁴ Esta pesquisa preza pela proteção das informações dos alunos que participaram das aulas. Portanto, não será divulgado qualquer dado sobre a escola ou os estudantes, em conformidade com as leis n.º 8.069/1990 e n.º 13.709/2018. Cf. BRASIL. *Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 de jul. 1990; BRASIL. *Lei n.º 13.709, de 14 de agosto de 2018*. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei n.º 12.965, de 23 de abril de 2014. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 15 ago. 2018

¹⁵⁵ Para saber mais sobre a história do Hospital Colônia de Barbacena, conferir: ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial. 2013.

história, questionando se, a partir do meu trabalho, estariam encerradas todas as questões acerca de Moreira¹⁵⁶. O que evidencia como os estudantes participaram ativamente na construção de seus saberes durante as aulas e, como o trabalho com fontes impressas auxiliaram, assim como já mencionamos no primeiro tópico deste capítulo, a leitura e interpretação de textos dos discentes.

Destarte, quando iniciamos a discussão sobre a memória e o psiquiatra em questão, os alunos pontuaram a falta de uma placa ou estátua deste personagem na praça localizada no Rio de Janeiro. Segundo eles, esses elementos poderiam auxiliar as pessoas a conhecerem melhor a história desse médico. Quando os indaguei acerca de outras maneiras de manter viva a memória de Juliano Moreira, eles sugeriram várias ideias. Em geral, eles acreditam que temas envolvendo personagens marginalizados ao longo da história deveriam ser frequentemente trazidos às escolas. Além disso, destacaram a importância de colocar estátuas e placas em locais de memória para contar a história desses sujeitos que estão sendo homenageados. Por fim, os estudantes também mencionaram a produção de livros que expliquem a trajetória desses indivíduos de forma simples, voltados para os estudantes do ensino básico, e que possam estar disponíveis nas bibliotecas escolares, facilitando o acesso e ajudando a divulgar esses saberes que muitas vezes são silenciados ou esquecidos.

Ademais, quando discutimos acerca da memória que está sendo mantida na cidade de Uberlândia–MG, destaquei a praça Tubal Vilela e a luta pela mudança de nome da praça. Os alunos demonstraram conhecimento sobre a história dos personagens envolvidos neste caso. Durante as conversas, eles refletiram sobre os motivos que podem levar a cidade a continuar homenageando figuras como Tubal Vilela nas ruas e praças. Além disso, quando questionados sobre quais personalidades eles escolheriam homenagear, durante a atividade final, foram mencionados diversos nomes, como, por exemplo, Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, Van Gogh, entre outros.

De modo geral, acredito que todos os diálogos e resultados obtidos através dessa aula contribuíram para minha experiência pedagógica, permitindo-me perceber e vivenciar o ambiente escolar durante minha graduação, indo além das teorias e enfrentando na prática os desafios educacionais. Assim, acredito que ao final desta aula, consegui estabelecer um canal de comunicação com os alunos, que fomentou a reflexão sobre as questões abordadas. Dessa

¹⁵⁶ Essa questão foi respondida pensando no livro *Mitos Emblemas e Sinais: Morfologia e História*, de Carlo Ginzburg, que defende que as mesmas fontes podem ser relidas e reinterpretadas a partir de novos problemas. Assim, não existe um ponto final para uma pesquisa histórica, uma vez que cada pesquisador pode criar novas perguntas a partir das mesmas fontes ou temáticas, gerando interpretações distintas. Cf. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

forma, considero a minha experiência extremamente válida e ressalto a importância da interação prática dos estudantes de licenciatura com o ambiente escolar.

Considerações Finais

Chego, assim, ao fim deste trabalho monográfico. Durante este estudo, foi possível compreender uma vasta gama das pesquisas realizadas em torno da figura de Juliano Moreira. Assimilando o que vem sendo investigado sobre este sujeito, quais fontes foram utilizadas, as questões que já foram levantadas e as que ainda não foram. Além disso, foi possível dialogar com as referências encontradas, buscando, a todo momento, posicionar meu trabalho diante dessa diversidade de publicações existentes. Deste modo, perante tanta leitura, esforço e estudo, consolidei algumas questões centrais que foram debatidas ao longo desta monografia.

Dentre elas, como o psiquiatra Juliano Moreira, foi compreendido e noticiado pelos colaboradores dos periódicos entre os anos de 1910 e 1919, utilizando principalmente o jornal *O Paiz*. Assim, a partir de tais estudos, foi possível perceber a repercussão e atuação deste médico não somente na seara científica, mas também política. Isso foi extremamente rico para esta pesquisa, principalmente pensando na formação de um circuito entre médicos e política, disposto a interferir na construção de um país que se fazia nos primeiros anos de Proclamação da República. Pensando ainda no cenário de tantas reformas modernizadoras, que tinham como cerne da questão moralizante e higienista, fica ainda mais explícito como a medicina serviu a este discurso e, como os médicos, incluindo o Juliano Moreira, participaram desta conjuntura.

Seguindo esta perspectiva e utilizando como fonte os periódicos, percebi outra atuação de Juliano Moreira. Desta vez, como médico-legal, onde ele teve sua voz ouvida e considerada por seus iguais, principalmente em casos judiciais. Para aprofundar esta parte da pesquisa, utilizei dois casos específicos noticiados pelos jornais, o da Bárbara de Jesus e o do Francisco Manso de Paiva Coimbra. Assim, além de entender a atuação de Moreira nessas circunstâncias, pensando em outras possibilidades das trajetórias deste médico, tais estudos também nos permitem refletir sobre a construção e a estrutura de uma sociedade, destacando possíveis marcas de preconceitos. Dessa maneira, percebemos que, em uma sociedade marcada por princípios higienistas e de controle social, onde a Revolta da Vacina e a própria escravização foram processos recentes, os diagnósticos médicos, em especial o do Juliano Moreira, funcionavam como parte de um projeto social mais amplo. O que dialoga diretamente com as próprias questões levantadas no primeiro capítulo deste trabalho. Ademais, através das fontes jornalísticas, compreendemos como essas narrativas, como, por exemplo, a do Juliano Moreira, foram apropriadas entre seus pares e igualmente respeitadas pelas autoridades e pela própria imprensa.

Por fim, é extremamente valioso resgatar estas discussões e articulá-las ao ensino de História. Portanto, em meu terceiro capítulo, discuto possibilidades de realizar uma regência que pensasse em personagens negros no período do pós-abolição, como, por exemplo, o próprio Juliano Moreira, e a importância de dialogar com os estudantes sobre essas potencialidades. Como consegui realizar uma aula sobre a temática da Praça Juliano Moreira como um exemplo de ruptura contra o silenciamento de figuras constantemente marginalizadas, também utilizei os resultados desta experiência ao longo deste capítulo. Pensando em nossa sociedade atual, que ainda é tão marcada por tantos preconceitos, e onde as próprias reformas educacionais cortam tão profundamente a promulgação de um ensino crítico aos estudantes. Acredito que ser professor também é lutar contra esse sistema que sucateia o indivíduo a todo tempo, é se mobilizar na busca de se tornar um cidadão capaz de refletir sobre sua própria realidade e é entender a importância das escolas e, especificamente das disciplinas das áreas de humanas, como a História, na validação e na construção de um imaginário social que participe efetivamente da democracia e que consiga fazer com que suas vozes e interesses sejam ouvidos pelas elites.

Portanto, esta pesquisa não acaba aqui, as possibilidades, como já vimos, de pensar e pesquisar sobre o Juliano Moreira não são únicas, e nossas perguntas e fontes podem sempre se transformar. Portanto, agradeço a você, leitor, que me acompanhou até aqui e leu este trabalho! Que sigamos na construção de uma sociedade que recupere a memória de personagens constantemente silenciados, e que indaguemos as relações de poder existentes historicamente.

Fontes

A Noite (RJ), 1911-1957.

Careta (RJ), 1908-1960.

Fon-Fon! (RJ), 1907-1958.

Jornal do Commercio (RJ), 1827-2016.

O Paiz (RJ), 1884-1934.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA-FILHO, Naomar; SCHWARCZ, Lilia; MARI, Jair. Exceptional racism at the dawn of scientific psychiatry in Brazil: the curious case of Juliano Moreira. *British Journal of Psychiatry*, v.225, n.5, p. 469-470, 2024.

ALVES, Márcio Miranda. Do Jornal para o Romance: A história de um assassinato em O Retrato, de Erico Verissimo. *Interdisciplinar: Revista de estudos em língua e literatura*, Sergipe, v. 25, p. 61-76, 2016.

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, v. 1, 1980.

BLANCO, Carolina Valente dos Santos. *Controle social e o aval da psiquiatria: As histéricas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1904)*. Orientador: Marcos Bretas. 2020. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BORGES, Viviane T. Que história pública queremos? São Paulo: *Letra e Voz*, pp.213-220, 2018.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 16 de jul. 1990.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. *Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018*. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 15 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar?. *Anos 90*, v. 15, n. 28, 129–150. 2008.

CAMPOS, Heitor Moreira. *Cidadania por um fio: o caso Castro Malta (1884-1885) das páginas de jornais para a sala de aula*. 2024. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

CARDOZO, José Carlos da Silva. Na fronteira da família: entre a lei e a moral. *Em Tempo de Histórias (UnB)*, v. 17, p. 80-92, 2010.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Introdução. In: Chalhoub, S. e Pereira L. A. de M. (orgs.). *A história contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COHEN, Ilka Stern, Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN 978-85-7244-402-6. P. 113-114.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. In: Projeto História: *Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 35(2), 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 121-144, 1989.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. 3. ed. Campinas: [s. n.], 2022. 338 p. ISBN 978-65-87198-19-4.

DA SILVA, Carine Neves Alves. Colônia de Alienados de Engenho de Dentro (1911-1932). *XXIX Simpósio de História Nacional: Contra os preconceitos: História e Democracia*, Brasília, p. 1-17, 24 jun. 2025.

DE ANDRADE, Juliana Alves; BALESTRA, Juliana Pirola; DE VARGAS GIL, Carmem Zeli. Entrevista-Vera Carnovale - A dor do outro como tema nas aulas de História. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 179-203, 2018.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas* –2. ed. –São Paulo: Contexto, 2006.

DE VALENTIM, Renata Patricia Forain, et al. As mulheres da colônia de alienadas do engenho de dentro. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 13, n. 2, p. 42-60, 2019.

DEVINCENZI, Diego Speggiorin. *A crista do Chantecler: José Gomes Pinheiro Machado no jogo das mediações políticas brasileiras (1889-1915)*. Orientador: Luiz Alberto Grijó. 2018.

221 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DO NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 183 p.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Juliano Moreira: Um médico negro na fundação da psiquiatria brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2020. 168 p. v. 3. ISBN 978-65-5831-016-7.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e Poder no Brasil - 1901/1915: Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS)*. Orientadora: Karla Maria Muller. 2007. 195 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 83-102. ISBN 978-85-7244-402-6.

ENGEL, Magali Gouveia. A loucura na cidade do Rio de Janeiro: ideias e vivências, 1830-1930. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 133-136, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v6i7.8645535.

ENGEL, Magali Gouveia; ANGELIM, Daniel Moraes; ALMEIDA, Leandro Rossetti de; PADILHA, Leonardo Ayres. *Crônicas Cariocas e Ensino de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 352 p. Loucura & Civilização collection. ISBN: 85-85676 94-9.

ENGEL, Magali Gouveia. Psiquiatria e Feminilidade. In: PRIORI, Mary Del; BASSANEZI, Carla. *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 270-303. ISBN 85-7244-256-1.

FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.527-535.

FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.239-262.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p. ISBN 85-209-1010-6.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na idade clássica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. 11. ed. São Paulo: Perspectivas, 2019.

GAGLIETTI, Mauro. *Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política*. 1.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GENTILINI, Lorene Karoline Silva. *Compreensão de Leitura em Adolescentes e Fatores Associados*. Orientadora: Vanessa de Oliveira Martins-Reis. 2018. 127 p. Dissertação (Mestre em Ciências Fonoaudiológicas) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Marleide da Mota *et al.* A tribute to Juliano Moreira on his birth sesquicentennial. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, p. 273-275, 1 nov. 2022.

GRÜBLER, Luiz Carlos. *A utilização do jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas*. Orientador: Gilse Antoninha Morgental Falkembach. 2012. 82 p. Especialização (Especialista em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GUARNIERO, Francisco Bevilacqua; BELLINGHINI, Ruth Helena; GATTAZ, Wagner Farid. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. São Paulo. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 39, p. 80-84, 2012.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. Juliano Moreira e a Gazeta Medica da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1077-1097.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 38, n. 2, p. 432-465. abr./jun. 2014.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Nina Rodrigues, Psiquiatra: Contribuições de Nina Rodrigues nos campos da Psiquiatria Clínica, Forense e Social. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 76, n. 2, 2008.

LENE, Hérica. Memória e História da Comunicação: A participação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) no processo de profissionalização do jornalista. *Revista Brasileira de História da Mídia*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 19-29, 2013.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Katia. *Danação da Norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978. 559 p. v. 3.

MATOS, Agatha Cristina de Oliveira. *De Tubal Vilela para Ismene Mendes: O exercício de desvelar memórias silenciadas como um desafio ético, estético e político para o Ensino de História*. 2020. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MEIRELES, Ana Carolina Barros. *Direito e Loucura: um roteiro Noir - Uma breve análise do entrelace entre o racismo, a dependência química e as instituições jurídicas*. Orientador: Philippe Oliveira de Almeida. 2021. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Memorial Professor Juliano Moreira. *Juliano Moreira: O mestre / A instituição*. Salvador: EGBA: Secretaria de Saúde do Estado da Bahia; 2007.

MOURA, Antonia Wanessa Fernandes de. *As dificuldades na leitura e interpretação de texto em sala de aula*. 2024. 49 f. Monografia (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade Estadual do Piauí, Castelo do Piauí, 2024.

NARDI, Antonio Egidio; CARTA, Mauro Giovanni; SHORTER, Edward. The remarkable Juliano Moreira (1872-1933): an Afro-Brazilian psychiatrist, scientist, and humanist in an environment of slavery and racism. *Brazilian Journal of Psychiatry*. vol. 43, n. 3, pp. 237-239. May/Jun 2021.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação Mental e Raça: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. Orientador: Paulo Dalgallarrondo. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. A paranoia, segundo Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 4, ed. 2. p. 125-133. 2001.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 22, n. 4, p. 178-179. 2000.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 7, n. 1, p. 128-141, 2004.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo, *et al.* Dos males que acompanham o progresso do Brasil: a psiquiatria comparada de Juliano Moreira e colaboradores. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 788-793, dez 2005.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Juliano Moreira e a (sua) história da assistência aos alienados no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 721-727, dez 2011.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, p. 495-514, dez. 2010.

ODA, Ana Maria G. Raimundo; PICCININI, Walmor; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira (1873–1933): founder of scientific psychiatry in Brazil. *American Journal of Psychiatry*, v. 162, n. 4, p. 666, 2005.

OTHERO, Carolina de Oliveira Silva. Um olhar para a Base Nacional Comum Curricular a partir de experiências docentes: entre os dispositivos de controle e estratégias de resistência no ensino de história. In: OLIVEIRA, Gustavo de Souza; NASCIMENTO, Mara Regina do; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. *Ensino de História: Debates sobre questões contemporâneas*. Recife, EDUPE. 2024.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição*. Orientador: Humberto Fernandes Machado. 2006. 212 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 152 p. Loucura & Civilização Collection, v.4. ISBN 85-7541-019-9.

PORTUGAL, Fillipe dos Santos; PIMENTEL, Bruno Rodrigues. Juliano Moreira e a viabilidade da migração dos japoneses para o Brasil. *Simbiótica*, Vitória, v. 9, ed. 2, p. 73-98, 9 jul. 2022.

PRESTES, Célia Rosane dos Santos. Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e de outras figuras negras. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, Curitiba, v. 12, n. Ed. Especial: Caderno Temático: “III ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogos/os Negros/os e Pesquisadoras/es”. p. 52-77. 2020.

ROSSO, Laura Motter et al. Juliano Moreira: the black Brazilian who greatly influenced the modern school of Neurology in Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 79, n. 07, p. 650-653, 2021.

SAISSE, Clarice Fonseca. *Mulheres artistas psiquiatrizadas (1937-1992): Aurora Cursino dos Santos, Adelina Gomes e Stella do Patrocínio*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

SANGLARD, Gisele; CLAPER, Jeanine Ribeiro. Pretos e pardos nas instituições de assistência à saúde no Rio de Janeiro (1850-1919): um estudo sobre o louco-pobre. *Tempo*. Niterói, Vol. 27, n. 2, pp. 446 - 466, maio/ago. 2021.

SANTOS, Raquel Pinheiro dos. *Manoel Bomfim e Juliano Moreira: aproximações e oposições ao racismo científico na Primeira República*. 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify. 2010

SILVA, Giovanni Codeça. JORNAL O Paíz – intelectualidade e sociabilidade:: formação de opinião, produção e circulação de ideias na constituição das elites brasileiras no oitocentos. *XXIX de História Nacional Simpósio: Contra os preconceitos: História e Democracia*, [s. l.], 201

SILVEIRA, Renato Diniz. A correspondência entre Juliano Moreira e Hermelino Lopes Rodrigues: as relações de um mestre e seu discípulo na constituição do campo psiquiátrico em Minas Gerais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, ed. 2, p. 315-328, jun 2008

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501 p. ISBN 85-85756-88-8.

SOUSA. Eduardo Morales; FISCHER. Audrey Ribeiro. Homenagem a Juliano Moreira: sinônimo de representatividade e vanguardismo. *Debates em Psiquiatria*, Rio de Janeiro. 2024; 14:1-13. <https://doi.org/10.25118/2763.9037.2024.v14.1329>.

TEIXEIRA, José Paulo Antunes. *O discurso de Juliano Moreira: psiquiatria e política no processo de modernização do Brasil republicano*. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TEIXEIRA, Suelem Demuner. *O Rio de Janeiro pelo Brasil: a grande reforma urbana nos jornais do país (1903-1906)*. Orientador: Prof. Dra. Moema de Rezende Vergara. 2020. 240 p. Dissertação (Mestre em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da psicanálise no Brasil: Enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. *Revista de teoria da história*, v. 14, n. 2, p. 47-77, 2015.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, ed. 36, p. 59-73, jul-dez 2005.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú; CARVALHAL, Lázara. Juliano Moreira: a psiquiatria científica e o processo civilizador brasileiro. In: VENANCIO, Ana Teresa A.; DUARTE, Dias; Russo, Jane. *Psicologização no Brasil: autores e autoras*. Editora Mauad, Rio de Janeiro. 2005.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl.1, dez. 2011, p.35-52.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú. Doença Mental, Raça e Sexualidade nas Teorias Psiquiátricas de Juliano Moreira. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 283-305, 2004.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú; FACCHINETTI, Cristiana. Gentes providas de outras terras – ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v. 8, n. 2, p. 356-363, jun. 2005.

VHIEGAS, Bárbara. *Skatistas cariocas e campeões mundiais comemoram primeira reforma da pista de Botafogo*: Praticantes do esporte dizem que bowl em frente ao RioSul é um dos mais perfeitos do mundo. O Globo RJ, 18 set. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/skatistas-cariocas-campeoes-mundiais-comemoram-primeira-reforma-da-pista-d-e-botafogo-13956476>. Acesso em: 7 jul. 2025.

WADI, Yonissa Marmitt. "Entre Muros": Os loucos contam o hospício. *Topoi. Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 250-269, jan-jun. 2011.

WOELFERT, Alberto Jorge Testa. *Introdução à Medicina Legal*. 1. ed. Canoas: ULBRA, 2003. 162 p. ISBN 85-7528-070-8.

XAVIER, Érica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. *Antíteses*, v. 3, n. 6, p. 1097–1112, 2011.